

Catão
de Almeida Garrett

(de acordo com a 4ª edição)

ÍNDICE:

Prefácio da primeira edição

Carta a um amigo

Prefácio da segunda edição

Prefácio da terceira edição

Prefácio da quarta edição

Dedicatória à Cidade do Porto.

Catão

Prólogo

Tragédia

Notas

Variantes

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO¹

Conheço perfeitamente a dificuldade de uma composição dramática. Empregando a maior parte de minhas horas vagas – únicas que dou a versos e semelhantes passatempos – neste ramo de poesia que por inclinação amei sempre e por estudo cultivado, versando quase desde a infância, com *nocturna e diurna* mão, os teatros antigos e modernos, tenho de sua leitura constante colhido, quando menos, o conhecimento perfeito da dificuldade do género.

Lendo Sófocles e Ésquilo, Eurípedes e Aristófanes – ajudando-me, no pouco conhecimento da língua grega, das boas traduções latinas e francesas, e sobretudo da erudita e engenhosa obra do P. Brumoy – adquiri o gosto do teatro clássico e das belezas grandes e simples da Melpómene de Atenas, com o do sal acre e travessos risos de sua galhofeira Talia.

A tragédia grega, singela e vigorosa em Ésquilo, majestosa e sublime em Sófocles, só em Eurípedes decai alguma coisa em certa afectação de *moralizar* que depois em Roma estragou Séneca², e mais posteriormente em Paris *amaneirou* algumas vezes Voltaire.

Na comédia grega, simples *caricatura* ao principio dos caracteres contemporâneos, mais vaga e incerta no seu caminho de aperfeiçoamento, admirei a viveza dos ditos picantes, o engenhoso da imitação *ridícula*; porém mais nada. E não tendo outro escritor senão Aristófanes, até pela falência de comparação, foi indeterminado o meu conceito.

Não conhecia eu estas diferenças nos meus princípios; e o sentimento da admiração era o único da minha alma quando contemplava tais maravilhas.

A cena romana não me ofereceu senão Plauto, Terêncio e Séneca, ou, mais exactamente, algumas cópias desfiguradas dos originais gregos que, tendo largado o *pállo* de Atenas, vestiram a *toga* do Lácio que se lhes desajeitava nos ombros desafeitos.

Voltei-me ao teatro das línguas modernas, que não só colheram o beijo às belezas e primores gregos, mas souberam criá-las novas. Na tragédia a SOFONISBA de Trissino e a CASTRO de Ferreira, na comédia João del Enciña, Gil Vicente, Prestes e Ariosto com outros na Itália e Espanha, apresentam as primícias da moderna cena, que, ora moldada no clássico grego, ora no género romântico, formaram uma terceira espécie de ambas participante e que tantos esmeros e prodígios veio depois a dar ao teatro das línguas vivas.

Além de longa, fora bem superior às minhas forças a análise das peças dramáticas do riquíssimo teatro francês, dos não tão ricos mas quase tão extensos inglês e espanhol; e finalmente do novíssimo, porém talvez superior a todos, o italiano.³

Ninguém ignora que a conservação e apuro do género clássico se deve à França, e principalmente a Racine, Voltaire e Crébillon: mas poucos quererão conceder que Maffei e Alfieri o sublimaram e apuraram ainda mais que todos eles. Todos sabem que o género romântico, filho de Shakespeare, formou uma classe distinta e separada, que, suposto irregular e informe, tem contudo belezas próprias e particulares que só nele se acham.

Todas estas observações tenho eu encontrado nos filólogos modernos, e em todos

¹ Lisboa, 1822, na impressão Liberal, I vol. 8º – p. 132.

² Ou quem quer que é o autor das tragédias deste nome.

³ Frase ditada pelo entusiasmo de Alfieri.

ou quase todos os cursos de literatura. Mas o que me não lembro de ler é que este género romântico, combinando-se com o clássico, dando-se e recebendo mútuos socorros, formassem um género novo, cujos caracteres são bem salientes e cuja beleza incontestável. Segundo a minha opinião são classificáveis nele Corneille e Ducis em quase todas as suas obras ⁴, Schiller em muitas, e os modernos autores ingleses e espanhóis creio que em todas.

No que toca à espécie cômica, não se pode com exactidão dizer o mesmo. Pois decerto em França, desde o *MENTEUR* de Corneille até quase ao nosso tempo (em que Diderot, os seus *dramas* e os seus imitadores, fazendo um como cisma teatral, confundiram algum tanto os géneros) a comédia tem constantemente sido regular e clássica. Não diremos, porém, o mesmo da Inglaterra e Espanha, onde os géneros trágico e cômico, por muito tempo *amalgamados* e confundidos, começam a tomar seus distintos e separados lugares nas cenas das duas nações. Mais clássica se conservou a comédia italiana, suposto seu máximo escritor, Goldoni, muito propensa para o género romântico.

Em Portugal, se passarmos os antigos, não sei contar senão J. B. Gomes; pois dos outros todos creio que afoutamente se poderá dizer que não valem o trabalho de contá-los. Será isto defeito e falha nossa? Não teremos nós *la tête dramatique*, como os Franceses *l'épique*? – Não sei responder, mas nem por isso deixo, ou deixei desde que me entendo, de forcejar por encher, quanto em mim fosse, o vazio do nosso teatro. Serão talvez baldados os meus esforços; paciência:

*Eu desta glória só fico contente
Que a minha terra ame e a minha gente*

Assim dizia um dos maiores poetas e filósofos portugueses, e assim digo eu, o mínimo deles, mas não inferior em desejos e vontade ao grande e imortal Ferreira.

Começo a publicação dos meus ensaios dramáticos por uma tragédia e uma farsa ⁵, ambas feitas e representadas ultimamente. Outras tinha eu de mais antiga data; mas, sobre carecerem de grande emenda, e lha não poder eu fazer por agora, acresce demais a analogia destas com as presentes ideias, e o meu conceito, talvez errado, de sua melhoria.

A sociedade de curiosos que as levaram à cena, e que tanto aplauso lhes granjearam do mais escolhido público de Portugal, receberam pouco e pouco as porções da peça que se iam fazendo para os ensaios; e todos os membros dessa sociedade sabem quantas vezes se compunha na véspera o que no outro dia se tinha de ensaiar.

O êxito feliz duma empresa atrevida conduz sempre a novos atrevimentos. Assim a tragédia como a farsa receberam na cena um acolhimento que eu não esperava nem podia nunca imaginar. Contínuas instâncias de amigos e conhecidos, e até de desconhecidos, me resolveram afinal a publicá-las. Porventura irei agora desenganar esse mesmo público e, apresentando-lhe estes fracos ensaios sem o prestígio da cena, e desajudados da poderosa magia de actores excelentes, mostrar-lhes toda a pouca realidade de seu merecimento, e fazê-los envergonhar de seus aplausos!

Lisboa, 13 de Março de 1822.

⁴ O teatro alemão não fez escola sua; quase todo ele é inglês, pouco neste género misto, e porventura nenhum no clássico.

⁵ A farsa há-de incorporar-se em um dos tornos seguintes da colecção. (Nota de Garrett)

NOTA-BENE

O cru e mal digerido destas reflexões precedentes, e das que vão na seguinte carta, denunciam facilmente a idade em que se escreviam. Apenas algum erro de estilo corrigi, os outros não quis de propósito, pelas mesmas razões que já dei no 1 vol. desta coleção, prefácio do CAMÕES.

Os fundamentos de minhas opiniões literárias, ver-se-á que eram os mesmos há dezoito anos; desenvolveram-se, rectificaram-se, mas não mudaram. Mal, e como de criança, ai vem contudo (pág. 20) já pressentida a ideia de Goëthe na última parte do FAUSTO, sobre a combinação do clássico com o romântico que deve produzir e fixar a poesia moderna.

Foi, o *ultimatum*, a derradeira sentença do grande oráculo da nossa idade: a união da arte antiga com a arte moderna, da plástica com o espiritualismo, – do belo das formas com o belo ideal, da Helena *homérica* com o Fausto *dântico*, de cujo consórcio tem de nascer o belo Eufórmion, o génio, o principio, o símbolo da arte regenerada.

Lisboa, 12 de Dezembro de 1839.

CARTA A UM AMIGO ⁶

Que conceito formo do meu CATÃO? É a pergunta mais fora do comum que se tem feito. – Se imitei muito o de Addison, e que juízo faço deste drama? Menos difícil é que a primeira; porém, não me custa porventura menos a responder a uma do que a outra. Tinha protestado conservar perfeito silêncio sobre este famoso autor e sua mais famosa peça, por que não julgasse alguém que o severo dos meus reparos provinha de rivalidade ou presunção. Mas enfim quebro o protesto e vou satisfazer-te. A tragédia já está no prelo, e cedo poderás combinar as minhas reflexões com ela; pois, suposto a viste representar, só com meditado estudo se pode bem decidir de cousas dramáticas; e a cena ilude muito, e preocupa de mais com seus prestígios para nos deixar reflectir com a madureza e sossego necessários, que só no silêncio do gabinete se podem conciliar.

O que me parece do meu CATÃO? – Com toda a franqueza que me conheces, e sem a orgulhosa modéstia de certos autores que se humilham todos para que os louvem mais, com a sinceridade de amigo: *parece-me bem, e mal*. Gosto de algumas cousas, desgosto de outras.

Pelo que são regras principais de *unidades, exposição, nexos e desfecho*, cuido tê-las desempenhado. Enquanto ao resto não direi com tanta afouteza; e cousas há de que muito desconfio.

Mui difícil me era, não só o desenho dos caracteres, mas a sustentação deles. Para apresentar uns poucos de homens verdadeiramente romanos, e fazer no meio deles sobressair o actor principal, era forçoso suar muitas vezes, e desanimar algumas. Bruto, Pórcio e Mânlio, todos virtuosos, e virtuosos como republicanos verdadeiros, a cada momento se me tornavam Catões, e faziam por consequência divergir os raios do interesse dramático, que eu só no único protagonista queria e devia concentrar. Distingui-os quanto pude, esforcei-me em caracterizá-los por diferentes temperamentos e génios; pus peito em separá-los assim; já que a história e a verdade mos tinham unido tanto.

Como hei-de responder à tua segunda pergunta sobre Addison, na análise sucinta que de sua tragédia te faço, irei conjuntamente respondendo à primeira, segundo me lembrar, sem ordem nem sistema, que, sobre impróprios da familiaridade de uma carta, me dariam constrangimento e incómodo, que seguramente creio não quererás dar-me.

Desde que me entendo alguma cousa, e comecei a abrir livros de belas letras, ouvi sempre falar no CATÃO de Addison, como em um prodígio da cena, e porventura a primeira peça do teatro moderno.

Na ENCICLOPÉDIA, formais palavras, se diz: *Son Caton est le plus grand personflage, et sa piêce est la plus belle qui soit sur aucun théâtre*. Cesarotti e infindos outros falaram pela mesma boca. O próprio Voltaire, que lhe nega o foro de *tragédia*, não deixa de chamar-lhe um *chef-d'oeuvre*.

Ouvia eu e lia todas estas cousas, e de cada vez me dobrava o desejo de ver tão gabada peça, sem jamais a poder haver à mão pela suma raridade dos bons livros entre nós, e infinita escassez principalmente de todos os que não são franceses. Obtive enfim uma tradução francesa, meia verso meia prosa, mas tão má que o meu conceito então ficou cem vezes aquém do que havia imaginado. Li-a depois na versão do nosso Manuel de Figueiredo (bom homem, e de bastantes luzes, mas de nenhum talento poético, e

⁶ Esta carta nunca esperou sair a lume, nem sairia se me não constasse que algumas pessoas, atentando talvez simplesmente na semelhança do titulo, haviam asseverado que a minha tragédia não era mais que uma tradução da de Addison.

Foi inserta na primeira edição, de 1822.

perfeitamente ignorante até das mais simples leis do metro) e fiquei pior. Consegui finalmente o original; e, suposto mudei bastante do primeiro juízo, não foi absolutamente nem o podia ser, porque no contexto e fundo do drama, original e traduções eram a mesma coisa.

Antes de fazer as minhas reflexões, transcreverei as do eruditíssimo Schlegel, que pela maior parte com elas se combinam, e, com grande satisfação minha, até com as que, antes de ler a sua grande obra, eu havia feito.⁷

‘Addison, que era mais *bel esprit* do que poeta, meteu-se a expurgar a tragédia inglesa, e a submetê-la às pretendidas regras de Aristóteles. Dever-se-ia esperar que tão erudito homem, como ele era, necessariamente buscava avizinhar-se à tragédia grega: não sei se teve algum’hora essas intenções; mas é certo, porém, que o fruto dos seus esforços não foi mais que uma tragédia moldada e enfeitada à francesa. O CATÃO é uma obra fraca e de gelo, quase nua de acção, e que nunca toca o ânimo com a mais pequena força.’

‘Addison, fazendo uma composição tímida e acanhada, restringiu de tal sorte um grande quadro histórico, que, para encher o pano, houve mister de lhe introduzir cousas absolutamente estranhas. Recorreu aos amores da *tarifa*; e nesta peça se contam seis *paixões* (ou namoros), a saber: as dos dous filhos de Catão, a de Márcia, de Lúcia, de Juba e de Semprônio. Catão, como bom pai de famílias, não pode ter-se afinal que não arranje e conclua dous matrimónios; e entre tantos amantes, não há nenhum (sem exceptuar o mesmo Semprônio que é o *malvado* do drama) que não participe o seu pouco de simplesinho. Catão poderia talvez relevar tudo isto; mas quase nunca obra nem entra em acção, apenas se mostra para se fazer admirar e morrer depois.’

‘Poder-se-á pensar que a estóica resolução de um homem se matar, tomada assim sem paixão, e sem internos conflitos, não é favorável assunto para uma tragédia: mas não há assunto nenhum que por sua natureza seja desfavorável, e tudo depende da maneira por que se trata. Um vão escrúpulo sobre a unidade de lugar forçou Addison a deixar de fora a César, único carácter digno de fazer contraste ao de Catão: e nesta parte muito melhor que ele andou Metastásio’.

‘O estilo de Addison é simples e puro, mas sem fogo poético. O *jambo* não rimado⁸ de que usa dá ao diálogo mais liberdade, e uma forma menos *de convenção* que se não acha na maior parte das tragédias francesas; mas essas têm às vezes uma eloquência firme e concisa, onde jamais não chega o CATÃO de Addison.

‘Este célebre autor, para preparar o feliz acolhimento duma obra que tanta fadiga lhe havia custado, pôs em armas toda a milícia do *bom gosto*, todos os críticos grandes e pequenos, e à frente de todos Pope. CATÃO foi por toda a parte aclamado por um *chefe d’obra* sem par. E em que fundaram eles tais asserções? Na regularidade da forma? Mas os poetas franceses há mais de um século que a ela se haviam sujeitado, e, a despeito desse grilhão, tinham conseguido efeitos muito mais poderosos e patéticos. – No espírito político? Um só discurso de Bruto ou Cássio em Shakespeare mostra mais alma romana, mais energia republicana, que toda a tragédia de Addison. Duvido que semelhante peça produzisse jamais uma impressão viva e profunda.’

Tal é o conceito de Schlegel sobre esta tão afamada obra. O meu, como levo dito, não difere muito do dele, mas alguma cousa difere. Schlegel tem o defeito de todos os escritores que são escravos de suas próprias ideias, e do sistema que eles mesmos fabricaram: o que muitas vezes os força a dizer cousas que noutra reprovariam e de que não têm, nem dão, outra causa mais que a necessidade imperiosa de serem coerentes.

Lembrar-te-ás que muitas vezes lamentámos isto em Madame de Stäel e em

⁷ *Curso de Literatura Dramática.*

⁸ É o nosso verso solto ou branco.

Chateaubriand; e que pensámos ser muito principal origem do grande merecimento de Cícero e de Rousseau a sua incerteza ingénua – ou muito artificiosa – nesta parte.

O que Schlegel diz sobre a *regularidade clássica* mal entendida que Addison pretendeu e pensou dar ao seu drama, é exactissimamente certo. O género *romântico*, de que Shakespeare foi o criador entre os seus, e que era o próprio da cena inglesa, tem grandes defeitos, mas grandes formosuras: falta-lhe a beleza da simplicidade e regular elegância, mas sobeja-lhe a do ornato e enfeites ingénuos, conquanto demasiados. O género *clássico* tem outras qualidades e caracteres, entre os quais em primeiro lugar, a regularidade e simplicidade. O *misto*, que principalmente se deve a Voltaire e a Ducis,⁹ participa das belezas dum e doutro, sem cair nos defeitos do *romântico*, aformoseia visivelmente o *clássico*. ZAIRA, TANCREDO, ALZIRA, OTELO e o REI LEAR (de Ducis) provarão, melhor que todas as teorias, esta verdade.

Em qual destes três géneros escreveu Addison? Em nenhum. A sua tragédia é um arremedo infeliz do gosto francês, tem todos os defeitos do afeminado daquele teatro, sem ter nenhuma de suas belezas. Seis namoros! Racine e Crébillon, que foram os mais excessivos neste ponto, nunca se atreveram a tanto. Mas Racine pelo menos soube ligá-los sempre, e fazê-los dependentes da acção principal, quando eles mesmos a não eram. Crébillon as mais das vezes o fez, suposto com muito menos arte, e essa menos fina e delicada. Mas no CATÃO de Addison são verdadeiramente – verbos de encher; tanto têm eles com a acção capital, como os nossos antigos *graciosos* das óperas do Judeu com Medeia e Jasão. Demais a mais, têm a habilidade de ocupar quase sempre a cena, e deixar raras vezes aparecer sobre ela o principal actor e acção. A traição de Semprónio Sífax é motivada por namoro, as mortes de Semprónio e Marco por namoro, toda a *intriga* ou nexo do drama por namoro; Catão entretém-se também com todos estes namoros, e mata-se afinal – depois de dormir o seu pouco na cena – sem se saber verdadeiramente porquê; pois não aparece uma causa imediata, qual deveria ser a chegada de César, mas simplesmente a da ruína geral da liberdade, que desde o primeiro acto existia e que portanto desde o princípio devera ter produzido seu efeito, e morto Catão, que era a catástrofe, acabar logo a *peça*. Esta suspensão da catástrofe, que é o nexo da acção, uma das origens do interesse, e uma das mais difíceis regras trágicas na sua execução, falha e falta absolutamente na tragédia inglesa.

Eu não exigiria, como Schlegel, que Addison metesse a César no seu drama, nem farei depender dessa circunstância a beleza principal dele. Também li a peça de Metastasio e aí o vi, mas não me agradou. Porventura, se hoje escrevesse a minha tragédia, o faria eu: mas não me lembrou então o verdadeiro modo de o fazer bem, e por isso o não fiz.

No que em grande parte discordo de Schlegel é no severo conceito que forma do estilo de Addison. Convenho que sobejas vezes é frio e desanimado, porém muitas é sublime e elevado como ao género cumpria. O monólogo do quinto acto é uma obra prima de poesia, tanto nas ideias como no estilo: assim ele fosse dramático e próprio da cena; mas infelizmente cai-lhe ao justo a sentença de Horácio:

Sed nunc non erat his locus.

O muito que me afastei de Addison, da simples comparação destes reparos com o meu drama o podes colher. A personagem de Bruto, que é a segunda na minha tragédia, não aparece na dele; eu não tenho damas nem *namoricos*; a exposição, o nexo, a catástrofe da minha peça são outras absolutamente. Aproveitei-me, porém, dalguns

⁹ Quando no prefácio deste livro toquei igual matéria, esqueceu nomear este grande trágico na frente dos que no género misto escreveram. Foi devido à pressa com que rascunhei aquelas linhas.

pensamentos felizes e sublimes, que não são poucos em Addison. Mas o número dos que imitei não é excessivo: digo *dos que imitei*, porque tradução, não a fiz eu de um só verso inglês.

Para formares melhor ideia, transcrever-te-ei aqui os lugares todos de que falo, com a tradução literal, e combinando-os com os correspondentes no meu drama, poderás conhecer com exactidão o que digo.

Acto I. Cena I. (Addison's Cato)

The dawn is overcast, the morning low'rs,
And heavily in clouds brings on the day,
The great, th'important day, big with the fate
Of Cato and of Rome.

*Coberta está a aurora, a manhã desce,
E pesada, entre nuvens traz o dia,
Dia grande e importante que pejado
Vem dos destinos de Catão e Roma.*

O lugar correspondente na minha peça é na cena 5 do I acto.

Acto I. Cena II.

Let us once embrace,
Once more embrace, while yet we both are free.
Tomorrow should we thus express our friendship,
Each might receive a síave into his arms.
This sun, perhaps, this morning sun's the last
That e'er shall rise on Roman liberty.

*Deixa que inda uma vez nos abracemos,
Mais uma vez, enquanto somos livres.
Nossa amizade se amanhã quisermos
Desta sorte expressar, receberemos
Cada um de nós nos braços um escravo.
Este sol, porventura, este sol de hoje
É já o derradeiro que se ergue
Sobre a romana liberdade.*

Corresponde a esta passagem a da cena 5 do I acto no meu drama.

Acto I. Cena II.

My father has this morning call'd together,
To this poor hail, his little Roman senate,
(The leavings of Pharsalia).

*Meu pai em esta humilde, pobre sala
Seu pequeno senado de Romanos
(Relíquias de Farsália) hoje convoca.*

Destes versos são paralelos os da mesma cena 5 do I acto.

Acto I. Cena II.

Not all the pomp and majesty of Rome
Can raise her senate more than Cato's presence.
His virtues render our assembly awful,
They strike with something like religious fear,
And make even Caesar tremble at the head
Of armies flush'd with conquest. Oh, my Portius!
Could I but call that wond'rous man my father!

*Toda a pompa de Roma e majestade
Não poderia alçar tanto o senado,
Quanto a presença de Catão o eleva.
Suas virtudes tornam formidável
Nossa assembleia, elas quase imprimem
Um medo religioso, e a César fazem
Tremem frente dessas mesmas tropas
Soberbas de conquistas. Oh meu Pórcio!
Pudesse eu chamar pai a tão grande homem!*

A imitação desta passagem é no acto I, cena 5 do meu drama.

Acto II. Cena 2.

Fathers, we once again are met in council:
Caesar's approach has summon'd us together,
And Rome attends her fate from our resolves.
How shall we treat this bold aspiring man?
Success still follows him, and backs his crimes:
Pharsalia gave him Rome, Egypt has since
Received his yoke, and the whole Nile is Caesar's.
Why should I mention Juba's overthrow,
And Scipio's death? Numidia's burning sands
Still smoke with blood. 'Tis time we should decree
What course to take. Our foe advances on us,
And envies us ev'n Lybia's sultry deserts.
Fathers, pronounce your thoughts: are they still fix'd
To hold it out and fight it to the last?
Or are your hearts subdu'd at length, and wrought
By time and iii success, to a submission?
Sempronius, speak.

*Inda em conselho, ó padres, nos juntamos:
De César a chegada nos reúne,
E Roma o fado seu de nós espera.
Como devemos nós tratar esse homem
Audaz, empreendedor? Ainda o segue*

*E protege os seus crimes a fortuna.
 Farsália lhe deu Roma, o Egipto cede
 Desde então ao seu jugo, e o Nilo é dele.
 Porque mencionarei de Juba a queda,
 A morte de Cipião? De sangue fumam
 As queimadas areias da Numídia.
 É tempo de assentar qual mais devemos
 Seguir estrada. Sobre nós caminha
 Nosso inimigo, e nos inveja ainda
 Estes da Líbia tórridos desertos.
 Padres, pronunciai os vossos votos.
 Fixos em persistir são eles inda,
 E em pelejar até o fim constantes?
 Ou vossos corações já submetidos,
 Cansados pelo tempo e desfortuna,
 Estão à servidão? Semprônio, fala.*

O lugar em que imitei alguma cousa esta fala é no acto II, cena I.

Acto II. Cena II.

My voice is still for war.
 Gods! can a Roman senate long debate
 Which of the two to choose, slav'ry or death!
 No, let us rise at once, gird on our swords,
 And at the head of our remaining troops
 Attack the foe, break through the thick array
 Of his throng'd legions, and charge home upon hini.

 The corpse of half her senate
 Manure the fields of Thessaly, while we
 Sit here delib'rating in cold debates...
 Or wear them out in servitude and chains.
 Rouse up, for shame! our brothers of Pharsalia
 Point at their wounds, and cry aloud – To battle!
 Great Pompey's shade complains that we are slow.

*O meu voto está inda pela guerra.
 Deuses! pode um senado de Romanos
 Debater longamente sobre a escolha
 De escravidão ou morte? Não, ergamo-nos,
 Duma vez, empunhemos as espadas,
 E à frente dessas tropas que nos restam
 O inimigo atacemos; pelo meio
 Das espessas fileiras avancemos
 De suas legiões amontoadas,
 E de golpe sobre ele carreguemos.*

.....
Os corpos de metade do senado

*Servem de adubo aos campos da Tessália,
Enquanto aqui nós outros assentados
Em frias discussões deliberamos
Se à honra nossas vidas votaremos,
Ou se havemos de em ferros consumi-las.
Despertai; que vergonha! Os irmãos nossos
De Farsália as feridas nos apontam,
E altamente nos bradam: – À batalha!
A grande sombra de Pompeu lamenta
A nossa lentidão; e a nós d'em torno
Queixosa de Cipião volteia a sombra.*

Assemelha-se a esta, na minha peça, a fala de Bruto na cena I do II acto.

Acto II. Cena II.

Let not a torrent of impetuous zeal
Transport thee thus beyond the bounds of reason.
True fortitude is seen in great exploits
That justice warrants, and that wisdom guides:

.....
Are not the lives of those that draw the sword
In Rome's defence entrusted to our care!
Should we thus lead them to a field of slaughter,
Might not th'impartial world with reason say
We lavish'd at our deaths the blood of thousands
To grace our fail, and make our rum glorious?

*Não te deixes dum zelo impetuoso
Transportar da torrente além dos termos
Da razão. O esforço verdadeiro
Nos grandes feitos que a justiça apoia,
Que a prudência dirige, é que se mostra.*

.....
*Daqueles que de Roma na defesa
Desembainharam as espadas suas,
Ao nosso cuidado confiadas
As vidas não estão? Se nós ao campo
Da mortandade assim os conduzirmos,
Imparcial não poderá o mundo
Dizer, e com razão, que nós de tantos
Co'a nossa morte o sangue esperdiçámos
Para ornar nossa queda, e mais gloriosa
Fazer nossa ruína?*

Corresponde a esta passagem a do acto II, cena 2.

Acto II. Cena IV.

..... Bid him disband his legions,

Restore the commonwealth to liberty,
Submit his actions to the public censure,
And stand the judgment of a Roman senate.
Bid him do this, and Cato is his friend.

.....
..... Tho' Cato's voice was ne'er employ'd
To clear the guilty, and to varnish crimes,
Myself will mount the rostrum in his favour,
And strive to gain his pardon from the people.

*As suas tropas despeça, à liberdade
Restitua a república, submeta
Suas acções à pública censura,
E a decisão aguarde do senado.
Obre assim, e Catão é seu amigo.*

.....
*Nunca a voz de Catão foi empregada
Em crimes paliar, ou salvar culpas,
E contudo hei-de eu mesmo em favor dele
Subir aos rostros, forcejar, pôr peito
Para alcançar o seu perdão do povo.*

Na minha tragédia, acto II, cena 3, ocorrem os versos paralelos.

Estes são, meu amigo, os lugares que de Addison imitei; digo que imitei de propósito, porque, se em alguns outros me encontrei com suas ideias e expressões, efeito foi do assunto e não por determinada intenção. Não repares nos maus versos da tradução literal que pus ao pé do original inglês: esforcei-me por ser exacto e fiel, e essa Vontade me não deixou ser bom metrificador.

E aqui tens com toda a sinceridade quanto sei e posso responder às tuas perguntas, remetendo-te, sobre Addison, aos muitos que dele e do seu CATÃO escreveram, e sobre a minha peça a esses senhores sabichões do Mondego que tudo entendem, tudo sabem, de tudo mofam, mas nada fazem. – Sou de todo o coração muito teu amigo, etc.

Lisboa, 13 de Março de 1822.

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

A extrema indulgência com que este drama foi recebido do público impunha, há muito, ao autor a obrigação de o emendar, e tornar mais digno de tão lisonjeiro favor do que ele saíra na primeira edição. São todavia passados mais de quatro anos desde que ela se extinguiu, e só agora, na preguiçosa convalescença de longa enfermidade, apareceu breve remanso de mais sérios trabalhos que se lhe pudesse dar.

Sobre feíssima de erros de imprensa, saiu aquela edição com todas as falhas de ‘primeiro molde’, incorrecta no estilo, falta de natural e verdade na frase. Além destes senões de colorido, acresciam alguns, e muitos, no desenho; – impropriedades na fábula ou enredo do drama, inexacções nos caracteres e semelhantes. Todos estes defeitos nasceram dos vinte e tantos dias em que a tragédia foi composta, ensaiada e representada ¹⁰, – e dos vinte e um anos que então doudejavam no sangue de quem a escrevia. A todos esses, e ao mais capital deles – a tibieza e pequenez do quinto acto, se pôs peito em evitar nesta edição.

Sem escrava submissão aos factícios preceitos do teatro francês, nem revolucionário desprezo das verdadeiras regras clássicas (que hoje é moda desatender sem as entender); nem caminhando de olhos fechados pelo estreito e alinhado carreiro de Racine, – nem desvairando à toa pelas incultas devesas de Shakespeare, – procurou o autor conciliar (e não é impossível) a verdadeira e bela natureza com a verdadeira e boa arte.

O desanimador estudo do coração humano, o fatal conhecimento das humanas paixões, e de sua influência e acção nas revoluções políticas, o habilitaram para entender agora melhor o seu Tito Lívio e o seu Plutarco. Assim comentados pela experiência de dez anos de revolução, estes dous grandes fanais da história antiga guiaram o autor da tragédia nas reformas que nela fez, no desenho de seus caracteres, e no colorido de muitas cenas que, na primeira edição, visivelmente mostravam a mão inexperta do pintor que as traçava sem ter donde copiar do vivo.

Estes exemplares o dirigiram e alumiarão em toda quanta emenda, correcção e aumento aparecer agora; a eles se reporta de toda a dúvida que na intelligência de uma ou outra alusão houver, para eles apela de toda a construção equivocada, a eles se agrava de toda a interpretação malevolente que lhe derem.

Vinha naquela primeira edição uma carta do autor sobre a imitação que neste drama há, ou havia, do celebrado CATÃO de Addison. Julgou-se escusado reimprimi-la aqui, por longa e de pouca monta.¹¹ Baste dizer, em suma, que – fábula, interesse, mecanismo dramático, tudo é diferente nas duas tragédias. A de Addison tem seis paixões ou namoros de tarifa, como lhe chama Schlegel ¹²; e conclui, na catástrofe, com dous matrimónios:

nesta nem há amantes nem casamentos nem mulheres. Um moderno viajante ¹³ inglês disse da tragédia portuguesa: ‘Perhaps the happiest idea of our (the Portuguese) poet is the contrast which he draws between the two characters of Cato and Brutus: both of which are well sustained.’ ‘A mais feliz ideia do nosso poeta (o português) é talvez o

¹⁰ A sociedade de curiosos que primeiro a levou à cena, e que tanto aplauso lhe granjeou do mais escolhido público que ainda se juntou em teatro português, recebia, pouco a pouco, as porções da tragédia, ao passo que se iam compondo: e todos os membros dessa sociedade (que excepto um, estão vivos e são) presenciaram quantas vezes se compunha na véspera o que no outro dia se tinha de ensaiar.

¹¹ Vai reimpressa nesta edição por satisfazer a muitas pessoas que manifestaram desejo de comparar em tudo as duas primeiras edições do Catão. – *Nota da terceira ed.*

¹² *Curso de Liter. Dramática*; sobre Addison.

¹³ Mr. Kinsey’s *Portugal Illustrated*.

contraste que ele apresenta entre os dois caracteres de Catão e de Bruto, os quais ambos são bem sustentados.’

Bastaria este ponto singular para distinguir perpétua e caracteristicamente uma da outra tragédia. Os raios do interesse dramático, que, na inglesa, divergem para os intrincados amores de Pórcio, e Marco, e Semprônio, e Juba, e Márcia, e Lúcia – na portuguesa convergem todos para o protagonista, em quem, e na pátria e na liberdade que dele são parte e nele coexistem, todo quanto é, o drama se concentra, em acção, em meios, em incidentes, em interesse – desde a primeira linha da exposição até à última sílaba da catástrofe.

Os namoros de Addison tecem, movem, enredam e desatam todo o fio de seu drama. Os mais nobres afectos do coração humano, a amizade, o amor paterno e o filial, a devoção cívica, o falso e o verdadeiro patriotismo, o entusiasmo cego, e o ilustrado zelo da liberdade, – com todas as paixões revolucionárias em seus variados graus e matizes, são o único móvel do Catão português, de todos seus caracteres, cenas, – da fábula inteira.

E contudo, apesar de tanta disparidade, tem ele expressões, versos inteiros imitados de Addison. E porque não, se elas são boas e eles belos? Contar-se-ão, porém, raros os lugares imitados: e a semelhança decerto mais a produziu a comum leitura de Plutarco do que nenhuma outra coisa. E não lembra mais de que acusar neste ponto. Se outras imitações descobrir o leitor, saiba que se lhe não quiseram ocultar, e que em se não declararem, só há culpa de memória.

Representou-se esta tragédia, a primeira vez, em Lisboa, por uma sociedade de curiosos, em Setembro de 1821. Outra sociedade de igual natureza lhe fez a mesma honra no ano seguinte, em Leiria, com permissão do autor. Entregue, em certo modo, pela impressão, ao público, foi primeiro representada em público teatro, em Santarém, no ano de 1826. Também exilada na geral proscricção de 1828, veio aparecer em Plymouth, onde, se houvermos de crer os jornais ingleses desse tempo, tão perfeitamente desempenhada foi por vários oficiais e outros distintos emigrados portugueses, – que até dos ‘spectadores britannos’ se não poderá o autor queixar, como o desterrado Sulmonense dos pouco menos duros Getas:

*Barbarus hic ego sum quia nec intelligor ulli,
Et rident stolidi ‘verba latina’ Getae.*

Associado a grandes épocas nacionais, – nacional pela adopção pública, o ‘Catão português’ sai agora (se não foi vão o cuidadoso esmero e o longo trabalho do autor) mais digno desse antigo foro, que ainda há-de ser illustre e de honrar, por mui abatido e sevandijado que hoje o tenham.

O assunto é o mais nobre, mais heróico e mais trágico de toda a história antiga e moderna. Representando as últimas agonias da mais solidamente constituída república da Antiguidade, – a *moralidade política* do drama naturalmente reflecte muita luz sobre a grande questão que ora agita e revolve o mundo: e mostra (talvez mais claro que nenhuns tratados) a superioridade das modernas formas representativas, e a excelência da liberdade constitucional ou monárquica. O leitor, o espectador tirará sem esforço a conclusão do poeta:

*Nunquam libertas gratior extat
Quam sub rege pio.*

Onde a realza legítima faz parte integrante da constituição, não há medo que os

dous elementos naturais da sociedade, a democracia e a aristocracia, rompam o equilíbrio em que as tem o ceptro, fiel, que deve ser, da balança do Estado: não há temor de que ambicioso demagogo fatigue o povo com distúrbios e excessos, para o colher exausto e o açaimar então com a mordança da tirania. Dêem-lhe o nome que quiserem, chamem-lhe rei ou imperador, César ou czar, se as leis não estabelecerem uma realeza moderada e paternal para conter as paixões ambiciosas dos cidadãos, – a realeza ilegítima da revolução, a tirania, virá sem leis, contra as leis, e as destruirá. Deste perigo só livra (quando livra) a oligarquia aristocrática e a negra boca do Leão de S. Marcos. E qual dos flagelos será pior? – Nem o rei profeta saberia escolher. Há um grande, mas solitário, documento contra esta doutrina, no Novo Mundo. Mas dura há mui pouco tempo; e exemplos em política precisam de ter cães para convencerem.¹⁴

Londres, 15 de Abril de 1830.

¹⁴ Em linguagem mais chã: Os Estados Unidos da América do Norte não são ainda uma nação formada, sólida, compacta, com carácter, costumes, génio e índole sua própria; e só quando o forem poderemos ajuizar dos resultados do, por ora tão novo, experimento.

PREFÁCIO DA TERCEIRA EDIÇÃO

Imaginaram algumas pessoas menos reflectidas que as sucessivas correcções que tenho feito a este drama lhe haviam alterado a contextura e carácter primitivo. Uns o julgam, sim, melhorado na frase e mais perfeito como obra literária, mas agorentado no sentimento, afroixado no terso e duro do pensar forte que o caracterizava; outros supuseram que a primeira concepção de mancebo entusiasta vira a grande questão política que aqui se agita, com diferentes olhos do que a vê hoje o homem maduro, experimentado – fatigado talvez, – desapontado, quem sabe?

Ambas estas observações foram feitas à segunda edição autêntica do drama, a qual se concluiu em Londres em 15 de Abril de 1830, e que decerto era mui diferente da primeira, feita em Lisboa em 1822. E uns o diziam como censura, outros como louvor, segundo o partido, ou matiz de partido, de cada um.

Nenhum me ofendeu nem lisonjeou, mas todos me julgaram mal em um ponto: as minhas opiniões, os meus sentimentos, as minhas simpatias como homem, como cidadão, como filósofo tal qual, como cristão verdadeiro e sincero, não variaram desde que me conheço, – espero amortilhar-me nelas. Um me entrou no primeiro sangue com o leite que mamei dos peitos de minha virtuosa e extremosa mãe; outras se me esculpíram no cérebro mole com a educação liberal, mas rígida e severa, em que fui duramente moldado desde a infância, por meu pai, um dos homens mais honrados e austeros que ainda houve nesta terra, – por um tio, filólogo, sábio e erudito daqueles que já não há e que Deus sabe quando tornará a haver em Portugal.

De quinze anos entrei no mundo; tenho vivido muito em pouco: já creio que não há circunstância na vida – pública ou particular – por que não tenha passado; e todavia, quando hoje, nas horas de mais sossego e paciência, me aplico a receita do oráculo de Delfos, sinto-me a mesma têmpera de espírito que me deram: o que padeceu foi só o corpo. Inda bem!

Releio as minhas primeiras composições, – rio de tanta criancice, divertem-me as puerilidades de estilo e conceito que já tomei por coisas tão cabais... Mas nos sentimentos e nas crenças da alma só lhes acho faltas, impropriedades e exagerações de frase – ignorância, não erro. Sinto, pois, e penso como sempre senti e pensei; e bem, – ou me engana a consciência. Muita vez escrevi e obrei diversamente, e por consequência mal: quero emendar-me: faço-o.

Eis aqui a única mudança que em mim acho, e a diferença, portanto, que nesta e nas outras minhas obras só pode achar o leitor sincero.

A segunda edição autêntica de CATÃO, correcta e elaborada pelo estudo profundo e quase teimoso dos autores latinos e gregos que trataram de coisas romanas, somente nisso difere da primeira, conforme se disse em seu prefácio que aqui vai reimpresso. E por satisfazer a amigos que mo pedem, bem como para desengano de algum incrédulo, vão também, no fim do volume, as variantes da primeira para a segunda edição.

Esta terceira quase que não altera da segunda; mas o leitor achará todavia igualmente notadas, no fim, as poucas e pequenas variantes que tem. Posso dizer que trabalhei conscienciosamente e com escrúpulo no aperfeiçoar deste drama, procurando sobretudo dar-lhe aquele sabor antigo romano que até já nos derradeiros escritores latinos estava perdido, e que tão raro é de achar em imitações modernas. Para esse fim somente, para me familiarizar e pôr, como se fora, de casa com os meus actores, traduzi de Plutarco as vidas de Catão (o menor ou uticense) e de César. Pesa-me que os limites circunscritos do volume me não deixem inserir aqui ao menos a primeira. Julgar-se-ia melhor da sinceridade e boa fé com que procurei transfundir, em suco e sangue para a

verdade dramática, a verdade e exacção histórica de que aqueloutra vive, isto é, a dos costumes e caracteres.

A dramática é uma literatura nova para nós, – ou perdida, que tanto vale. Mas realmente é nova; pois que os primeiros cultivadores apenas semearam, por uns claros da devesa em terra crua, quatro ou cinco sementes que vegetaram à sombra, mal fornidas de corpo e seiva. Poucos as viram vivas; quando morreram, ninguém no soube: ficou a memória vaga de uma pouca de semente que se perdera – e nada mais. Mas esta mesma saudade atormentou a nação e os seus poetas; e para a enganar, iludiam-se indo buscar estacas de árvores estranhas, criadas noutras terras, afeitas a outro trato, e meteram-nas na nossa terra. A terra é boa, dá tudo; a estaca parecia pegar... mas não: esta é planta que só nascediça produz bem: vinham quatro flores desbotadas, duas frutas outoniças, e secava.

E nesta parábola está a história do nosso pobre teatro. Não era mingua de talento nos poetas, era o mau método, o princípio errado com que trabalhavam.

Antes do CATÃO já eu tinha feito muita tragédia, e comédias também; todas sensabores. Excepto a MÉ- -ROPE – que talvez reveja e complete ainda – rasguei as outras: eram das tais inspiradas do reflexo estrangeiro, de –portuguesas tinham as palavras; no mais pensadas em grego, em latim, em francês, em italiano, em inglês – que sei eu!

No CATÃO senti outra coisa, *fui* a Roma; fui, e fiz-me Romano quanto pude, segundo o ditado manda: mas *voltei* para Portugal, e pensei de português para portugueses: e a isso atribuo a indulgência e boa vontade do público que me ouviu e me leu.

Foi uma regeneração para mim: foi caírem-me dos olhos as trevas de Tobias com os fígados do peixe trazido de tão longe. Não está na fábula (ou entrecho), não está nos nomes das pessoas a nacionalidade de um drama. Inês de Castro pode ser francesa, – e português Édipo: tudo depende do *rito* com que os evocar, do *jazigo* para sobre (*sic*) o teatro, o sacerdote que faz os esconjuros.

Parece-me que esta convicção se vai generalizando. Um homem sem talento, mas de grande tino, juízo e erudição, a tinha já tido antes; foi o honrado Manuel de Figueiredo, de cujo volumoso teatro poucos sabem até que existe: lê-lo, isso é para exemplares paciências. Pois ganha muito quem o fizer, que há ali oiro de Énio com que fazer muitos Virgílios.

Estas guerras de «alecrim e manjerona» em que andaram clássicos e românticos por esse mundo, e que já sossegaram em toda a parte, vão a começar agora por cá. É como na política e em tudo, não se aprende nos exemplos, nos erros alheios: triste condição da humanidade que só de seus próprios desvarios escarmente cada um! Paciência! Quanto a isso, só quero aqui reiterar os meus antigos protestos de que não sou clássico nem romântico. Porquê? Porque tratei de saber o que era uma coisa e o que era a outra antes de me apaixonar por nenhuma. Sucedeu-me o que me tem sucedido em tudo, e o que a todos sucederá que o fizerem: achei razão a uns e a outros, segui-os nela, e deixei-os brigar no mais, – que não vale a pena da briga. Assim é de tantas brigas deste mundo! O clássico rabugento é um velho teimoso de cabeleira e polvilhos que embirra em ser taful, e cuida que morrem por ele as meninas. O romântico desvairado é um peralvilho ridículo que dança o galope pelas ruas, e toma por sorrisos de namorada o supercilioso olhar da senhora honesta que se riu de pasmo de o ver tão doudo e tão presumido – mas tão sensabor.

Lisboa, 19 de Novembro de 1839.

PREFÁCIO DA QUARTA EDIÇÃO

O presente volume, fenómeno raro em Portugal, é uma quarta edição feita em vida do autor, e para as nossas proporções, dentro de mui breve tempo. A primeira edição do CATÃO, feita em Lisboa, extinguiu-se em poucos meses; a segunda, de Londres, em dois anos; e a terceira – que foi a nossa primeira – em menos de três anos também estava exausta, apesar das contrafeições brasileiras.

Sempre mais correcto e progressivamente melhorado por seu escrupuloso e infatigável autor, o CATÃO sai, nesta quarta edição autêntica, tão perfeito quanto a uma obra humana é dado sê-lo.

Vê-se desta estatística que o bom gosto se não perde em Portugal, e que as monstruosidades da chamada escola moderna não fazem esquecer a arte verdadeira. O CATÃO lançou os fundamentos do teatro contemporâneo; GIL VICENTE, O ALFAGEME e FR. LUÍS DE SOUSA o vão edificando por um estilo que nos não deixa cair nas extravagâncias e exagerações desse romantismo efémero que já vai passando na Europa, e que após si traz a inevitável reacção que também já em França se sente. A literatura portuguesa não gastará os seus talentos nesses dois excessos, graças ao nosso autor, que, em meio das Sérias e trabalhosas ocupações da sua vida, tem sabido tirar algumas horas para dar a estes labores que rara vez são tão avaliados dos contemporâneos, mas que a posteridade coloca sempre, depois, acima de todos os outros.

Mais feliz do que muitos, o autor de CATÃO vê, ainda no verdor da idade, calar-se a inveja dos émulos, bradar alto pelo mundo a fama de suas obras já conhecidas de nacionais e estrangeiros, e entrar, por seus esforços, a língua e a literatura portuguesa no caminho do progresso, a par das outras nações que tanto atrás a tinham deixado.

Este último resultado sabemos que o lisonjeia, sabemos que é seu principal fim, e por isso nos comprazemos de o consignar aqui quando lho vemos alcançado com tanta glória.

Lisboa, 15 de Julho de 1845.

À. MUITO. NOBRE
SEMPRE. LEAL. E. INVICTA. CIDADE DO

PORTO

PROPUGNADORA. FORTÍSSIMA

DA. LIBERDADE

CONSTITUCIONAL

ILUSTRE

PELO. SANGUE. DE. SEUS. MÁRTIRES

O.D.C.

TESTEMUNHO. DE. AMOR. E. DEVOÇÃO

A. SUA. PÁTRIA

J-B. DE. ALMEIDA. GARRETT

MDCCCXXX.

Catão

TRAGÉDIA

Representada, a primeira vez, em Lisboa, no teatro do Bairro Alto, por uma sociedade de curiosos, em vinte nove de Setembro de

MDCCCXXI.

*

PESSOAS:

CATÃO
MARCO BRUTO
MÂNLIO
PÓRCIO
SEMPRÓNIO
DÉCIO
JUBA
POVO

*Senadores, lictores, libertos, soldados,
romanos e númidas.*

Lugar da cena: Utica.

PRÓLOGO ¹⁵

Hoje, invocando as musas lusitanas,
Calçando co'a mão trémula o coturno,
Venho tímido expor nas cenas pátrias
Um caso atroz da memoranda Roma.

Da Líbia ardente nos torrados plainos
Arquejando vereis a Liberdade,
Vê-la-eis moribunda soluçando
Expirar sobre a areia, – e inda de longe
Volver o extremo olhar ao Capitólio.
Honra, valor, virtude, esforço e glória,
Tudo acaba com ela nesse instante.
Algozes ferros, ásperas cadeias
Da miseranda Roma algemam pulsos...
Mas da pátria infeliz o negro opróbrio,
Catão não o há-de ver, – morre primeiro.
Vê-lo-eis, esse homem, o maior dos homens,
D'homem, de pai, de cidadão deveres
Desempenhar romano, – e morrer homem.
Vê-lo-eis tranquilo desafiar a sorte,
E ainda nos momentos derradeiros
Fazer no sólio estremecer tiranos,
Pasmara a terra e envergonhar os numes.

Da malfadada Roma última esp'rança,
Bruto vereis também: n'alma agitada
Ver-lhe-eis lutar co'a pátria a natureza,
Mas a pátria vencer. Ódio implacável,
Desesp'rado furor que avexa essa alma,
Lhe vem do coração bramar nos lábios.
Um dia inda virá que o braço ardido
Quebre de um golpe os ferros do universo...
Heroísmo e valor, terror e espanto
Só vereis neste quadro sanguinoso.
Envolta em negro luto a lira austera
Só troa sons de morte: as cordas duras
Estremecidas fremem com o incerto
Palpitar da vingança; – e mal se escuta
Abafado suspiro de ternura
Em que amor filial, em que amizade
Tímidos, receosos se carpiram.

Meigos affectos de paixões mais brandas
Não espereis ouvir: Só fala a pátria
Em corações que a pátria só conhecem.

¹⁵ Recitado pelo autor na primeira representação, a que somente assistiram amigos e famílias conhecidas.

Romanos estes são, – mas vós sois lusos:
E de romano a português que dista?
Foram livres aqueles, – vós sois livres;
Cidadãos, – vós o sois; homens, – sois homens:
Pelos campos da glória e liberdade
Onde o Tibre correu, corre hoje o Tejo.

E Roma é escrava!... E a desgraçada Itália
Sucumbiu, e nem geme! Em qual abismo
De mágoa e de vergonha está sepulta
A pátria de Catões, de Brutos, Cássias!
Oh nódoa nos anais da humanidade!
Oh, quem pudesse à história do universo
Arrancar essa página d'infâmia!
Amargo é recordar memórias cruas
De dó, de pejo – mas lembrá-las cumpre:
A tempo sirvam de escarmento – e exemplo
Para atalhar o mal na origem dele.

E tu, sexo gentil, delicias, mimo,
Afago da existência e encanto dela,
Oh, perdoa se a pátria te não deixa
O primeiro lugar em nossas cenas.
Não esqueceste, não; porém ciosos
São nossos corações de liberdade:
Onde impera a beleza, amor só reina;
Foge onde reina amor, a liberdade.

E vós, vós todos, assembleia ilustre,
Os erros desculpai do ingénuo vate.
Foi só meu coração que fez meus versos:
Por ele julgai só. Louvor e aplauso
Nem o quero de vós nem o suplico:
Vede expirar Catão; dentro do peito
Guardai desse romano alma e virtudes.
Se o conseguem meus versos, se me é dado
Esse prémio alcançar de meus trabalhos,
Audaz, afoito, satisfeito e pago,
Ao resto irei da Europa – do universo –
Louvor, censuras desprezar sem medo.

ACTO PRIMEIRO

Praça. – Vestíbulo e pórtico de antiga e rude arquitectura romana, a um lado.

CENA I

MARCO BRUTO, MÂNLIO

(saindo do vestíbulo)

MARCO BRUTO

Sei tudo – e tudo ouvi sobejas vezes;
Nem posso ouvi-lo mais. O Céu, que a Roma
Nos pôs coluna extrema em seus desastres,
Não quer prantos de nós. Valor, constância,
Virtude são os únicos remédios
Para os males da pátria. Lamentá-la,
Chorá-la em ócio vil é ser covarde,
E não ser cidadão, – não ser romano.

MÂNLIO

Mas ouve...

MARCO BRUTO

Tudo sei. – Que Roma é escrava;
Que o senado traidor, que o povo indigno
Folgam nos fenos que lhe doira o crime;
Que César coroado da vitória
Ao carro triunfal leva – execrando!
As romanas virtudes manietadas;
Que essa prole bastarda de Quirino,
Espúrios filhos, enfezado sangue
De Cipiões, de Fábios, Cincinatos,
Essa turba infiel vendeu contente
Braços e coração, virtude e glória
A troco de oiro vil; – que impera ovante.
Que exulta Júlio sobre a pátria em cinzas;
E que do desonrado Capitólio
Ousa ditar os fados do universo;
Enfim, do Povo-rei ser rei... Ah, Mânlio,
O termo abominável, execrando
Que mal cabe nos lábios dum romano!
Sei tudo – e tudo n'alma tenho impresso
Em fogo – que incessante ma devora.
Mas ao peso da sorte inda não curvo:

O Tenho no peito coração romano;
E enquanto a espada do tirano César
Mo não souber varar, não cedo a César.

MÂNLIO

Tua nobre constância admiro e louvo:
Romana é, – romana desses tempos
Que para sempre... sempre se acabaram.
Oh, se ela nos salvasse, Marco Bruto!
Se desse coração faiscar pudesse
Cintila que acendesse a morta cinza
Em que toda esfriou, de consumida,
A virtude latina! – Mas tu mesmo,
Catão próprio o confessa: a nós e a poucos,
A poucos mais, os deuses reduziram
Da triste liberdade os defensores.
Nos quase abertos, derrocados muros
D’Utica só nos resta amparo débil;
Por suas brechas sem conto, a cada instante
Nos entra a escravidão, nos foge a pátria.
Nossas legiões tão poucas, tão cansadas,
Fracos sobejos da fatal derrota
Do infeliz Pompeu...

MARCO BRUTO

E desse nome,
Diz, não basta a memória desonrada
Para acordar o coração dormente
Dum senador romano? Oh santos inanes!
Oh veneranda sombra, muita ainda!
Nos sanguinosos campos de Farsália
Vagas não-propiciada e gemebunda...
E o vil que ousa romano apelidar-se
Será, Mânlio, será?...

MÂNLIO

Será da pátria
O tirano opressor.

MARCO BRUTO

Ele! – Primeiro
Há-de Catão morrer,

MÂNLIO

Dous golpes juntos

No seio maternal sofrerá Roma.

MARCO BRUTO

Que sofra mil, e que não seja escrava.

MÂNLIO

Ah, que aproveita, Marco, o sacrifício!
Tão quebrados, sem forças, de que serve
Esta luta de poucos moribundos
A pelejar por mais uma hora escassa
De vida incerta! – Engano, engano cego!
À pátria agonizante e quase extinta
Que podemos fazer?

MARCO BRUTO

Morrer com ela.

MÂNLIO

Se o sacrifício aproveitasse!

MARCO BRUTO

Chamas
Sacrifício ao dever! – Este é o voto
De Catão: bem o sabes. E tu dizes-te
Amigo dele!... Sê digno do amigo.

MÂNLIO

Oh!...

MARCO BRUTO

Basta, Mânlio, basta: esses discursos
Serão prudentes, mas ofendem-me alma,
E o coração rebela-se de ouvi-los...

(pausa considerável)

Olha, vês tu a aurora? Despontando
Ela aí vem no horizonte carregado;
Triste, pálida, a medo nos arrastra
O dia – o dia porventura extremo
De nossa liberdade. – Oh Roma, oh pátria!
Céus que o raio guardais, no mundo há crimes
Que os de César igualem? Que justiça

Fazeis na terra, omnipotentes deuses!

(pausa breve)

Mânlio, este dia é o dia destinado
A decidir a sorte dos Romanos.
Por ordem de Catão solenemente
Se congrega o senado. Os teus receios,
Tua prudência ai podes expor-lhe.
Encontrarás talvez quem te oiça e aplauda:
Não eu, Mânlio, não eu.

CENA II

MÂNLIO

só

Mancebo louco!

Cego corres após esses fantasmas
Que em teu ingénuo coração virtuoso
Só hoje moram. Terás cãs, – e c’o alvo
Das cãs te virá negra experiência:
Então, então verás com que sonhaste.
Romano! Ideias vás! Já não existe
Essa glória, esse nome tão famoso.
Nem a feroz virtude deste jovem
Nem de Catão a rígida constância
Erguem do túmulo a defunta Roma.
Nunca! – O punhal das cívicas discórdias
Rasgou-lhe o seio, quebrantou-lhe os membros;
Roma não vive já. – É César, César
Quem hoje é Roma, e que é senhor do mundo.
Tudo lhe cede. – E nós, mesquinhos restos
Ao furor escapados de Farsália,
É que havemos de opor-nos à torrente
Que arroja aos pés de César o universo!
E por amor de quê? Da liberdade...
Liberdade! – Qu’ é dela, a liberdade?
Quanta nos deram Mário, Sila? – Quanta
Nos daria Pompeu se triunfante
Com suas legiões volvesse ao Tibre?
Roma, Roma, os teus dias são contados;
Tu queres um senhor: tê-lo-ás. Os Quíncios
Já não voltam. Sem honra, sem virtude,
Sem aquela pobreza santa e livre
De Fabrício, onde vai a liberdade!
Marco Túlio venceu a Catilina,
E hoje – molemente passeando

Em seus jardins de Túsculo, revendo-se
Em mármore de Atenas, manso e quedo
Filosofando vai. – Que ressurgissem
Os Gracos; – bradariam ‘Liberdade
E pátria’, como os nossos Gracos de hoje:
Mas só bradar: tiranos ou escravos
Seriam como nós... – Cortai nos vícios,
No orgulho, e então... – Quem é este? É Semprônio
Que aí vem. Alma pérfida e covarde!
Ide ouvi-lo às coortes declamando:
Nem o próprio Catão tem mais no peito
Aquele devoção, aquele zelo
Da liberdade antiga. – Oh tempos, tempos!
E ainda quer Marco Bruto de tais homens
Fazer romanos – com romanos destes
É que se há-de salvar a pátria!

CENA III

MÂNLIO, SEMPRÓNIO

SEMPRÓNIO

Mânlio,
Falaste com Catão? Que te disse ele?
Seu nobre esforço, amigo, que medita?
Como intenta salvar-nos? Que defesa
Havemos de fazer nestas ruínas
Contra esse imenso exército que aperta
Sobre nós de hora a hora? Que esperanças
Da moribunda – morta liberdade
Conserva ainda?

MÂNLIO

As de morrer com ela.
Incapaz de torcer, firme, indomável,
Não vê, não ouve, não atende a nada!
E entanto cresce o mal, e a cada instante
Foge o remédio.

SEMPRÓNIO

Um resta.

MÂNLIO

Qual?

SEMPRÓNIO

(à parte)

Tentemos

Este velho. – (alto) Seguir os teus conselhos
Moderados, prudentes.

MÂNLIO

Meus conselhos!
Nunca tos dei, nem... – O meu voto é logo
Para o senado: ai o ouvirás franco
Sincero, leal.

SEMPRÓNIO

Mas nós sabemos todos
Tua opinião. Eu, longo tempo, incerto
Duvidei: mas enfim não resta escolha.
O universo é de César: honras, graças,
Mercês, riquezas – tudo ele dispensa;
E tudo perderemos se teimosos
Persistimos na luta vã, inglória...

MÂNLIO

Inglória!

SEMPRÓNIO

Inglória sim, que a vida, a fama
Esperdiçamos loucos por quimeras.
Gloriosa foi a causa da república
Quando o favor dos móveis Quirites
Tinha Sedes curuis, e tribunatos,
Consulados que dar: nobre, distinto
Era então ser campeão da liberdade.
Hoje que importa cortejar a plebe,
Lisonjear-lhe a inconstância caprichosa?
Que podem os ciosos cavaleiros,
Os soberbos patrícios? De que valem
Seus sufrágios? Voltemo-nos a César.
A calva ocasião é esta agora.
Corramos-lhe ao encontro: generoso
E magnânimo é Júlio: há-de quebrar-lhe
As iras todas submissão tão pronta,
Tão resignada – e nós salvos, benquistos
Do senhor do universo, porventura

Quinhoaremos também nos seus despojos.

MÂNLIO.

(à parte)

Vil, indigno!... Estes são os nossos Gracos.

(alto)

E Catão?

SEMPRÓNIO.

Ah!... Catão. – Esperas dele
Que atenda ao bem comum, que deixe os sonhos
De sua estóica, vã filosofia,
Que sacrifique o orgulho de um sistema?...

MÂNLIO.

Orgulho, ele! – A tua alma não entende,
Não conhece aquela alma. Homem mais simples,
Mais singelo, mais chão, menos fastoso,
Que ostente menos, menos se conheça
E de suas virtudes saiba o preço,
Não criaram os céus, nem o áureo tempo
Viu de nossos avós na antiga Roma.

SEMPRÓNIO.

Pois... eu também conheço... essas virtudes,
E as sei avaliar. Porém que importam,
Que nos podem fazer tantas virtudes?
César, amigo, César formidável,
César, que precedido da vitória
Marcha à frente de inúmeras coortes,
Que, à exceção deste pouco da Nuntídia,
– De poucos palmos de torrada areia –
Vê curvado a seus pés o mundo inteiro,
César não tarda sobre nós; e é tempo
De resolver enfim.

MÂNLIO.

Toca ao senado
Deliberar: Catão para isso o ajunta:
E Catão bem conhece o nosso estado
E a possança de César. Mas sua alma
Da velha dura têmpera romana

Não verga assim. Minha opinião (pois queres
Sabê-la, e tua franqueza – tão notável!
Me anima) é diferente, oposta à dele.
E logo no senado hei-de impugná-la,
Aberta e nuamente. Em vivas cores
Hei-de pintar o estado miserável
Da pátria, e o nosso; o abismo a que a arrastamos
Se, para não quebrar, nossa virtude
Não dobra um tanto ao peso da fortuna.
Tais são minhas tenções. E há muito sigo
Repugnante esta luta tão baldada,
Em que a alma de Catão, seu grande nome,
Suas virtudes são a única força
Dum partido impotente, e lacerado
De facções, de traições, de ódios, de invejas,

(pausa)

De avarezas, cobiças. – Mas, Semprônio,
Tu que sempre no foro, no senado,
No campo, em toda a parte declamaste
Contra mim, contra a fácil indulgência
Dos que julgam prudente, necessário
Tratar c’o vencedor, ceder um pouco
Para não perder tudo, – tu da plebe
Ídolo, oráculo, orador, – que ante ela
Bruto acusas de tímido; e suspeitas
Soltaste a miúdo da virtude austera
Do rígido Catão, – por que prodígio,
Nesta hora do perigo, em que a romana
Virtude, e toda a cívica firmeza,
Constância, devoção são necessárias,
Como, por que prodígio, tão dif’rente
Tão outro falas! – Certo, no senado,
Teu voto, de fraqueza não suspeito,
Muitos convencera.

SEMPRÔNIO

E pensas, Mânlio,
Que ante esses homens cegos, iludidos,
Que em Catão vêem seu deus, que existem nele,
Que o falso brilho deslumbrou da glória,
Que o vão, que o louco amor duma quimera
A que chamaram pátria e liberdade,
Antepõem aos próprios interesses,
As honras, à ventura, à mesma vida–
Que ante homens tais minhas tenções exponha,
Que lh’alegue razões que eles não ouvem?
Fora imprudente e de nenhum fruto o risco.

Antes ver-me-ás, unindo-me a seu voto,
De suas ilusões vestindo a máscara,
Entusiasta orador da liberdade,
Clamar, bradar vingança, e guerra e sangue,
Ostentar márcio ardor, romana audácia;
E de mim afastar quaisquer suspeitas.
Sinceridade! – Pois tu não receias
Os ímpetos de Bruto?

MÂNLIO

Não receio,
Onde estiver Catão, violência alguma
Contra quem livremente, e como é d'homem,
Dá seu voto e tenção.

SEMPRÓNIO

Muito confias:
Eu não. – E só a ti, crê-me, a ti, Mânlio,
A ninguém mais em Utica, me atrevo
A revelar meu íntimo e secreto,
Verdadeiro pensar. Santa amizade,
Além do sangue, nos uniu há muito:
Tu não me hás-de trair...

MÂNLIO

Eu, trair!

SEMPRÓNIO

Digo,
Não declares...

MÂNLIO

Sim, sim; fica-te embora.
Não te hei-de descobrir: segue no engano;
Ilude, mais essa hora que te resta,
As desvairadas turbas. – E que importa
Acordar ora ou logo, se o terrível,
O fatal despertar é sempre o mesmo!

CENA IV

SEMPRÓNIO

só

(depois de considerável pausa)

Disse de mais; falei, fui muito claro:
E este velho, prudente, moderado...
Ama, adora Catão como os mais cegos
Que o têm por deus, por imortal. Embora!
Mânlio é honrado, daquela honra antiga
Doutros tempos; e não me trai. – Honrado!
O miserável, co'a alma incerta e vaga
Flutuando entre o medo e entre a esperança,
Nem sabe o que deseja. – E eu?... Sou covarde,
Mais covarde do que ele: não me iludo.
Mas pode mais que a covardia o ódio
Neste peito ralado da acre sede
Da inveja. Meus projectos têm falhado
Com a estúpida plebe. Vis! Adoram
O homem que eu aborreço, que detesto,
Esse Catão, esse ídolo de néscios!
Oh, que raiva lhe eu tenho! Alma rebelde,
Tu me oprimes c'o peso aborrecido
Dessas tuas virtudes. Quanto eu dera
E te pudesse ver um crime n'alma!
Afrontoso suplicio! – E ele conhece-me,
Conhece-me e despreza-me. – Oh, vingar-me,
Vingar-me hei-de eu. Tua cerviz altiva
Há-de criar vergão sob o apertado
Jugo de César. Não te salva a morte,
Que vivo – vivo hás-de cair no laço.

(pausa considerável)

Ei-lo aqui vem o príncipe dos Númidas,
Louco! A cega vaidade deste bárbaro
Há-de ser instrumento proveitoso
De meus desígnios. Nem será difícil
O enganá-lo. – Vem com ele Pórcio.
Que náusea que me faz este mancebo!
Ambos, ambos de dous. – E como affectam
Do pai o tom sentencioso e grave,
A pomposa virtude, o olhar austero!
Mas o Númida é Númida: no sangue
Ardente do Africano a febre é fácil,
De inflamar pronta, e desvairar no cérebro
Essas lições romanas de prudência.
Cumpre dissimular, fingir com eles.

CENA V

SEMPRÓNIO, PÓRCIO, JUBA

PÓRCIO

Oh meu Semprónio, oh firme, certo amigo
Da moribunda Roma, espírito, alma
Do vacilante povo, enfim te encontro!
Há muito te buscava.

SEMPRÓNIO

Salve, Pórcio.
Do maior dos romanos digno filho,
Esperanças da pátria! – Meu amigo,
Eis-me aqui. Nestas horas de agonia,
Grata consolação é ver unidos
No funeral da pátria os que inda podem
Carpi-la sem remorso e sem vergonha.

PÓRCIO

Meu Semprónio, abracemo-nos ainda
Por esta vez, que ainda somos livres.
Ai! talvez amanhã não poderemos
Fazê-lo já – sem nos acharmos ambos
No vergonhoso amplexo dum escravo.
Que disse eu! amanhã... ah, porventura
Este sol que aí nasce é o derradeiro
Que luz sobre a romana liberdade.

SEMPRÓNIO

Confias pouco nos supremos deuses:
Teu venerando pai, suas virtudes
Inda nos restam.

PÓRCIO

Ah! meu pai como há-de
Resistir só por si à conjurada
Força de homens e fados? É só ele
Na terra, – e a terra toda é já de César.
Suas nobres tenções hão-de ir ao cabo,
Sua constância férrea não vacila;
Morrerá, porém, livre. Mas nem todos
Com a alma de Catão os dotou Júpiter.

JUBA

E quem tão vil será?

PÓRCIO

Não sei: mas vagam
Entre as coortes dissensões, murmúrios...

JUBA

Mas não entre os meus Númidas. – Se fosse...

PÓRCIO

Não, príncipe; a vileza em nossos dias
Toda é romana. Há traidor oculto
Que anda excitando esses quebrados restos
Das legiões de Pompeu, à rebeldia.
Quem ele seja ignora-se...

SEMPRÓNIO

(à parte)

A seu tempo
O saberás.

PÓRCIO

Que dizes?

SEMPRÓNIO

Nada: indigna-me,
Custa-me a crer que exista um monstro...

PÓRCIO

Existe.
E encoberto, inda mal! Porém que importa
Seu maquirar, suas traições já'gora!

(Vão passando alguns senadores, que entram pelo pórtico.)

Aí vão concorrendo à humilde cúria
Essas tristes relíquias de Farsália
A que ainda senado apelidamos...

JUBA

Apelidas... que dizes! – Toda a pompa
Triunfal de Roma, todo o brilho antigo

De sua glória, ao senado nunca deram
Tão solene realce e majestade
Quanto a presença de Catão. – Seu nome,
Seu nome só é como um selo augusto
Que, a despeito dos numes, santifica
A causa que ele abraça; – é força ingente
Antemural onde o ímpeto se quebra
De tantos, tão vaidosos inimigos.
Quem pode ouvi-lo, vê-lo só, e n'alma
Não sente um religioso terror santo,
Que oprime e eleva, humilha e exalta o ânimo,
Como o aspecto de um nume? É Roma inteira,
O génio de Quirino que está nele,
É o terrível deus do Capitólio,
Génio de Quirino que está nele,
E diante do qual o próprio César,
César à frente de hostes invencíveis,
Soberbas de conquista do universo,
César triunfador treme e vacila.
Ah, se em vez de me dar bárbara pátria
Nestes sertões inóspitos da Líbia,
Me outorgaram os Céus nascer romano;
Se, como tu, pudesse, ó caro Pórcio,
Chamar-lhe pai. – Não há maior ventura
Que possam numes conceder na terra.

PÓRCIO

Teu coração, amigo, te compensa,
Nova pátria te dá. Nascer romano
É glória só quando estremados feitos,
Quando virtude austera desempenham
Nome – que foi tão nobre... e hoje! – Príncipe,
Do vício a nódoa, as máculas do crime,
Não as podem lavar do Tibre as águas.

SEMPRÓNIO

(*à parte*)

Não posso ouvi-los mais. – (*alto*) Meu Pórcio, deixo-te:
Não tarda que o senado se convoque.
Desta sessão solene e derradeira
Depende tudo. Adeus! É necessário
Incitar uns, sustar a vacilante
Virtude de outros. – Príncipe, o teu nobre
Esforço e coração Roma precisa
Nesta hora de perigo – extrema... a última
Talvez! – porém amigos como Juba
Nesta hora é que se acham.

JUBA

Não duvides
De mim, romano. O sangue não vingado
De meu pai inda aí está revendo fresco
Diante de meus olhos. Na orfandade
Tua pátria me adoptou; tua pátria é minha.
Ao menos para dar por ela a vida,
Roma é tão minha como tua.

CENA VI

PÓRCIO, JUBA

PÓRCIO

Juba,
Que tens, que tão severo respondeste
Ao senador? Tão triste e pensativo
Fitas no chão os olhos carregados;
Em que meditas?

JUBA

Eu? – Na mal-azada,
Pouca ventura minha, que me trouxe
À situação penosa em que vejo.
Pórcio, tu – tu conheces a minha alma;
Mas eles não. Suspeitam-me, duvidam
Da minha fé: estranho sou, um bárbaro
Entre vós.

PÓRCIO

Entre nós, tu, Juba! – Enganas-te:
Amam-te, querem-te, honram-te. Não ouves
Meu pai como te fala, quantas vezes
Te chama filho?

JUBA

Teu pai, sim: oh, esse
É o maior dos homens, o mais nobre,
Mais generoso, mais leal. Mas, Pórcio,
Quantos Catões há em Roma? – Este Semprônio
Desconfia de mim.

PÓRCIO

Ele!

JUBA

As palavras

Que me disse ao partir... Não reparaste
Como falou de amigos, da arriscada
Hora do p'rito?

PÓRCIO

Quê! interpretaste

O seu dizer assim? – Não dê, amigo,
A vãs suspeitas atenção funesta.
Assaz, príncipe, assaz nos sobram causas
De dor e de aflição. Ai! todo o esforço,
Toda a virtude de Catão não bastam
Para sustentar o peso do infortúnio.
E que pode ele só contra a torrente
Dum povo inteiro, uma nação d'escravos
Que humildes correm a acurvar-se ao jugo!
Em Utica encerrado, triste chefe
Dum exército frouxo e destroçado,
O que há-de ele esperar, – que nos sobeja
Dessa vã sombra de senado e Roma?

JUBA

Sobeja-nos Catão: e é muito ainda.

PÓRCIO

É muito: – porém quanto há-de durar-nos!
Vamos, amigo, vamos, que a hora chega,
Vê-lo entrar para a cúria. Aproveitemos
Esta ocasião de contemplar ainda
Mais uma vez aquela face augusta
Reverberando toda a majestade
Da extinta Roma, – e ouvir o som tremendo
Daquela voz que, em meio do senado,
Troa como eco dessa voz divina
Com que a nossos avós salvou da infâmia
Jove Stator. – Como o severo aspecto,
Tão severo e tão plácido! – me infunde
Respeito e amor! – Disseste bem, meu Juba:
Feliz a quem tal pai os deuses deram!
Mas... ai de mim! oh, que presságios negros
Me agoira o coração no sobressalto
Com que me anseia, nestes baques rijos,

Desencontrados que me dá no peito
Co'a só lembrança. a ideia de perdê-lo!
Prouvesse aos deuses imortais que ao menos
Adiante eu vá, – nem veja o sacrifício
Que nas aras da pátria... Indigna Roma,
E merece-lo tu? – Eternos deuses,
Como sofreis que o vício, o crime, a infâmia
Reinem sós, coroados do perjúrio,
Na avassalada terra! – Amigo, vamos:
Seja maior que a mágoa o sofrimento;
De atormentar-nos se envergonhe o fado;
E se cumpre ceder, cair co'a pátria,
Caiamos sim, mas homens, mas Romanos.

ACTO SEGUNDO

Interior dilapidada de antigo edifício bárbarico, preparado para convocação do senado

CENA I

CATÃO, MÂNLIO, MARCO BRUTO, SEMPRÔNIO,
lictos, senadores.

Vão entrando os senadores e tomando seus assentos, que estão dispostos em semicírculo. – Depois de breve espaço, Catão, precedido de lictos. Os senadores se erguem para o saudar. Permanecem todos em silêncio por algum tempo. Catão levanta-se para falar ao senado, e se lhe inclina.

CATÃO

Padres de Roma, augustos senadores
Da pátria moribunda único apoio,
Quanto inda folgo de vos ver unidos,
De contemplar em vós esses Conscritos
Que de sobre o tremendo Capitólio
Repartiram os fados do universo,
E aos reis vencidos, às nações prostradas
Deram co'a espada leis, co'as leis virtudes!
Permiti que a minha alma se demore
Nestas ideias de passada glória:
Ah, quem sabe se é esta a vez extrema
Que me é dado ante vós o recordá-las,
E a derradeira vez gozo a ventura
De olhar-vos juntos e vos ver romanos!
Sim, ó Padres, assaz glória e renome
Coube a nossos avós; maior nos cabe,
(Não duvideis) maior nos cabe ainda,
Neste humilde lugar, entre estes muros,
Quase cercados de armas inimigas;
Sobre nossas cabeças cada instante
Vendo troar da tirania os raios;
Sem acurvar ao peso do infortúnio,
Unidos inda pela voz da pátria...
O senado de Roma é mais augusto.
– Esta pátria, esta Roma o seu destino
De vós espera agora: a vós incumbe
Decidir de seu fado. – César chega:
Um exército... (sim, o horror do p' rigo
Dissimular não cumpre a vossos olhos,
Nem diminuir o peso ao sacrifício)
Um exército forte, vitorioso,

Formidável o segue. Escassas, débeis
São nossas forças, fracos os reparios,
Atenuados os muros. – Que nos resta?
Que nos convém fazer? Como devemos
Tratar esse homem temerário, ardido,
Ambicioso, insaciável? – A fortuna
Tem coroado seus crimes com vitórias.
– Desculpai-me o avivar chagas que sangram,
Recordar os horrores de Farsália!
Esse dia fatal lhe entregou Roma,
E a morte de Pompeu o Egípto e o Nilo.
Juba, Cipião caíram por seu ferro...
Inda fuma talvez a areia ardente
Da Numídia, ensopada em sangue fresco;
E no vasto silêncio do deserto
Inda arquejam talvez corpos romanos.
Não há sangue que o farte, não há crime
Que o detenha: seu carro de triunfo
Não empeça nos montes de cadáveres
Que lhe juncam a estrada. Fique o mundo
Todo um sepulcro, um só moimento a terra...
Mas reine ele senhor sobre esse túmulo.
– A cobiça de império que o devora,
Que lhe incha o coração, lhe rala o peito,
'Té os mesquinhos areais estéreis,
Estes piamos torrados, infrutíferos

(pausa)

Da Líbia nos inveja – Agora, ó Pares,
Dizei: qual é vossa alma, as tenções vossas?
Inda ousais defender a liberdade?
Firmes em acabar primeiro que ela
Inda ousais preferir a morte honrada
Ao jugo, à escravidão? – ou já cansados,
Fatigados do peso do infortúnio,
Baixos os corações, curvos à sorte,

(pausa)

Dispostos vos sentis a?... – Bruto fale.

MARCO BRUTO

Eu voto a guerra. – E guerra só nos cumpre.
Nada nos resta mais, bem sei, que o ferro.
Amontoadas legiões César comanda;
Mas a espada que temos é romana,
Mas as legiões que o seguem são de escravos:
E pode um cidadão tremer ante eles?

Poucos somos; mas livres, mas ousados.
No furor da peleja, quantas vezes
Um só braço bastou a decidi-la?
E quantas foi um golpe venturoso
Longas vitórias desmentir num dia?
Tem uma vida só, como os mais homens,
(Se homem podeis chamar-lhe) esse tirano.
César... Ah! co'este nome em vossos peitos
Não ferve a indignação, não pula o ódio?
Não ouvis esses manes insepultos,
Cujos honrados, venerandos corpos,
Pasto deixado nos areais da Líbia
Foram aos monstros do áspero deserto?
Não lhe ouvis os clamores de vingança:
Mais de metade do senado augusto,
De que vós só restais, lá jaz com eles;
E este mesmo senado inda duvida,
Pausado agita, frio delibera
Sobre a causa da pátria... Ah, não, ó Padres,
Não vale em lances destes a prudência,
Só produz entusiasmo as acções grandes.
Ei-los, nossos irmãos, sagradas vitimas,
Ei-los bradando de Farsália ainda!
Que as chagas roxas do rasgado peito
Nos apontam, nos mostram, nos excitam!
Vede-a, do grão Pompeu a sombra multa,
Vede-a, como nos fita despeitosa,
Como a troar da maldição os raios
Quase pronta... Ah! mas vós, vós sois romanos:
Em vossos corações vejo já a pátria,
Já leio em vossos olhos a vitória.
Senadores! romanos senadores
Vós sois – avante, eia avante, ó Padres!
Não aguardemos que o inimigo ousado
Venha em nossas muralhas atacar-nos;
Vamos nós mesmos, nós, o ferro em punho,
Por entre essas indómitas falanges:
Longa abriremos sanguinosa estrada...
Se não para a vitória que nos foge,
À glória ao menos de expirar romanos.

CATÃO

Bruto, esse furor não é romano.
Cumpre esforço, valor, constância rígida,
E não temeridade. Co'as extremas
Do vício entesta a raia da virtude:
Pôs-lhe eterna barreira a natureza;
Mas não a vê o que vendado corre
De paixões cegas; – passa, e não conhece

Os prescritos limites; – confundindo
Vícios, virtudes, indif'rente os segue
O espírito agitado; e em seu delírio
Crimes perpetra por acções de glória.
Discriminá-los, e a face augusta
Da virtude estremar do vício oculto,
Obra é só da razão, só ela o ensina.
O nobre entusiasmo, o patriotismo
Que, audaz mas firme, ardido mas prudente,
P'rigos não busca – mas não teme os p'rigos,
Raios não troa – mas não teme os raios.
Este valor, ó Marco, esta ousadia
Foi a dos Cipiões, era a dos Fábios,
Esta é só da razão – e só romana.
– Esses nossos honrados companheiros
De tanta cicatriz enobrecidos,
Que a espada tantas vezes empunharam,
Tanto sangue verteram por seguir-nos,
Por defender da pátria a santa causa,
De suas vidas acaso a mesma pátria
Não nos confiou a nós cuidado e guarda?
E iremos nós, mais bárbaros que César,
Arrojar-lhe a suas hostes famulentas
Esses poucos fiéis – como repasto
Dado a feras no circo! – Iremos ímpios
Dar-lhe a beber à fratricida espada
O puro sangue cívico romano!
E Roma que dirá? – Com que justiça
Não clamará que, bárbaros e insanos,
Só nos guiou frenético delírio;
Que pródigos do sangue de seus filhos,
Vaidosos, sem piedade o derramámos
Por fazer nossa queda mais brilhante?
Que nossa morte – sacrifício inútil
De pompa vã, de fasto desperdiçado,
A de mil cidadãos custou à pátria?
Não, Padres, não vos cegue o falso brilho
Desse heroísmo vão: sejamos homens,
Que homens fomos primeiro que romanos.
– Mânlio, os teus sentimentos livremente
Expõe agora.

MÂNLIO

A grandes desventuras
Nos reservaram despiedosos fados.
Infeliz quem no choque tumultuário
De civis dissensões opôs a sorte
Ao mui difícil leme do governo!
5 Nesse arriscado, perigoso empenho

O menor dos desastres é a morte.
Das marulhosas vagas açoutada
Soçobra a nau do Estado; e é força em breve.
Se lhe não acalmar contrário vento,
Nas sorvedouras sirtes afundir-se.
Embora empregue sabedoras artes
O piloto infeliz; que hão-de imputar-lhe,
Hão-de fazer-lhe das desgraças – crimes.
Erra de orgulho, cega de vaidade
Quem presume guiar com mão certa
O tropel desvairado e tumultuário
Duma revolução. Rebenta súbito
Em turbilhões torrente impetuosa,
Que arrastra e leva planos e projectos,
E, c' o homem que os urdiu, os roja ao abismo.
Confesso, ó Padres; tímida, a minha alma
Não fita sem horror tão negras cenas.
Pela pátria morrer sei que é virtude:
Mas pede Roma acaso a nossa morte?
Pode-lhe ela atrasar um só momento
A inevitável queda? O nosso sangue,
No mar da escravidão gota invisível,
Adelgaçar-lhe os ferros que a agrilhoam?
Derrubando as colunas vacilantes
Que o edifício ruinoso escoram
Da pátria liberdade, – essas ruínas
Não desabam mais presto ao precipício?
Co' a nossa morte César satisfeito
Há-de a espada embainhar, depor o ceptro?
Ser-lhe-ão degraus para descer do trono
Os cadáveres nossos? Não, ó Padres:
De tais futuros não me ilude a esp'rança.
Pesa a severa mão d'alta justiça
Sobre o orgulhoso colo dos romanos:
1 Da nossa liberdade o altar cruento
Na alheia escravidão foi cimentado;
Livres, fomos lançar grilhões ao mundo,
E as temerosas Águias desferiram
O voo assustador, do Capitólio,
5 Ao sopro da ambição. São esses ferros
Com que os povos da terra agrilhoámos
Que hoje revertem para os nossos pulsos.
Tarde ou cedo reduz justo castigo
Povo conquistador a povo escravo:
E sempre... Mas, o horror de nossos crimes
Basta de recordar: cumpre ameigar-lhe,
E não exacerbar da pátria as dores.
César vence e triunfa; e ao mundo inteiro
Utica resta só. E Utica pode
Salvar o mundo? Não. – Aligeirar-lhe

A certa escravidão? Sim; pode, e deve.
No naufrágio geral, uma só tábua
Que se possa aferrar, conduz às vezes
(Embora moribundo) à praia o nauta;
E o que fiou dos braços vigorosos,
Experto nadador, sua esperança,
Mais vezes inda, cansa, esvai-se e morre.
Toca-vos escolher. Voto que a César
Se envie legação, paz se proponha:
Vejam se um tratado pode ainda
As relíquias salvar da liberdade;
Ou antes – embotar à tirania,
Pouco que seja, o gume assacalado.
E morta Roma, sim, morta de todo:
Aos filhos órfãos, salve-se-lhe ao menos
Um retalho sequer da pátria herança.

MARCO BRUTO

(Que tem dado sinais de grande impaciência durante a fala de Mânlio:)

Acabaste?

MÂNLIO

Acabei.

MARCO BRUTO

(Tirando um punhal do seio:)

Vês este ferro!
Romanos como tu igual resposta
De mim só levam...

CATÃO

(Levanta-se, e todo o senado..)

Temerário! um ferro
Arrancas no senado! Este é o respeito
Que lhe guardas! Assim a majestade
Acatas da república! – Lictores,
Expulsai o insensato que profana
Tão sagrado lugar.

MÂNLIO

Eu lhe perdoo...

CATÃO

Mas não perdoa Roma. Nas coortes
Como raso soldado seja inscrito:
Sob o centurião, em dura escola
Milite e aprenda – enquanto, mais de espaço,
O castigo cabal dar a seu crime
À cúria não apraz.

MARCO BRUTO

Humilde ob’deço
Às ordens de Catão.

CATÃO

Às do senado.

CENA II

CATÃO, MÂNLIO, SEMPRÓNIO, (*Senadores, etc.*)

MÂNLIO

Ímpetos juvenis! – A alma de fogo
O cérebro lhe escalda.

CATÃO

Mânlio, agora
Já nos não ouve Bruto... – Tu pretendes
A ti próprio iludir-te. Baloçando
Do precipício às bordas escarpadas,
Não lhe vêes todo o horror. Já vais de rojo
Pelo despenhadeiro, e cuidas inda
No meio da caída segurar-te?
Enganaste: deludem-te vãos sonhos.
É uma, é uma só a liberdade,
Indivisível sempre: se um só ponto
Roubar-lhe intentas, – ela que te foge
Para mais a não ver. Roma, tu dizes,
Não quer a nossa morte. Não, por certo.
Porém que ideia formas tu da vida?
Vivem acaso em ferros os Romanos?
Não morre o homem quando vive o escravo?
E quem te diz que o orgulho do tirano,
Que imagina um dom seu deixar viver-te,
Não há-de nalgum’hora de capricho
Enfastiar-se da dádiva? E a um aceno
Do férreo ceptro está contigo a morte.

E vida tal, apreciá-la podes?
Tão precária, misérrima existência
Vale o momento de morrer com honra?
Votas que a César legação se envie:
Quero que a aceite, quero que inda possas,
Co'esse fantasma vão de um vão tratado,
Salvar isso que chamas as relíquias
Da nossa liberdade. Que cegueira!
Libras sobre a palavra dum tirano
De liberdade esp'ranças? Tu confias
Tesouros de valor nas mãos do avaro!
Que fé pode guardar quem fés quebranta?
Que tratados manter quem leis despreza!
Roma não tinha leis quando Tarquínio
De cidadãos romanos fez escravos?
Fantasmas esses são de liberdade
Que, nem fantasmas, mais do que horas duram:
Todo o véu da ilusão se rasga em breve;
Cai-lhe o postiço manto mal seguro,
E em todo o horror da morte se descobre
Da escravidão o lívido esqueleto.
Não, de remédios tais eu não confio:
Ou liberdade, ou morte. – Este é o meu voto.

SEMPRÓNIO

Ou liberdade ou morte! – É voto unânime
Do senado. Romanos somos todos:
E que romano a discrepar se atreve
De tua sentença, de teu nobre voto,
Ó Catão? Tu és a alma da república,
O génio que preside a seu destino.
Tu, salvador magnânimo da pátria,
Confusão de perversos, de traidores,
Flagelo de tiranos, tu decide,
Dispõe de nós: em tuas mãos se entregam
Estes poucos fiéis, que irão contentes
Por ti, contigo, 'té o extremo, à morte.
Tu faze, tu governa: em tua dextra
Poderosa o senado põe a esp'rança
E a autoridade toda da república.
Senadores, não é este o consenso,
O desejo, o voto último e concorde
De quantos somos pela pátria ainda?

CATÃO

Não é o meu.

MÂNLIO

Nem o meu.

SEMPRÓNIO

É o de nós todos.

MUITOS SENADORES

Todos!

CATÃO

Padres, ouvi-me. Estes momentos,
Que temos de conselho, valem séculos,
Não são de desperdiçar. De ditadores
Temos sobejo por agora em César.
Prouvesse aos deuses imortais que a força
Dos que se opõem à autoridade ilícita,
Usurpada de Júlio, tal crescesse
E tanta, que mister nos fosse ainda
Dessa magistratura formidável
Que a miúdo salvou, que salvar pode,
E pode destruir a liberdade,
Que a aniquilou enfim! Em nosso triste,
Desamparado, desesp'rado estado,
Criar um ditador fora... de mofa,
De escárnio – e próprio objecto para o riso
De nossos inimigos, – do universo,
Que os olhos tem cravados nestes muros,
Nestes rotos pardeiros que muralhas
Foram d'Utica. – Fala, honrado Mânio:
Tua sentença não é a minha; opostos
São nossos votos; serão sempre unidos
Nossos princípios. – Tu não julgas inda
Necessário escolher entre os dous termos,
De morte ou liberdade. Embora! Oiçamos:
Expõe teu voto; um parecer contrário
Não ofende a Catão; e é honra, é glória
Ser contestado pela voz de Mânlio.

MÂNLIO

A minha voz, Catão, tu bem o sabes;
A minha voz, o meu sincero empenho,
Todo o meu coração é pela pátria,
É pela liberdade. Ah! este braço,
Que ora treme de velho, já foi rijo
E pelejou por ela. – Mário, Sila,

Catilina me viram sempre à frente
De seus mais resolutos inimigos.
Esta língua, que mal hoje articula
Ineloquentes sons, já deu mais forte
Brado na cúria; nem se ouviu meu brado
Noutra causa senão da liberdade.
É trémula hoje a voz, trémulo o braço,
Mas em Farsália não tremiam... – Padres,
Desculpai, perdoai – um derradeiro
Lampejar de decrépita vaidade...
Que fiz eu? O que todos vós fizestes;
Menos, que menos arrisques por certo.
Poucos dias de vida enferma e inútil,
Que me sobram na terra, é sacrifício
De preço vil e abjecto. Órfão de prole,
Só, deixado num ermo ao pé da campa,
Que hóstia sou eu para o altar da pátria?
Serve assim mesmo o sacrifício? Pronto
Aqui está todo o sangue: pouco, frio,
Sem vida é já, mas de vontade e fácil
Há-de deixar as congeladas veias.
Cuidais que por mim falo, que me importa,
Que me pesa das horas minguadas
Que há-de cercear-me o ferro do tirano?
Não, Padres: é por vós, é pela pátria
Que falo, peço, que suplico, imploro:
Não pereçais em sacrifício inútil.
Vossos dias – e os teus, glória de Roma,
Esplendor derradeiro do seu nome,
Catão, esses teus dias preciosos,
Oh, não os barateie tão sem fruto!
César teme, respeita essas virtudes
Que adornam o mais digno dos Romanos.
Tu podes inda ser o amparo, o abrigo
Da abandonada pátria. A liberdade
Acabou: mas seus filhos deserdados,
Foragidos, caçados como feras
De serra a serra, e do povoado ao monte,
Hás-de desampará-los, quando podes
Aliviar-lhe as penas, protegê-los,
Ser-lhes pai?... – Oh! não posso mais... sucumbe
O coração tão velho à mágoa, ao...

(senta-se.)

CATÃO

Nobre

Coração é o teu – e generoso,
Que as nobres qualidades dele emprestas

A quem não sabe, nunca soube a têmpera
De que tais corações são fabricados.
César não tem mais sentimentos n' alma
Que um só, – desejo de poder. De affectos,
De paixões de homem, uma só lhe absorve
As outras todas – ambição. Virtudes,
Crimes, feitos de infâmia ou de honra, o cego
Não distingue; nem crê o ímpio em deveres,
Em virtudes, em leis de homens ou deuses.
Finge (e fingir sabe ele) esse respeito,
Esse amor de acções nobres e de glória.
Aonde viste que ao poder supremo
Subisse usurpador sem o cortejo
Da hipocrisia? – Ama-me, diz ele;
Respeita-me, crês tu! – Quisesse o fado
Dar-me vivo em suas mãos... (vivo não há-de)
E verias ao carro maniatado,
Jungido como um bárbaro cativo
Esse Catão cuja amizade o pérfido
Tanto finge buscar. – Virá o dia
De seu triunfo: vê-lo-á Roma; e o pejo
Fará suar no mármore as estátuas
Do Capitólio. Fábio, Cincinato,
E tu, ó grã Censor! – mais que essas brutas
Pedras em que os Romanos se tornaram,
Vossas imagens sentirão a afronta
Quando a minha – levada em pompa infame
Diante do vencedor...

(silêncio geral.)

Padres, viemos
A este conselho por mais alto empenho,
Para maior objecto. Desviaram
Prevenções generosas de amizade,
De mui cega amizade – para um ténue,
Inconsid'rável, mínimo interesse.
Senadores, da pátria é que se trata,
Da liberdade, e do que nos incumbe
Fazer por ambas neste caso extremo.
Falai: – Mânlio e... Semprónio...

SEMPRÓNIO

Guerra, guerra,
E liberdade enquanto há sangue a dar-lhe!
E Catão ditador: meu voto é este,
Foi e há-de ser. Inútil embaraço
É um senado aqui, deliberando
Entre armas e combates...

MÂNLIO

E quem trouxe
Para aqui o senado? Quem, Semprônio,
Quem declamava mais entre as coortes
Contra esse a quem agora generoso
A ditadura of'reces? quem bradava
Que estes poucos, dispersos senadores
Se deviam juntar, e pôr limites
À autoridade de Catão, que a olho,
Dizias tu, crescia desmandada
E ameaçava a república? Tu foste;
Tu, Semprônio, e teus gárrulos clientes.
Convocou-nos esse homem suspeito,
Esse Catão que...

CATÃO

Eu te rogo, amigo;
Mânlio, basta.

MÂNLIO

Não temas: serei breve;
Conter-me-ei. – Viemos, consultámos,
Deliberámos; e o poder supremo
Quinhoámos entre nós; comum a todos
Nos foi a glória da tenaz contenda,
Desta longa, porfiada resistência
Que eterno há-de fazer o nome de Utica.
Espontâneos, voluntários, a nós próprios
Nos constituímos em senado e cúria;
E à nossa autoridade submetemos
Milhares de homens! – Voluntários, digo,
Viemos ao perigo – e, enquanto longe,
Governámos senhores, respeitados,
Como no Capitólio obedecidos.
E havemos agora – oh vil, indigna
Proposição, de proferir covarde,
Afrontosa de ouvir! – e agora havemos
Nós mesmos, nós, quando mais perto arrocha
O laço do perigo – o peso grave
Que espontâneos tomámos, arrojá-lo
Ao chão, sem pejo! – ou – que tanto vale,
Descair co'ele todo sobre os ombros
Do Atlante a quem vaidosos não quisemos
Confiá-lo até aqui? Tal fora a mancha
Da acção vil, que nem todo o nosso sangue
A deliria no porvir da história.

Não, senadores; não cubrais de infâmia
Os últimos instantes do senado.
Minha opinião sabeis: persisto nela:
Se for possível transigir com César,
Pactuar sem desaire, e poupar sangue,
Faça-se. Mas fugir covardemente,
Desertar, como trânsfugas, do posto
Que escolhemos!... Pereça a ideia ignóbil,
E pereçamos todos: reine César,
Reine, – mas seja só por crimes dele.

CENA III

CATÃO, MÂNLIO, SEMPRÓNIO, PÓRCIO, *senadores, etc.*

PÓRCIO

Às portas da cidade se apresenta

Um legado de César: pede audiência.

SEMPRÓNIO

De César!

MÂNLIO

Ó Catão, talvez nos traga
Honrosas condições de paz: atende-o.

CATÃO

Ou traga paz ou guerra, entre e se escute.

CENA IV

CATÃO, MÂNLIO, SEMPRÓNIO, *senadores.*

SEMPRÓNIO

Queres ouvi-lo?

CATÃO

E porque não?

SEMPRÓNIO

Discorda
Condescendência tal de teus princípios.

CATÃO

Princípios meus! – Os da razão só tenho.
É dever escutar os homens todos.

SEMPRÓNIO

Um tirano também!

CATÃO

O fanatismo
Está mais longe ainda da virtude
Do que todos os vícios. E se unida
A hipocrisia lhe anda...

SEMPRÓNIO

Não mereço
O Que tão feia suspeita...

CATÃO

Não mereces,
Tens razão, – não mereces nem suspeitas.

CENA V

CATÃO, MÂNLIO, SEMPRÓNIO, DÉCIO *com cortejo, senadores, etc.*

MÂNLIO

É Décio, o embaixador.

CATÃO

Quem? Oh vergonha!
Décio, um homem equestre!... Vista indigna!

DÉCIO

A Catão saudar César envia.

CATÃO

Catão não vejo aqui, vejo o senado.
Eu César não conheço.

DÉCIO

O invicto, o grande
Triunfador do mundo a ti me envia.
Suas hostes em frente destes muros
O sinal só aguardam da peleja...
Antes o da vitória. Mas tal preço
Tem Catão a seus olhos, tanto adora
O ditador magnânimo as virtudes
De seu grande inimigo, que estremece
Pela primeira vez, – e mal se atreve
A seguir a fortuna que o precede.
Diante do teu, seu génio acovardado
Vacila: teme o vencedor da terra
De ficar vencedor! Tal é o zelo,
o empenho com que, a custa de seus louros,
Quer salvar os teus dias preciosos.
No rendido universo tu somente
Lhe resistes: e a grande alma de Júlio
Com tal competidor se ensoberbece.
Virtuosa vaidade, ambição nobre!
Triunfar de Catão César deseja,
Mas não co’ a espada. Generoso outorga
Aos companheiros teus, por teu respeito,
Amnistia geral: dádiva tanta
Por condições só tem: ‘Catão amigo’.

CATÃO

Disseste?

DÉCIO

Disse.

CATÃO

Júlio nada envia
A dizer ao senado?

DÉCIO

Nada.

CATÃO

Parte.

DÉCIO

Catão, ouve um momento. Os teus amigos
Queres sacrificar? Queres tu mesmo
Desafiar do vencedor as iras?
Quando ele generoso vem propor-te
O santo bem da paz, nem ouvir queres
As condições?

CATÃO

As condições são estas:

Desarme as legiões, deponha a púrpura,
Abdique a ditadura; à classe torne
De simples cidadão, e humilde aguarde
A sentença de Roma. – Então eu próprio,
Quanto inimigo fui, cordial amigo,
Seu defensor serei. Jamais no foro,
No senado se ergueu meu brado austero
Para defender crimes: – e a tal crime
Como o dele, Catão será patrono.
Sê-lo-á: por ele subirei aos rostros,
E hei-de pedir, rogar, súplice, humilde,
Empenhar quanto sou e valho em Roma,
E alcançar-lhe o perdão, volvê-lo à pátria.

DÉCIO

Mas vê que...

CATÃO

Nada vejo.

DÉCIO

Acaso ignoras
Quem César nomeou à ditadura?
Que o senado de Roma?...

CATÃO

Esse senado
É vil rebanho dos mais vis escravos:
Nem às margens do Tibre existe Roma.
Eu e os que vês, nós somos o senado:
E em nossos corações é que está Roma.
Dizei, ó Padres: ao tirano César
Guerra votais ou paz?

TODOS

Guerra.

CATÃO

Ouviste?

DÉCIO

E vós, que vos dizeis os pais de Roma
Os dias de Catão, em nada os tendes!
Tão preciosa vida...

CATÃO

A minha vida
É a vida de Roma; e os meus dias
Vincularam os Céus aos dias dela.

DÉCIO

E tu, Mânlio, também! – Tu moderado,
Prudente, e cedes ao impulso louco
Desta cegueira!

MÂNLIO

Cega é a honra, Décio?
Que condições de paz trouxeste? Ignóbil,
Indulto vil do vencedor soberbo.
Quais crimes nos perdoa? O amor da pátria,
A lealdade a Roma? – Que fianças
Da vida de Catão nos dá? – Fui sempre
Eu aqui o advogado da paz; – único
Na cúria fui, e persisti: mas hoje,
Agora, a minha voz foi a primeira
Que bradou guerra – e bradará constante
Enquanto houver de optar entre as desgraças
Da guerra – e a infâmia de tal paz.

DÉCIO

Embora!
Minha mensagem dei. César perdoa,
Mas não a ingratos. Chorá-lo-eis já tarde.

SEMPRÓNIO

E com que audácia tu, com que soberba
Contas assim tão certo co' a vitória?
Falas com tal despejo, tão seguro
Como se a todos nós já sobre o campo
Viras extintos, ou nos ferros torpes
De teu feroz senhor maniatados.
Já súplices nos crês aos pés de César?
Já por escravos teus nos imaginas?
De nossas forças quem te disse o estado?
Temos armas, e braços de sobejo
Que essas temidas legiões rechacem.

CATÃO

Um romano, Semprônio, nunca mente.
Décio, não temos nada: débeis, poucos,
Moribundos soldados nos defendem.
Frágeis muralhas entre nós e a morte
Entremeiam apenas. Pouco resta
Para a espada de César. Mas não julgues,
Ainda assim, tão fácil a vitória.
Enquanto a dextra segurar um ferro,
O Enquanto a voz não fenecer nos lábios,
Enquanto aqui não esfriar de todo
No sangue de Catão, de Roma o sangue...
– Terra e Céus a abandonem! – desvalida
Não ficará de Roma a liberdade.

*Décio retira-se acompanhado do seu cortejo, e de soldados romanos e númidas. –
Depois de breve espaço, Catão, precedido dos lictores, sai por outro lado: seguem-no
os senadores todos.*

ACTO TERCEIRO

A mesma vista do acto precedente

CENA I

MARCO BRUTO, DÉCIO

MARCO BRUTO

Não aporfies mais: eu não recebo
Mensagens do tirano.

DÉCIO

Se souberas
O que encerra esta carta!...

MARCO BRUTO

Encerre embora
Os tesouros do mundo. Não a aceito.

DÉCIO

Marco, dá-me atenção – ao teu amigo...

MARCO BRUTO

Amigo, tu!

DÉCIO

Outrora mo chamavas.

MARCO BRUTO

E quanto me enganei!

DÉCIO

E eu que esperanças
Não concebi de tuas virtudes!

MARCO BRUTO

Falas
Tu... falas em virtudes!... tu!

DECIO

E pensa

De Catão o discípulo orgulhoso
Que a avara natureza os seus tesouros
Só os gastou com ele, – e deserdados,
Para o enriquecer, deixa aos mais homens?

MARCO BRUTO

Homens!... Homens sois vós?

DÉCIO

Mui falsa ideia

Fizeste da virtude: amena e doce,
Não áspera, selvagem, desabrida,
A criaram os Céus; ao peito humano
Foi dádiva e mercê, não foi castigo.
Tua filosofia árida, abstrusa,
Não corrompe talvez – porém desseca
O coração, e ao natural impulso
De ingénuos sentimentos substitui
Compressão de fantásticos preceitos.
Artificiais virtudes são as vossas,
Não as que o sopro dos eternos deuses
Influiu n' alma do homem. Marco, Marco,
A virtude é mais bela, mais formosa
Do que teus vãos filósofos a pintam.
Não é esse esqueleto descarnado
Após o qual subis estéreis montes
Por caminho de fragas, precipícios...
Chegais ao cimo – que encontrais? – deserta,
Desabrigada solidão de rochas,
Sem uma flor, um verdejar de relva,
Nem um pálido musgo que dê vida
À cumeada estéril! – E essa é a meta
A que tendeis! é esse o Bem supremo
A que aspiram desejos, esperanças,
Trabalhos do homem!

MARCO BRUTO

Décio, esperdiçaste

Em ruins ouvidos a arte parasita,
Essa arte insidiosa, enganadora,
Filha da escravidão e da baixeza,
Que servos alcunharam de eloquência.
Eloquência! Não é: – os rebicados,

Meretrícios enfeites com que se orna
Seduzem, não convencem: cegam alma,
Ao coração não chegam seus poderes.
– Quando nossos avós, austeros guardas
Da pátria liberdade, se opuseram
A que artes gregas na severa Roma
Ousassem meter pé – esses romanos
Bem lh’entreviam a peçonha oculta
Na aparente beleza. Adornos falsos
A formosura natural empanam
Da verdade, – da cândida verdade,
Que é per si bela e não carece de arte.
Verdade era a eloquência dos antigos
Oradores latinos. Nunca ouviram
Outra o senado, os túrbidos comícios;
Jamais enquanto Roma foi... romana.
A Grécia, donde houvemos noutro tempo
Leis de ouro – a Grécia escrava e corrompida
Já não tem Aristógitons, Harmódios
Para Hiparcos romanos, nem Demóstenes
Para nossos Filipes: avexada
De procônsoles crus (mercê latina,
Dom de ferro, por tanto áureo presente
De ciências, de leis, que houvemos dela!)
Vinga-se como escrava, – propinando
A seus senhores o veneno lento
Que empeçonhou o sangue de Leónidas,
E a cuja virulência nem resiste
O de Fabrício e Cincinato. Enxames
De gárrulos sofistas, de gramáticos
Vieram corromper a incauta prole
De Roma: seus teatros e palestras,
Seus livros, seus poetas e oradores
Afeminaram o viril aspecto
Da virtude latina... – Aos homens todos,
Deu-lhes um livro só a natureza,
O próprio coração.

DÉCIO

E nesse livro
Achas ferocidade uma virtude?

MARCO BRUTO

Numa palavra só – questões deixemos:
Essa carta é de César? Não a aceito.

DÉCIO

Vê o que fazes: libram nesta carta
Os futuros destinos dos Romanos.

MARCO BRUTO

Como!

DÉCIO

Ouve: de Catão (bem o conheço)
Temes a rigidez? Pois bem: a ele
Vai tu mesmo levá-la: ele que a leia.

(entrega-lhe a carta)

CENA II

MARCO BRUTO *só*

A Catão... esta carta... – E eu recebi-a!...
Não me iludes, escravo: ei-la, que a rasgo.
Que faço!... ela de Roma encerra os fados.
Que importa! Encerre os fados do universo:
É do tirano, rasgo-a...

CENA III

MARCO BRUTO, CATÃO

CATÃO

Bruto?

MARCO BRUTO

Oh deuses!

CATÃO

Que fazias aqui?

MARCO BRUTO

Eu! – esta carta...
Não a quis – resisti – foi quase à força...
Começada a rasgar...

CATÃO

A estes sítios
Como ousaste voltar – com que licença?

MARCO BRUTO

Ordens do centurião.

CATÃO

Que carta é essa!

MARCO BRUTO

Décio...

CATÃO

Décio!

MARCO BRUTO

De César...

CATÃO

Que oiço!

MARCO BRUTO

Ah...

CATÃO

Dá-ma.

(lê)

*César a Bruto. – O coração não sofre
Ocultar-te mais tempo o arcano (oh deuses!)
Dos vínculos... que me unem (céus!) a Bruto.
Tu... es... meu filho – Saberás o resto
Nos braços paternais... Vem, vem, meu filho,
Ajudar-me a reinar sobre o universo.*

(silêncio longo.)

MARCO BRUTO

Pérfido, mente. Eu, filho do tirano!

Este sangue?...

CATÃO

É de César.

(silêncio longo.)

MARCO BRUTO

Eu sucumbo
Ao opróbrio, à infâmia. – Sangue este é de César?

(tira a espada)

Impossível! Não é. – Todo aqui jorre
Na terra; e o coração desafrontado

(em acção de ferir-se)

Do sangue vil – romano expire ao menos.

CATÃO

(desarmando-o)

Filho!... Tu és meu filho.

(abraçam-se.)

MARCO BRUTO

Pai!... Não; outro,
Deuses, deuses cruéis! não podeis dar-mo.

CATÃO

Sim, sim; eu sou teu pai: de tenra infância
Como a filho (e que filho!) te amei sempre.
Eu te formei essa alma de romano,
Que lágrimas... oh, lágrimas de gosto
Me faz verter agora. De teus dias
Ocultei o segredo enquanto pude...

MARCO BRUTO

Quê! filho eu sou?...

CATÃO

De César.

(silêncio)

MARCO BRUTO

Dá-me o ferro:

Deste sangue uma gota, uma só gota,
Não, não deve ficar sobre o universo.

CATÃO

Basta; meu filho és, filho de Roma:
Teus pais são estes.

MARCO BRUTO

César...

CATÃO

É um monstro.

MARCO BRUTO

Mas...

CATÃO

O acaso não é crime. Escuta.
Ninguém ao despontar da juventude
Anunciou talentos mais brilhantes
Do que Júlio mancebo. Na sua alma,
De romana grandeza, de virtudes
Desenvolvia o germe esperançoso
Que tão mal prosperou, que tanto soube
Iludir-nos, cegar-nos. O perverso
Só se valeu dos lúcidos talentos
Que em dom fatal lhe dera a natureza,
Para os fazer servir a seus projectos
D'avareza, ambição, de tirania.
Enquanto a vã grandeza de sua alma
Nos fascinava os olhos, entretanto
Que de suas virtudes mentirosas
Nos deslumbrava a candidez fingida,
Manhosa serpe no dobrado peito
A peçonha nutria de seus vícios;
No refalsado coração lhe ardia
A negra tocha de execráveis crimes.
Do popular favor já precedido,

Caro a patrícios, a plebeus aceito,
O ídolo de Roma era então César.
Todos nele agouravam firme esteio
Da pátria, que d'então já começava
A baixar de valor, cair de glória.
Confesso, eu próprio me ceguei com ele:
Amei-o – amei-o tanto como a filho.
Qual o meu coração, minha pousada
Franca sempre lhe foi – E o monstro... o monstro
Fingia amar-me; parecia, ao vê-lo
Nomear-me seu pai tão docemente,
Que me adorava o pérfido. – Servília...
Oh lembrança... lembrança de tormento!
Servília, minha irmã, por essas eras
Dava mate às belezas mais faladas
Da capital do mundo. Pura e simples,
Sua alma era mais cândida do que ela.
O coração, que o rosto debuxava,
Era a mesma inocência. Viu-a o pérfido;
Viu-a, atractivos tantos o prenderam:
Sem dó de mim, sem mágoa da inocente,
Intentou seduzi-la... desonrá-la...
Marco... ai de mim!... A tímida donzela
Inexperta caiu no laço indigno...
Desse horroroso amor tu foste o fruto;
E a vítima infeliz nas ânsias cruas
D'algoz remorso pereceu em breve.

MARCO BRUTO

E ele?

CATÃO

Abandonou-a.

MARCO BRUTO

E tu?

CATÃO

Eu pude
Vencer comigo a não morrer de pejo.

MARCO BRUTO

E esse monstro é meu pai?

CATÃO

Gerou-te.

MARCO BRUTO

Oh deuses!

CATÃO

Deves-lhe o dom mesquinho da existência.
Fui eu que te eduquei; tu és meu filho.
Com os foros de pai vêm mais encargos:
E quem os não cumpriu, pai não é esse.

MARCO BRUTO

Mas... filho dele...

CATÃO

Filho és só de Roma.

MARCO BRUTO

Devo...

CATÃO

Ser cidadão.

MARCO BRUTO

E ele...

CATÃO

Um tirano

É algoz, não é pai.

MARCO BRUTO

(em acção de partir)

Oh Roma! oh Roma!

CATÃO

Aonde vais?

MARCO BRUTO

Aonde vou!... Aonde?
Vou desafiar de César os furores,
Vou lançar-me por entre essas falanges,
Procurá-lo, buscar-lhe a ponta à espada,
Guiar-lha ao coração: o sangue impuro,
Que dele recebi, ele que o verta;
E, se o crime o fez pai, o crime apague
O título odioso e o nome horrível.

CATÃO

E Roma?

MARCO BRUTO

Ah! Roma...

Manda-te que vivas:
Ordena-to Catão em nome dela.
Adeus. – Aperta o tempo. Nas muralhas
Vou confortar os raros defensores
Da agonizante liberdade. – Marco!
Marco Bruto, meu filho, olha o que deves
A Roma, a ti, a mim!

CENA IV

MARCO BRUTO

só

Ordena-o Roma;
Viverei, sim: manda-o Catão; eu vivo.
Mas este sangue... oh sangue abominável!
Em sacrifício à morte está votado.
Um de nós, César!... – Gemes, natureza?
Quando a pátria folgar – oh, geme embora.

CENA V

MARCO BRUTO, SEMPRÓNIO

SEMPRÓNIO

Viste Décio?

MARCO BRUTO

Oxalá que nunca o vira!

SEMPRÓNIO

Porquê?

MARCO BRUTO

Não sei.

CENA VI

SEMPRÓNIO

só

Que enigma, que mistério
Oculto encerra este dizer de Bruto?
Falou com Décio... – e ‘Oxalá (diz ele)
Que nunca o vira!’ – Décio prometeu-me
De não partir sem ajustarmos antes
Nossas condições todas... – E tão louco
Seria ele que de Marco Bruto
Fiasse... do mais cego entusiasta
De Catão – o discípulo dilecto...
Nossos comuns projectos de vingança?
Não pode ser: astuto, arteiro é Décio.
E quem sabe? – O mancebo é caro a César,
Que o ama como a filho; – e rumor corre
De haver entre eles vínculo secreto,
Tácita inteligência... Trair-me-ia
Décio por amor dele? – Se tal fora!...
Oh, se de tantas lidas e perigos,
Sustos, remorsos, (ai! também remorsos)
Que esta conspiração me tem custado,
Só me resta colher o fruto amargo
Que a miúdo vêm traidores – o desprezo,
O castigo, e – inda mais acerbo! o escárnio
Do próprio ingrato que lucrou no crime!
Embora: mas sacie-se esta sede
De vingança, o entranhável ódio d’alma.
Depois – oh, depois venha opróbrio e morte.
Décio não chega! E o sol cai no horizonte
Precipitado já. Decerto é ido

(olhando para um lado da cena)

De Utica. – Oh, ei-lo sai agora as portas.
Se me traiu!... E que traisse: o golpe
Há-de dar-se; jurei-o pela Estige.

Orgulhoso inimigo, hás-de prostrar-te
A meus pés! Ver-te-ei, com estes olhos,
Varrendo a Sacra via – não co’ a toga
Negra, que tua estóica vaidade
Ostentava no foro, no pretório;
Não! mas com a vil túnica d’escravo,
No triunfo de César. – Pouco resta
De minha árdua tarefa. Juba, o cego,
o presunçoso númida, está certo.
Esta noite, esta noite! – Mas, tranquilos,
Serenemos o rosto, e componhamos
A máscara: não veio o tempo ainda
De a rasgar. – Aproxima-se a hora, dada
De prazo a Juba para aqui nos vermos.
Não tardará. Aí vem: e vem correndo
Agitado... sem cor... – Oh, se!...

CENA VII

SEMPRÓNIO, JUBA

JUBA

Semprónio,
Semprónio, é impossível – impossível!
Não esperes de mim... Sabe-se tudo.

SEMPRÓNIO

Sabe-se tudo! – Bárbaro, traíste-me?...

JUBA

Bárbaro!... Eu sei, romano, que sou bárbaro:
Porque... não vim ao dia ao pé do Tibre.
E tu – nasceste na Cidade Eterna.
Porém esta alma, não a troco... – Juba
Nunca traiu ninguém, romano.

SEMPRÓNIO

Ah, príncipe,
Trair! Traição é crime que se roce
Por corações como esse! E tu fizeste
Tal injustiça ao teu amigo! – Bárbaro!
Imaginaste que te chamei bárbaro!
O bárbaro sou eu: e n’ânsia d’alma
Bárbaro me chamei, traidor, infame,
Que assim te expus a pérfidas suspeitas:

Que por meu zelo – indiscreto, cego,
Demasiado talvez – pus em perigo
A tua glória, a não manchada fama
Do mais ilustre príncipe da terra.
Oh, que este louco amor da liberdade,
Esta cegueira por Catão me perdem!

JUBA

Perdoa-me, Semprônio: essa virtude
Não se finge: venceste, convenceste-me.
Eu duvidava – não de ti, amigo,
Mas de teus sócios. Pórcio – tu bem sabes
Que alma é a de Pórcio! – não confia neles,
E em seu zelo não crê de liberdade.

SEMPRÔNIO

Pois revelaste a Pórcio?...

JUBA

Já te disse
Que não sei atraiçoar, romano. Extremo
És em suspeitas!

SEMPRÔNIO

É mais do que extremo,
Excessivo é meu tímido receio
Nesta causa, meu príncipe. Covarde
O coração me bate a um rumor leve...
Se no inquieto leito em breve sono
Repoiso acaso – descompostas larvas
Me pintam na convulsa fantasia
Catão no profanado Capitólio
Rojando ferros... e os cruéis motejos
Da soldadesca... e o mais cruel sorriso
De César triunfando na sua vítima...
Ah!...

JUBA

Não prossigas, que me rasgas alma.
Pronto estou para tudo. Avante! Salve-se
Catão. Pereça tudo, e salve-se ele.
– Mas ouve: eu não confiei a Pórcio nada
De teus projectos. Porém ele sabe
De sedições em que entram, são cabeças
Muitos de teus mais íntimos amigos.

Falou-me em Décio, e ocultas conferências...

SEMPRÓNIO

Décio!

JUBA

Que entre ele e um senador houvera:
Mas não disse quem foi.

SEMPRÓNIO

(fica algum tempo pensativo)

Aí vês bem certo
Quanto te hei dito. Insidiosa trama
Em Utica se forma. Esses malvados,
Do dia ao fenecer, querem as portas
Abrir ao ditador. Da vil perfídia
Os covardes autores – bem ao certo
Não os conheço. Que imprudente fora,
Em circunstâncias tais, fazer patentes
Ao senado, a Catão minhas suspeitas:
Príncipe, bem o vês. Desconfianças,
Incerteza cruel acabariam
De desunir de todo os pobres restos
Da agonizante Roma. Tu conheces
De Catão a franqueza descuidada:
Nada teme e de nada se acautela.
Sua política é aberta, simples
E tal como a sua alma; os seus projectos
Patentes sempre são. Ignora, odeia
Essa que chamam arte de governo.
Mas ah, quão mal os deuses colocaram
Neste universo d’hoje homem tamanho!
Os séculos de crime, em que vivemos,
Nem dele dignos são, nem ele é deles.
Cercada de artifícios, de maldades,
É força que a virtude lhe sucumba
Se artifícios também (que os há com honra)
Não souber cautelosa opor-lhe a tempo.

JUBA

Amigo, tens razão: por tua boca
Fala a prudência. Dize-me, aconselha-me
O que é mister fazer; de que maneira
Cumpre atalhar a desleal perfídia.
Minha espada, meu braço, os meus soldados,

Tudo está pronto: fala.

SEMPRÓNIO

Antes de tudo,
Inviolável segredo é necessário.
Nem Pórcio, nem Catão, ninguém o saiba;
Ou baldamos trabalho.

JUBA

Mas...

SEMPRÓNIO

Depende
Todo o êxito daqui. Dá-me a tua dextra:
Ninguém...

JUBA

Morre comigo o meu segredo.

SEMPRÓNIO

Pois bem. As portas velam do ocidente
Soldados teus. Romano algum com eles
Não vigia esta noite. Mal comece
A engrossar-se o crepúsculo da tarde,
Caladamente com tuas tropas marcha
A emboscar-te detrás daqueles combros
Que à esquerda vês, não longe da cidade.
Dali, quando seguras avançarem
As legiões de César, repentino
A retaguarda súbito lhe cortas;
Entanto nós à frente os cometemos:
E a que julgam vitória indisputável,
Ser-lhe-á talvez misérrima ruína.

JUBA

Amigo – oh, meu amigo, que ventura
Se Roma eu posso libertar, se um númida,
Um bárbaro resgata a escrava Roma!
E Catão – e salvar Catão! Oh glória
Sem par! – César, sou eu que hei-de punir-te.
Romano senador, atraíçoaste
A liberdade; e um príncipe, nascido
Entre escravos senhor, há-de arrancar-te
Da frente o diadema ensanguentado...

Que o calque o Povo-rei aos pés. – Semprônio,
Admiras-te de ouvir-me? Vê qual força
Tem o exemplo, os ditames respeitados
De homens como Catão. Nasci, amigo,
No trono: mas se o trono há-de custar-me
Uma só violência, um só gemido
Dos infelizes que se crêem nascidos
Só para o sustentar – abjuro o trono.
Quanto mais prezo e quero o foro augusto
De cidadão romano, que essa c’roa,
De tanto sangue e lágrimas banhada
Na frente de meu pai!... – Meu pai! vingar-te
É só minha ambição. Vingar-te juro
Co’este braço a teus manes venerandos:
O tirano de Roma hei-de imolar-te.
Oh meu pai, oh, dirige o golpe ardido,
Leva-lho ao coração da tua vítima.
César! César! às fúrias implacáveis
Da pálida vingança aqui te voto;
E sobre essa cabeça criminosa
Seu flagelo conjuro. Atros poderes
Do Averno, ouvi a imprecação tremenda:
‘Por vingativas mãos pereça o monstro.
Se às minhas o negais, seja o mais caro
Amigo seu, – seja seu próprio sangue
Que aquele sangue em vosso altar derrame.
Oh, se um filho ele tem... Justiça eterna
Dos deuses imortais, ao parricida
Da pátria – puna enfim o parricídio!’
SEMPRÔNIO

(à parte)

Estremeço de ouvi-lo. – *(alto)* Juba, príncipe,
Modera-te: tuas vozes soam alto;

(olhando para dentro da cena)

Podem ouvir-nos... – Vês? Pórcio caminha
Para aqui. – Não te mostres nesse estado
De tanta agitação. Disfarça, oculta;
Ou estamos perdidos...

JUBA

Não te assustes.
Ferve-me sangue d’África nas veias;
É o sangue de meu pai: mas a alma é filha
De Catão que a formou. – Vês o meu rosto?
Está sereno agora, e...

SEMPRÓNIO

Pórcio chega.

CENA VIII

SEMPRÓNIO, JUBA, PÓRCIO

PÓRCIO

Caro príncipe!

JUBA

Amigo!

PÓRCIO

Venho, Juba,

Despedir-me de ti. Há longo tempo
Que te procuro em vão: e a noite vinha
Apertando, – e eu sem alma de ir-me embora,
Para dizer-te adeus.

JUBA

Que dizes, Pórcio.

Onde vais?

PÓRCIO

Ao meu posto. Fui ditoso,
Que o melhor pude obter, – o de mais p' rigo;
Onde mais derrocadas as muralhas
Aos primeiros assaltos do inimigo
Hão-de ficar expostas. – Vou-me à morte,
Certa, meu Juba; vou...

SEMPRÓNIO

E a grande alma
De Pórcio desalenta assim no p' rigo?

PÓRCIO

(olha para Semprónio, e sem lhe responder, volta-se a Juba)

Não me falta a coragem que o arrosta,
Mas falece a esperança de vencê-lo.
Eu não temo, – temer é de covardes;
Mas desanimo. Roma está perdida;
E meu pai... e Catão não sobrevive
A república. – Sou romano, Juba;
E vejo, satisfeito, alçar-se o golpe
Que no altar da pátria há-de imolar-me.
Mas sou filho também: e a natureza
É mais forte que Roma. Oh resta ainda
O sacrifício último! – Meus olhos
Não te hão-de ver, dia de mágoa e luto!
5 Sucumbe-me a alma!... Não, estes meus olhos
Não o hão-de ver no instante derradeiro
Fitar ainda a moribunda Roma...
Príncipe, um não-sei-quê me diz no peito
Que este adeus é talvez o derradeiro
Que me é dado dizer-te. Ó meu amigo,
Cá te deixo inda mais do que a minha alma.
Um pai, Juba... e que pai! Não o abandones,
Oh, não o desampares um momento.
Tu conheces Catão: sua alma nobre
Não se deixa vergar: seus pulsos livres
Não sofrerão grilhões: e o braço firme
Primeiro ao coração... Adeus, amigo,
Príncipe, amigo, adeus!

JUBA

Meu Pórcio, escuta;

Não vejas de tão perto essas desgraças.
Eu tenho esp'rança ainda. E tu, Semprônio,
Não esperas também?

(com ar de inteligência.)

SEMPRÓNIO

(baixo)

Príncipe!

JUBA

(para Pórcio)

Amigo,
Também um não-sei-quê me diz no peito
Que esta sanha do fado há-de acalmar-se...

PÓRCIO

Oh, cega esp'rança!

JUBA

Não é cega, Pórcio.

Eu hei-de – eu posso...

SEMPRÓNIO

(à parte, para Juba)

Juba!

JUBA

Vai, meu Pórcio,

Vai; cedo nos veremos.

PÓRCIO

E bem cedo.

A formidável hora vem chegando;
E onde há perigo, aí certo está Juba:
Quem o ignora, meu príncipe? Lá juntos
Nos veremos ainda – entre os cadáveres
Dos escravos de César! – Minha esp'rança,
Minha consolação única é essa;
Que hei-de morrer assim – livre e vingado.
Meus amigos, adeus! É tarde, e a noite
Já vai poisando em nossos tristes muros.
Voo à minha estação. Oh, venha cedo
Esse temido e desejado instante!
Venha, que já me tarda; e acabe um' hora,
Termine de uma vez esta agonia
O Tão lenta, tão cruel. – Eu corro, amigo,
O coração me diz que à morte certa...
Mas, seja ela honrada!... Adeus.

(abraçam-se.)

JUBA

Oh Pórcio!

ACTO QUARTO

Portas da cidade, do lado de dentro. – Noite.

CENA I

MÂNLIO, *soldados.*

MÂNLIO

(defendendo, só, a saída da porta contra alguns soldados romanos)

Detende-vos, traidores. – Gente infame!
Heis de passar por cima do meu corpo.
E soldados romanos sois, indignos!
Soldados de Pompeu! – Eia, rebeldes,

(Os soldados param diante de Mânlio)

Começai neste velho, que em Farsália
Vos guiou contra as hostes do tirano,
Começai vossos feitos gloriosos.
Aqui estou só, ferido: que vos demora!
Oh, faltava-nos mais esta vergonha,
Esta vergonha derradeira! – Roma,
Ai tens os teus heróis. Catão, são esses,
Ei-los, da liberdade os defensores!...

Os soldados mostram irresolução e parecem consultar entre si: mas afinal investem com a porta, e atropelam Mânlio. Ao mesmo tempo entra de fora Marco Bruto guiando uma coorte, e os repele para dentro.

CENA II

MÂNLIO, MARCO BRUTO, *etc.*

MARCO BRUTO

Pérfidos!... Ah covardes! Tarde vínheis,
Em má hora. – Soldados, desarmai-os,
Ligai-lh'os pulsos... Já!... loros d'escravos
Nessas mãos vis ficam melhor que a espada.

(Os soldados de Marco Bruto desarmam e ligam os rebeldes)

Mas quê!... Tu, Mânlio! – tu também com eles!
Nunca me enganei eu. – Erguei-o, amigos,

Desse lodo em que jaz... enxovalhando
Em sangue e infâmia as cãs... as cãs traidoras
Do refalsado velho! – O que eu devia
Co’ esta espada... Não; vive, miserável,
E arrastra ao sepulcro essa vergonha.

MÂNLIO

(levantando-se ajudado dos soldados)

Impetuoso mancebo, onde aprendeste
A injuriar um velho que?... Perdoo-te
Mais esta vez: perdoar é para velhos.
– Marco Bruto, a vergonha está contigo
Que insultaste, sem causa, as cãs honradas
Dum patrício romano – e dum amigo.
Bruto, esse nome que te enleva tanto,
Não se ilustrou assim. O ouro escondido
No báculo, era a imagem da prudência:
E com essa é que Roma foi liberta.

MARCO BRUTO

O grã Censor não era mais discreto
Em seus conselhos. Mânlio precisava
Defender-se primeiro...

MÂNLIO

Defender-me!

MARCO BRUTO

Pois não te vi agora?...

MÂNLIO

Viste um velho
Só, desarmado, e... – Não me justifico:
É indigno de mim.

CENA III

*CATÃO precedido de lictores, e soldados romanos com fachos acesos;
MÂNLIO, MARCO BRUTO, etc.*

CATÃO

Filhos de Roma,

Que é isto? que fazeis? que intento é o vosso?
Rebeldes vós, traidores os Romanos!
Mânlio, Bruto, falai: que insânia é esta?
O traidor onde está, quem é? – Dizei-mo.

MARCO BRUTO

O traidor? – Esse infame.

CATÃO

Quem?

MARCO BRUTO

É Mânlio.

CATÃO

Mânlio!... Mânlio eu conheço. – O quê?... Observa,
Inexperto mancebo, aquele rosto.
Vês um traidor ali? – Marco, meu filho,
O crime... o crime tem outro semblante.
Aprende a ler no coração dos homens
Pelas linhas da fronte. – Meu amigo,
Perdoa-lhe: seu zelo é cego ainda.

MÂNLIO

Já lhe tinha perdoado.

CATÃO

Ouviste, Marco?
Arrepende-te e emenda-te, meu filho.

(pausa)

– Mas que mistério de perfídia é este?
Semprônio... aonde está? Juba? o meu Pórcio?

MARCO BRUTO

Não sei. Eu no tropel embaralhado
De tropas fugitivas, de rebeldes,
De combatentes, mortos, de feridos,
Nada vi, nada sei. Só sei que o ferro
Sobejos imolou à liberdade:
Só vi, para os ferir, peitos covardes.
A vingança, o furor, a sanha da ira

Só me deixaram olhos para a espada.
Foi tão cruento e rápido o conflito!
Mas sucedeu-nos bem. Os vis traidores,
E as legiões de César que já vinham
Direito às portas e a juntar-se co' eles,
Foram desbaratadas. As falanges
Leais caíram, como raios vivos,
Sobre os montões de escravos que ameaçavam
Esmagar-nos – tão poucos que nós éramos!
Mas: – ‘Avante (bradámos) eia! morra,
‘Pereça Roma com seus filhos todos!
‘Foi menos glorioso o sacrifício
Dos Fábios. Roma um dia há-de vingar-nos,
‘Como os vingou a eles. Eia, avante!’
E avante fomos; e vencemos. Morre
Quanto não foge. Dispersou-se tudo.
Voltámos fartos de matar – cansados
Ainda não. Mas era força: os muros
Desguarnecidos, e o temor de nova Traição,
nos fez volver às portas de Utica.

CATÃO

Mânlio, mas tu... tu emudeces? Fala:
Mata-me esse silêncio.

MÂNLIO

O meu silêncio...
Ah, deixa-mo, Catão: oh, não desejes
Vê-lo quebrado.

CATÃO

Quê! Pórcio... meu filho...
Acaso?...

MARCO BRUTO

Pórcio vela do outro lado
Da cidade, no lanço da muralha
Mais expugnável – onde se precisam
Defensores como ele.

CATÃO

E Juba?

MARCO BRUTO

Juba...

Não me lembra de o ver.

CATÃO

Que escuto! Mânlio,
O príncipe?...

MÂNLIO

Não fales nesse monstro:
Foi traidor como um bárbaro.

MARCO BRUTO

Ele! – O sangue
Não desmente das obras. Um tirano,
Quando deixa de o ser, é sempre escravo.

CATÃO

Deuses, guardáveis-me in' da o trago acerbo
Para o meu coração! – Fado inimigo,
Já não consegues abalar-me o peito.
Vi desertar da causa da república
Seus mais estrénuos fautores: vacilante
Pompeu, – e Marco Túlio arrependido
De seguir nossas míseras fortunas,
Tergiversar, fugir por fim... e a púrpura
Consular pela estrada de Tarento
Arrastrando no pó, ir suplicante
Humilhar-se ao tirano... Ah! – tudo hei visto;
Tudo: mas nada me feriu ainda
Tão vivo n'alma como Juba ingrato...

(Silêncio geral. – Catão dá algumas voltas, passeando, como abstracto; – e logo prossegue:)

E Semprônio?

MÂNLIO

Pois quê! ignoras inda
Que o autor da traição foi esse indigno?

MARCO BRUTO

Semprônio! – Há poucas horas a mim mesmo
Se me gabou que ousara no senado

Desafiar a Décio, e que...

CATÃO

Aprende,
Marco, daí a conhecer os homens.
O valor verdadeiro não se ufana,
Não blasona atrevido; – cinge a espada,
Mas só no campo de que a terra se lembra.

MARCO BRUTO

Semprônio!... que – a Tibério já não digo,
Mas nem a Caio Graco na veemência
Do orar cedia, que à mais leve ideia
De servidão bramia mais terrível!...

CATÃO

Desconfia onde vires tanto zelo
Em palavras: discreto, parco delas
É o verdadeiro amor da liberdade:

MÂNLIO

Ah Catão! dize agora: que esperanças
De Roma tens ainda?

CATÃO

Eu tenho as mesmas.

MÂNLIO

As mesmas!

CATÃO

Sim; as de morrer por ela.

MÂNLIO

Ai! nem já isso, amigo, nos é dado:
Nem um extremo esforço de agonia
Para expirar com glória! A moribunda
Loba do Capitólio não tem forças
Nem já para investir, no último arquejo,
Com seus brutais senhores, e cravar-se,
Num glorioso e nobre desespero,
Em suas lanças traidoras. Cairemos

Como rezes em torpe sacrifício...
Imbele morte, multa!...

MARCO BRUTO

Inulta! Nunca:
Sem se vingar, sem nos vingar, não há-de
Perecer Marco Bruto. – E o holocausto
Há-de espantar, há-de aterrar o mundo!...

CATÃO

Vingança! E para quê? Que dás à pátria
Nesse holocausto inútil?

MARCO BRUTO

Tu lhe chamas
Inútil! – O atro sangue dum tirano
Desparzido no altar da liberdade,
Inútil pode ser? – A mão ditosa
Que o ferro embebe no malvado peito,
Que lhe descose as pérfidas entranhas,
E vai ao coração buscar-lhe a vida
Para cortar-lhe o fio negregado.
Não é mão dum herói? Há sacrifício
Que apraza mais aos deuses justos?
Oh, que há vingança que também é númen!
Da liberdade a árvore não cresce,
Se a não regar dos déspotas o sangue:
Embora a plantes; não lhe vês o fruto:
Há-de-te ir definhando a pouco e pouco,
E da eivada raiz hão-de brotar-lhe
As parasitas plantas, que mui breve
Gigantes crescerão, e hão-de assombrar-te.
Vingança! – Eu sempre vi esses romanos,
Raios da pátria, exemplos de virtude
Imitados por ti, por ti citados,
Sempre os vi abrasados de ira santa
Ferir sem dó, e derramar sem, pena
O sangue dos malvados que atentavam
À majestade augusta da república.
Mais nomes não direi que um só, – antiga
Honra dos meus, cuja tremenda imagem
Inda no Capitólio brande a espada,
Terror dos reis, e salvação de Roma:
Júlio Bruto...

CATÃO

E que sangue esparziu Bruto!
Que vingança tomou? – Da voz ingente
Aos brados formidáveis se ergueu Roma.
E fugiu pavorosa a tirania.
Mas a voz que troou no Capitólio,
E que há-de eterna ressoar no mundo,
Os braços não armou, não alçou ferro
Para lavar dos déspotas no sangue
As injúrias da pátria. Sua espada
Só desembainhou para afastá-los
E não para feri-los. Nesses tempos
(Eras ditosas que não mais veremos!)
A romana altivez, o nobre orgulho
Perdoava generoso, e desdenhava
De enxovalhar o ferro em sangue imundo.
– Sangue correu então: mas qual? seu próprio,
Seu próprio às mãos do algoz jorrou na terra
Quando os filhos indignos sacrifica
À merecida pena, à morte justa.
Mas privado juiz não foi nem deles;
O cutelo das leis é que os imola.
– Um tirano é, sem dúvida, na terra
O malvado maior: mas nem por isso
Te é licito puni-lo. Magistrados
Que o julguem, leis que o punam – com algozes
Para as executar – tem a república.
Usurpas também tu se em juiz privado
De públicas ofensas te instituis.

MARCO BRUTO

Mas uma lei, ó pai, tu me ensinaste
Que sobre todas respeitar se deve:
Mais veneranda e antiga ma dizias
Que todas essas leis, – que plebiscitos,
Que senatus-consultos, – em mais clara
Equidade fundada do que o Álbum
Do pretório, – gravada noutro bronze
Mais durável que as tábuas dos decênviros;
Lei das leis, imutável e suprema,
– A da salvação pública.

CATÃO

O difícil
É conhecer, meu filho, quando a força
Dessa máxima lei quebra a das outras;
Quando o feito que é injusto, oposto a elas,
A salvação da pátria o revalida.
– Em meus primeiros dias, no ingénuo

despertar de inocente puberdade,
Me levaram, ó Marco, aos sanguinosos
Paços de Sua. – De meu pai amigo
Fora o monstro! – Inda as carnes se arrepiam
C’o presente espectáculo que tenho
Diante dos olhos, – do cruor esparso,
Dos palpitantes membros estrangulados,
Dos tabescentes, lívidos cadáveres
Nas cruces pelos átrios; – a viúva
Gemendo além, carpindo o órfão; – e o torvo
Aspecto, o feroz riso dos ministros
Do tirano, apupando com motejos
As sanguentas cabeças dos mais nobres,
Mais ilustres varões que Roma tinha,
E que hasteadas em triunfo hediondo
De atroz pompa levavam... Vista horrível!
E... inda mais de indignar! e mais ainda
As trementes entranhas me excitava,
O ver, o ouvir as turbas circunstantes
Devorando seus trémulos gemidos,
Disfarçando, – cobrindo a face pálida,
Que lhes não vissem a furtiva lágrima!
E a mão, que estringir devia o ferro,
E que talvez segura no mais rijo
Da batalha o brandira, – mal ousava
De ir, co’a orla da toga, a medo e trépida,
Aos olhos que alma tímida arrasava
De feminino pranto... – O que é o povo?
O que são homens! – Ontem expulsastes
A Coriolano porque ousou negar-vos
Os baldios comuns: hoje, fugindo,
Abandonais à fúria dos patrícios
Graco que vo-los dava! – E agora... o íntimo
D’alma jovem, ardente me ansiava
C’o espectáculo feio e vil. – ‘E como
(Disse a meu pedagogo) como em Roma
‘Não há quem mate Sua!’ – ‘Não (me torna
Branco de medo o velho), não; detestam-no:
‘Mas temem-no inda mais’. – ‘E porque (cego
De ira lhe respondi) porque uma espada
Me não dás, que o vou eu matar – e livro
‘A pátria?’ – A grande custo me conteve,
E me levou dali o ancião prudente;
Nem lá voltámos. – Vinha de bom ânimo
A tenção: mas que importa! Mário aí estava
Para inutilizar o feito ardido,
Se meu infante braço o executara.
– Ah! que fruto da pátria ao bem resulta
Com lhe ficar um déspota de menos?
Vanglorioso do golpe que vibraste,

Cuidas que o monstro feneceu com ele?
Enganas-te: as cem fronteiras dessa hidra
De seu próprio veneno reproduzem;
Por uma que decepas, mil te surgem:
Mal, que julgavas ter de todo extinto,
Então se agrava mais.

MARCO BRUTO

Que! sossegados
Veremos engolfar no abismo a pátria,
E tranquilos no meio da procela,
Vê-la-emos assim ir-se afundando
No mar da escravidão! Ansiada embora
Súplicas mãos estenda aos filhos caros;
Que os virtuosos filhos não se atrevem
A perpetrar o crime de salva-la...
É virtude – confesso – que me admira,
Que jamais conheci.

CATÃO

Na tua idade
Respeitam-se os anciãos, ouve-se e aprende-se.
Mancebo, escuta: – Libertar a pátria,
E dar pelo resgate a própria vida,
Não é mais que dever; grande heroísmo,
Acções de glória, nisso não as vejo:
O homem que assim obrou foi homem de honra,
Cumpriu sua obrigação. – Mas outros meios
Tem de empregar mais certos, mais seguros,
Quem se abalança a empresa tão difícil,
Se baldos não quer ver cuidado e riscos.
Desafogar a pátria de um tirano
É transitório alívio: piora a miúdo
C’o esse remédio o mal; tens cem tiranos
Em vez de um: nem talentos nem virtudes
Ocuparão, no Estado, o grau supremo
Entre vis demagogos repartido
Por facções, por subornos, peitas, crimes.
Tinta era em sangue a púrpura, – era férreo
O ceptro do tirano: mas as togas
Dos decênviros!... tinge-as cruor negro,
E pálidos venenos as mosquejam
De nódoas que revêem torpeza, infâmia,
Flagícios! – Que lucrámos na mudança
Perigosa? Os procônules os mesmos
Peculadores; servos os tribunos
E facciosos; avara e perdulária
A questura, roubando o derradeiro

Sestércio ao povo, a última dracma ao Erário:
Os pretores vendendo em hasta pública
A justiça; – enfim todo o mesmo vício,
A mesma corrupção, – mais desfaçada,
Mais clara só, mais despejada. – E é esta,
É esta a liberdade que nos destes!
E são estas, decênviros, as tábuas
Da prometida lei, que tanto tempo
Levaram a gravar! – Veio Ápio Cláudio
Fazer chorar em Roma por Tarquínio...

(pausa)

– Se queres libertar-nos, corta rijo,
Corta pela raiz a tirania,
Cerceando por abusos, profundando
Nas fistulosas úlceras do Estado,
E levando c’o bálsamo o cautério
Ao mais solapado – onde a peçonha
Do arraigado cancro tem nascença.
Depois o facho da razão acende
Com mãos puras e limpas de interesse...
Puras! – que em dextra sórdida essa teia
É labareda sem clarão, – que abrasa
Sem dar luz – queima e rápida devora
Antes que um só vislumbre rompa as trevas,
Que, em vez de dissipar, deixou mais crassas.
– Com ele, co’esse facho luminoso,
A teus concidadãos mostra a vereda
Que ao alcançar conduz da liberdade,
Não coroados de espólios sanguinosos
Mas puro todo e cândido como ela.
Salva-os das convulsões, da crise horrível
Que as populares comoções arrastam;
Moderação e paz reine em teus lábios;
Generoso perdoa, austero pune,
Mas pelo órgão da lei, mas só com ela.
Os pendões hastear da Liberdade
Nas ameias da horrífica Discórdia,
Grito amotinador alçar aos povos
Para os deixar no caos da anarquia
Mutuamente e à porfia destruir-se,
É querer lacerar o seio à pátria
Sem jamais a salvar.

MÂNLIO

Homem como este,
Céu, criaste-o jamais, tu viste-o, mundo?

(Ouve-se vozeria e tumulto de soldados de fora dos muros.)

MARCO BRUTO

(observa da porta)

Oh! que tumulto é este? – Numerosa
Legião... de peões e cavaleiros...
E de César não são: – e nem romanos
Tampouco. – Ah! são húmidas... E Juba
Com eles. O traidor! Que! pensa o bárbaro
Surpreender-nos já, e vem?...

(desembainhando a espada e voltando-se para os soldados)

Amigos,

A eles! – Não sois vós os veteranos
De Pompeu? Co'esses bárbaros em terra.
E seja – se há-de ser o derradeiro!
Um derradeiro feito de justiça,
– Castigar estes pérfidos – o nosso.

MÂNLIO

Que! sair-lh'ao encontro – com tão poucos
Homens de lança – a única defesa
Destes muros desertos! – E eles tantos,
Os bárbaros! – Não fora mais prudente
Cerrar as portas e?...

CATÃO

Detém-te, Marco;

(depois de observar o tropel dos húmidas que vem aproximando, volta da porta e prossegue:)

E contém esses bravos companheiros
De honrada desventura. – Abri mais amplas
As portas, retirai-vos a esse lado,
Deixai-me só c'os Húmidas.

MÂNLIO

Tu! – nunca.

A ti é que eles buscam.

MARCO BRUTO

Só com eles!...

(aos soldados)

Não te obedeco. – Amigos, companheiros,
Defendamos Catão; morramos todos...

CATÃO

(alçando a voz com severidade.)

O Soldados, eu governo ainda em Utica.

(Os soldados obedecem.)

Mânlio, Bruto, ide vós... ide e pejai-vos
Do exemplo que vos deram.

(Retiram-se ambos para ao pé dos soldados. – Catão prossegue com mais brandura:)

Filho, amigo,
Sossegai: nem as bárbaras cabildas
De Juba, nem as hostes ordenadas
De Júlio têm poder sobre esta vida.
Posso morrer aqui – não às mãos deles.

(desembainha a espada; abre as portas de par em par, e fica só, no meio delas.)

CENA IV

CATÃO, MARCO BRUTO, MÂNLIO, JUBA, SEMPRÓNIO,
soldados númidas, romanos, etc.

(As legiões númidas param fora das portas; Juba entra só com alguns soldados conduzindo Semprónio algemado.)

CATÃO

Que é isto, Juba? – a que voltaste?

MARCO BRUTO

Infames!

CATÃO

Não respondes? – Semprónio em ferros! Fala,
Semprónio, explica-me este enigma. Voltas
Como um escravo a seu senhor: escravos

São para César; nestes pobres muros
Não os há. – Emudeces? – E tu, príncipe,
Tu calado também? Fala, não temas:
Teus soldados aí estão.

JUBA

Os meus soldados
São auxiliares teus e da república.

CATÃO

(prossequindo sem o atender)

Não tens que rezear: não és romano,
Nem deveres de pátria te obrigavam
A seguir nossos fados. Tomar parte
Na sorte do infeliz é peso grave
Que a descontento amigos vão levando,
Levando – até que enfim já se não sofre:
Arrojá-lo quiseste: não te culpo.
Os vínculos de aliado te prendiam...
Mas de tais alianças que proveito
Havias de tirar? Desgraças, p'rigos,
Talvez a morte. – Vai, segue a ventura:
O céu derrame sobre ti mil bênçãos.

JUBA

Bem a mereço, a exprobração amarga
Dessa ironia. – Fiz-me abjecto, fiz-me
Vil a meus próprios olhos. Desprezai-me,

(pausa)

Romanos: sou um bárbaro. – Ah, não bate
Em vossos peitos coração mais puro
Que o do bárbaro, – zelo mais ardente
De liberdade não vos queima o sangue!

(pausa)

Mas qui-lo o fado assim. – Cuidei ao menos,
Ó Catão, que arguir-me te dignasses!
Esperava castigo de meu erro,
E encontro opróbrio só. – O teu desprezo,
O teu desprezo... não, não o mereço.
Juba foi cego, louco, arrebatado,
Foi desobediente a teus preceitos,
É criminoso, mas traidor não. – Ouve,

Ouve-me por piedade, e depois julga.

CATÃO

Fala, príncipe: ouvir-te é dever nosso.
Julgar-te! Quem, aqui? – Já houve tempo
Em que Roma julgava os reis da terra.

JUBA

Oh, oiça-me Catão, julgue-me; – e absolva-me
Se puder, – que eu não quero outra sentença.

(pausa considerável)

Semprônio, tu és senador romano,
Eu um chefe de Númidas selvagens.
Teu testemunho invoco, e me contento
Só com ele. – Fui eu traidor a Roma?
Desmereci do título prezado
De amigo de Catão? – Tu não respondes,
E sorris! Próprio é o riso: mofa e escárnio
Mereço eu – e de ti... com mais justiça.

(apontando para Semprônio)

Catão, esse... esse pérfido enganou-me:
Meu natural singelo e poucos anos
Caíram fácil no enredado laço
Que devagar e há muito anda tecendo.
Persuadiu-me – e algum númen inimigo
Me fascinava então! – que a salvar Roma
Me fadavam os céus, e a punir César;
Que em Utica tramava poderosa
Conjuração oculta que esta noite
Ao ditador as portas abriria,
E vivo em suas mãos ia entregar-te.
Estremeci de horror, perdi de todo
A razão; ajudou-o o meu enleio:
Tudo obtive de mim. Na hora aprazada...
Na hora que aprazada ele dizia
Pelos conspiradores, manso deixo
A porta do ocidente, que eu guardava
Co's meus Númidas. – Saio; e mal um tiro
De seta me afastara das muralhas,
Conheço, mas já tarde, a vil perfídia.
Da porta, que eu deixara quase inerte,
Seus sócios na traição rompem, – e as hostes
De César, que emboscadas o aguardavam,
Se juntam co' eles. Desmaiei de cólera,

De vergonha e despeito. Mas foi pronta
Minha resolução. Sem lhes dar tempo
A mais, invisto c' o poder imenso
Do inimigo. Brado: «Alarma». E «Alarma»
Me respondem dos muros. Comandadas
– Não conheci por quem – fiéis coortes
Saem a sustentar-me. Trava, às cegas,
Pela treva o conflito: ambos à uma
De opostos lados, Númida e Romano,
Demos sobre o traidor e sobre as hostes
Do tirano de Roma, – que engodadas
Das promessas do indigno, mal cuidavam
Encontrar tão porfiada resistência,
Tanto contrário, aonde sem peleja
Contavam co' a vitória. Rechaçadas
Foram completamente. Ia d'envolta
Na fuga o celerado: descobri-o,
Corri sobre ele; – e fomos longo espaço
No arriscado empenho os cavaleiros
Todos: porém valia a pena e o p' rigo,
Valia tudo! – Segurei-o eu próprio
Co' estas mãos, – fiz lançar-lhe essas algemas,
E salvei para os golpes dos lictores
A torpe vida, que anelavam todos
Arrancar-lhe à porfia... Ah, nem tu sabes,
Não... nem tu sabes inda quantos crimes
Tens que lavar no sangue do malvado!
Pórcio...

CATÃO

(interrompendo-o)

Meu filho?...

JUBA

Assassinou-o o infame.

CATÃO

Respiro, oh céus! traidor não foi meu filho.

(silêncio longo)

MARCO BRUTO

Covarde, e como tanto ousou teu braço
Fracó? – tão fraco e vil como a tua alma.

JUBA

Ousar! – Foi à traição.

MARCO BRUTO

Monstro!

MÂNLIO

Oh, ei-lo,

Ei-lo aí, moribundo o vêm trazendo.

Que miseranda vista – oh, que espectáculo

Para os olhos dum pai!

(Pórcio deitado em umas andas formadas de escudos e lanças, aos ombros de soldados númeras, e guardado por considerável número de cavaleiros númeras, vem lentamente aproximando-se da porta da cidade; passa por entre as legiões de Juba, que lhe abrem alas. Ouvem-se gemidos, e o lamentar discorde de romanos, de númeras e do povo que vai acudindo.)

CENA V

CATÃO, MARCO BRUTO, MÂNLIO, SEMPRÓNIO, JUBA, PÓRCIO, etc.

CATÃO

(indo ao encontro do filho)

Vem, vem, meu filho,

Nos braços de teu pai morrer com honra.

Vê dos olhos paternos, vê correr-me

Estas lágrimas – doces, não de pena,

Meu Pórcio, não de dor, mas de saudade.

(abraçando-se com ele)

Morres homem, meu filho, e morres livre.

Oh, não te pese de deixar a vida.

Que te fica na terra? – que perdeste?

Um mundo indigno, baldo de virtudes,

Farto de crimes – solidões juncadas

De mortos, moribundos – e assassinos.

PÓRCIO

E... o pai... que eu deixo... – Adeus!

(põe os olhos no pai e expira)

CATÃO

Morre, meu Pórcio,
Que vives para a glória! Oh caro filho;
Sobe, alma venturosa, à eternidade!

(Inclina-se sobre o cadáver, e fica algum tempo com a face escondida, soluçando baixo e como quem se comprime. – Longo silêncio. – Levanta-se, e prossegue:)

Meus amigos, chorei: não me envergonho

(enxugando o rosto)

De ser homem. – Está pago o tributo
À natureza. – Agora Roma.

(dá alguns passos, e encara outra vez com o cadáver)

Filho!

Meu filho, tu não hás-de vê-la escrava!
Deram-te abençoada morte os deuses.

(pausa breve)

Tu choras, Marco – e tu, Mânlio – e vós todos,
Amigos? – Eu sou pai, e já não choro.
Ânimo! vinde, aproximai-vos dele;
Contemos as feridas gloriosas
Deste cadáver. Nunca tão formoso
Me pareceste, meu querido Pórcio...

(beija-o uma e muitas vezes)

Beijo esta face pálida, esta fronte
Empastada de sangue, e estas mãos hirtas...
Ah, que!...

(fica algum tempo abraçado com o cadáver, e em silêncio)

– Levai-o, amigos.

MARCO BRUTO

Não; detende-vos.
Não há-de ir a jazigo desonrado
O corpo do herói. Aqui o sangue
Do matador queremos. Pede-o Roma,
Pedimo-lo nós todos, e é devido

A seus manes. Soldados, companheiros,
Dizei-o: sofrereis tamanha injúria?

POVO E SOLDADOS

Morra, morra o traidor.

CATÃO

(com severidade aos soldados e povo)

Basta.

(depois de longa pausa, volta-se para Semprônio)

Semprônio,

Eu já fui pai – e sou romano ainda.
Vês aquele cadáver? – É meu filho:
Tu mo roubaste... – Com algoz perfídia
Maquinaste o exício da república;
E co'as mãos parricidas – ímpio! – foste
À garganta da pátria moribunda
Para afogar-lhe o derradeiro alento.
– Todos quantos aí vês pedem tua morte;
Pedem teu sangue as leis e a natureza.
Mas eu posso perdoar... Roma não deve.
Malvado, treme: a espada da justiça
Sobre tua cabeça está pendente.

(volta-se para os soldados)

Dos crimes ao maior, pena a mais crua,
Nós a devemos, filhos de Quirino:
Morra. – Sim, morra para sempre o pérfido:
Tirai-lhe esses grilhões, abri-lhe as portas.
Pesa-lhe a liberdade? aos ferros corra:
Para Roma expirou, – com César viva.

MÂNLIO

Oh virtude!

JUBA

Oh sentença de romano!

SEMPRÔNIO

Triunfaste de mim: essa grandeza
Inda é maior... maior do que o meu ódio!

(Soltam-no os lictores, e o põem fora das portas)

CENA VI

CATÃO, MARCO BRUTO, MÂNLIO, *soldados, etc.*

MÂNLIO

Mas duvido que possas impedir-lhe
Que o furor dos soldados...

CATÃO

Um romano
Em sangue tal não enxovalha a espada.
Lictores, de Semprônio o vil castigo
Anunciai às coortes; e intimai-lhe
Que é não ser cidadão, frustrar-lhe a pena.

MARCO BRUTO

Oh meu pai! a teus pés deixa prostrar-me;
Deixa adorar em ti...

CATÃO

Ergue-te, filho;
Eu fiz o meu dever: não te acostumes
A admirar com espanto uma acção boa.
Faze hábito da honra e da virtude,
E só te admirarás de ver um crime.

(Saem todos acompanhando o cadáver de Pórcio.)

ACTO QUINTO

Galeria aberta, com colunas. Os intervalos do peristilo são tomados com cortinas corrediças. – Vê-se perto o mar e algumas naus romanas. – Do outro lado, parte das muralhas da cidade. – Vem amanhecendo.

CENA I

CATÃO, *libertos.*

(Os libertos estão em distância, no fundo da cena. Catão aparece sentado e lendo. Sobre o ábaco, em que descansa o livro, alguns rolos de pergaminho e uma espada nua. Depois de ler algum tempo, fecha o livro; pega na espada, examina-lhe o gume e a ponta, e torna a poisá-la sobre o ábaco.)

CATÃO

(reparando nos libertos.)

Ainda não é tempo. – Oh!... Ide a Mânlio.
E chamai- mo aqui logo. – Ide vós todos.

CENA II

CATÃO, *só*

(torna a pegar no livro)

Consolaste-me, Sócrates: não morre
Com este corpo o espírito que o anima.
Já me não prendem dúvidas; fujam os
Do vil cárcere: a morte só é termo
Da vida, – da existência não... No íntimo
D'alma o pôs Deus, o sentimento vivo
Da eternidade. Este viver contínuo
D'esp'ranças, este ansiar pelo futuro,
Este horror da aniquilação, e o vago
Desejo de outra vida mais ditosa,
O que são? – Indistintas, mas seguras,
Reminiscências da perdida pátria.
E saudades de voltar a ela.

(levanta-se)

Ver-te-ei, mansão dos justos!... – O sepulcro
Não é jazigo, é estrada. – Convenceste
A minha alma, Platão: hei-de encostar-me

Tranquilo e repousado no ataúde,
Como viajante reclinado à popa
Da galé que em bonança vai singrando
Com brandos ventos para o porto amigo.

(senta-se, lê breve espaço, e torna a levantar-se)

Inda me resta que fazer na terra;
Deveres sacratíssimos, restritas
Obrigações. – Fiel e honrado é Mânlio:
Vou confiar-lhe tudo... Oh, ei-lo chega.

CENA III

CATÃO, MÂNLIO

CATÃO

Mânlio, ouve-me atento. A tua dextra
Em penhor do segredo.

MÂNLIO

Ei-la.

CATÃO

Romanas
São ainda estas mãos: não, meu amigo?

MÂNLIO

E duvida-o Catão?

CATÃO

Não, não duvida.

MÂNLIO

Pois bem, fala, eu te escuto.

CATÃO

(depois de breve pausa, chegando-se para ao pé da galeria)

Que formoso
Vem arraiando o alvor ténue do dia!
Vês, Mânlio? – Como é belo este universo!

Quanto mais bela não será a etérea
Região que de tão longe reverbera
Toda essa formosura! – Observa, amigo,
Aquela estrela pálida: é a última
Que ficou no lutar da luz co'as trevas
Do incerto crepúsc'lo. Chega-lhe a hora
Enfim, – morre... Mas amanhã c'roada
A verás de luz nova e mais brilhante
No firmamento azul. Não hei-de eu vê-la...
Deste lado da campa, ao menos...

MÂNLIO

Como!

Não te percebo. Quê! – tu...

CATÃO

Descansado

Serei já a essa hora no jazigo.

MÂNLIO

Tu!

CATÃO

Sim.

MÂNLIO

Pois quê! perdeste já de todo
Aqueles esperanças?

CATÃO

Não: nem perco.

Vês esta espada? Nela só as tinha:
Não me serviu a libertar a pátria,
Serve para morrer.

MÂNLIO

Tu!

CATÃO

Sim, amigo,

Eu.

MÂNLIO

Nem assim! Ai! Nem assim... E inútil.
Foi tempo – já lá vai – em que o cadáver
Dum cidadão romano, gotejando
Sangue no foro, incendiava as turbas,
E era como um vexilo formidável
D'em torno ao qual suas férvidas falanges
A pública vindicta arrebanhava.
Mas hoje!... o calo da cerviz passou-lhes
Ao coração: nem há...

CATÃO

Sobre esses males
Só me resta gemer: assaz contra eles
Lutei de balde.

MÂNLIO

Então...

CATÃO

Co'a minha morte
Só este coração, só a minha alma
Quero salvar do crime.

MÂNLIO

O crime é dele,
Do tirano, e não nosso... ou e da sorte.
Se Deus Ótimo Máximo o permite,
O homem fraco...

CATÃO

Não faças tão pequeno
Nem tanto abatas o homem. Pouco vale
Se escravo das paixões, fraco se deixa
Ir ao sabor das ondas do destino.
Mas o homem que é digno de ser homem,
O varão forte, que o revés encara
D'avessos fados, que lhe apara os golpes
No adamantino escudo da virtude,
Que, arca por arca, luta c'o infortúnio
E consegue aterrá-lo – oh, esse é grande,
Esse não teme, desafia a sorte.
Por certo não é crime ser escravo,
Só desventura grande; mas, podendo

Espedaçar os ferros vergonhosos,
Não o fazer é vil baixeza torpe,
É covardia, – e a covardia é crime.
A natureza, que nos deu a vida...
A natureza – Deus Ótimo Máximo,
Deu-nos co' a vida essenciais direitos,
Inalienáveis, que são parte dela;
Deveres nos impôs estritos, sagrados,
Condições da mercê. Quem perde aqueles,
Posterga estoutros, e só preza e guarda
O dom da vida – ofende a natureza
E ultraja o Criador.

MÁNLIO

E pode o homem,
Com sua falha razão, acertar justo
Nesse termo?... E se errar? – Porque não há-de
O mesmo Sopro Eterno que dá vida,
Distribuir a morte?

CATÃO

E eu morro, amigo,
Quando a minha alma eterna assim liberto
Dos vínculos do corpo? Se esta essência
Que da vida às funções em nós preside,
Porção da Divindade, é pura essência
De espírito imortal, não obro crime,
Não renuncio à dádiva celeste
Se a livro de baldões, e denodado
De opróbrio indigno a salvo. E se, ao contrário,
Combinação fortuita do acaso
Me formou a matéria; se a minha alma
Morredoura e mortal como o meu corpo...

MÂNLIO

Ainda então... – E essa doutrina abjuro...

CATÃO

Abjuro-a eu também. Aborrecido
Seja dos homens, e de Deus maldito
O ímpio que a propagar; – morra, e castigo
Lhe não quero maior! – crendo o que ensina.

MÂNLIO

Pois bem. Mas ainda então, e se tal fosse

A triste realidade, outro motivo
Deveria prender-te.

CATÃO

Qual?

MÂNLIO

A pátria.

CATÃO

A pátria... pátria – e agora!

MÂNLIO

Sim. – Perdoa

O sincero falar, amigo, a um velho:
Quanto és, bem sei, por ela te hás votado;
Catão só com sua espada e com seu nome
Defendeu a república, e de Roma
Protegeu a orfandade, quando todos,
Vil! – a desampararam os seus filhos!
Mas agora no extremo, neste aflito,
Apertado momento da agonia,
Na hora do passamento é que a abandonas?...

CENA IV

CATÃO, MÂNLIO, JUBA

JUBA

Catão, ao porto, ao porto! O vento serve,
Estão prestes as naus. Bruto me manda
Dizer-te que não tardes. As coortes
De César assaltaram de repente,
E por todos os lados nos investem.
As muralhas esboroam-se a pedaços
Sob os golpes do aríete incessante:
Raros sobre elas, a um e um, se contam
Da liberdade os tristes defensores:
Mas com eles é Bruto; disputadas
Hão-de ser as ruínas palmo a palmo.
No entanto, ao porto! Bruto assim to roga:
Nos muros basta ele: e defender-nos
Muito tempo, é impossível.

CATÃO

Bem: a hora

Chega enfim. – E os velhos senadores,
E o povo?

JUBA

Esse tropel de gente inerme
Andam como alienados pelas ruas
Bradando, lamentando; – outros furiosos
Sobem aos muros de ímpeto, e se arrojam,
A perecer, nas lanças inimigas.
Recresce a confusão com o alarido
Das mulheres que vão de templo a templo
Uivando espavoridas, desgrenhadas;
Velhos, crianças – miseranda vista!
As seguem com tristíssimos gemidos:
E c'os nomes dos deuses, de mistura,
O teu invocam: por ti choram, clamam,
E ululando 'Catão' desatinados
Vagam aquém, além. – Escuta: aí correm
Para este lado. Ouve-los? – Receio
Que se atrevam talvez... Há sediciosos
Entre eles: e é prudente...

(tira a espada e chega-se para as colunas: Mânlio faz o mesmo.)

CATÃO

Juba, Mânlio,

Que pretendeis? Deixai para o tirano
O acutilar o povo: o ofício é dele
Que lhe tem medo, eu não.

CENA V

CATÃO, MÂNLIO, JUBA, POVO

POVO

(de fora)

Catão, acode;
Catão, acode ao povo!

CATÃO

(Corre as cortinas do peristilo; e aparece a praia coberta de povo, o qual vem

subindo a escadaria quase até o nível da cena: Catão dirige-se a eles:)

Meus amigos,
Que quereis? Aqui estou. Quereis meu sangue?
Tomai-o.

POVO

Não, não, não!

UM DO POVO

Pereça o ingrato
Que de seu sangue 'té à última gota
Por ti não der!

POVO

Pereça!

CATÃO

Povo de Utica,
Romanos – que vós sois romanos ainda,
Que pretendeis? As legiões de César
Estão já sobre nós. Esse alvoroço,
Esse aclamar o nome dum proscrito
Moverá sua cólera tremenda
Contra vós. Ide em *paz*, amigos, ide.
Meu coração trasborda agradecido
Co'esse aplauso sincero e não suspeito...
Mas, uticenses – não deis pasto às iras
De César: sua causa vencedora
Achou graça ante os numes. Ide, oh, ide;
E guardai deste ímpeto primeiro
Os filhos, as esposas. Não façamos
Mais vítimas. Escape ao sacrifício
Algum sequer de quantos se atreveram
A ser amigos de Catão...

(gemidos e choro geral entre o povo)

UM DO POVO

Quem há-de
Desamparar o benfeitor, o amigo,
O pai do povo, o protector constante,
A nossa última esp'rança?

POVO

Ninguém. – Morra
Quem o desamparar.

CATÃO

Basta, meus filhos...

(para Mânlio)

Eu não posso deixar de enternecer-me
Com tanta devoção, Mânlio, – e nesta hora!

(para o povo)

Basta, que me rasgais os seios d'alma.
Não as ouvis cair, essas muralhas
De vossa forte pátria? Rasa em terra
C'os areais será Utica em breve...
Olhai! não vedes como vêm com elas
Alanceados, partidos a pedaços,
A subverter-se no montão das ruínas
Os poucos, derradeiros defensores
Que nos restavam? Oh, tende piedade
De vós, de vós!

UM VELHO

A nossa vida é nada:
Somos velhos inúteis.

UMA MULHER

E mulheres,
Que não podemos defender a pátria,
A liberdade.

UM VELHO

Mas queremos todos
Morrer por seu magnânimo caudilho.

POVO

Queremos! – Por Catão! – Morrer!

CATÃO

Oh César,
Assim não triunfaste nunca! – Amigos,

E forçoso; curvemo-nos ao fado.
Fizemos quanto humano esforço dava;
Mais não podemos, que é tentar os deuses.
Concidadãos, não tenho mais que dar-vos:
Conselhos só; – ouvi-os, atendei-os.
Pai me chamastes? – Escutai a extrema
Vontade, o último rogo e mandamento
De um pai... e prometei-mo aqui nesta hora
Solene, – neste instante derradeiro
Da despedida – prometei cumpri-la:
Jurai-mo, filhos!

POVO

Sim, juramos.

CATÃO

Ide;

Obedecei à voz agonizante
De Roma que vos fala por meus lábios.
Salvai-vos! Ai estão naus aparelhadas
Para quantos não ousam confiar-se
Na demência de César... A demência
De César! – A seus lares sossegados
Voltem os outros. Ide, foge o tempo:
Adeus!

UM DO POVO

Vem tu connosco, e iremos todos
Contentes inda além das portas d'Hércules.

POVO

Vem, vem connosco, pai!

UM DO POVO

Sós onde iremos?
Sós, sem Catão, não vamos.

POVO

Não! não vamos.

(grande rumor entre o povo.)

CATÃO

(a grandes brados)

Perjuros! renuncio ao vosso afecto.
Desobedientes, vosso amor fingido
Lanço de mim; e impreco os santos deuses
Que sobre vós...

POVO

Catão, não nos maldigas:
Obedecemos já.

(começa a dispersar-se o povo.)

CATÃO

Filhos de Roma,
Não meus, – filhos de Roma, e dignos dela,
Proteja-vos o Deus que a desampara
Por nossos crimes – e a vós vos salve,
Que inocentes sois deles.

(Vai-se retirando o povo, parte para as naus, parte para o interior da cidade.)

CENA VI

CATÃO, MÂNLIO, JUBA

CATÃO

Vai, meu príncipe,
Com a tua presença – que eu não posso,
Comoveu-me de mais este espectáculo! –
Pôr ordem nesse embarque. Reservada
Das trirremes fique uma: é para Mânlio,
Para ti, – para aqueles que puderem
Escapar.

JUBA

Mas...

CATÃO

Quê?

JUBA

Oiço a cada instante

Redobrar o conflito... E eu longe dele!
Que dirá de mim númida e romano?
– Daqui... oh, daqui vejo Marco Bruto
S, impávido, e firme como o Atlante,
Em p sobre um acervo de ruínas,
De pedras – cimentadas com cadáveres
E sangue! – daqui lhe oiço a voz ingente
A romanos e a númidas bradando,
Dando ordens; e co’ a intrpida firmeza
Daquela alma, s menor que a tua,
Sustentando, contendo o marte adverso...
– E a mim de tanto p’rigo e tanta glória
Não me há-de caber nada!

CATÃO

Nobre Juba,
O louro dos heróis custa mais sangue
E lágrimas, do que águas leva o Tibre,
A cujas ribas cresce a fatal rama.
É mais bela, mais pura e digna do homem
A do carvalho cívico. Vai, Juba:
Salva esses cidadãos. Eu também tenho
Amor  minha glória, e aqui estou. – Quanto
Pode inda Bruto sustentar-se?

JUBA

Uma hora
Breve, escassa...

(olha da galeria)

Nem tanto porventura!
Oh, CATÃO, aproveita-a, que...

CATÃO

Não tarda
A minha hora... mas não veio ainda.
– Vai onde te pedi, vai: não descanso
Enquanto estas gals não desaferram.

CENA VII

CATÃO, MÂNLIO

CATÃO

Mânlio, em que pensas tão profundo?

MÂNLIO

Penso

Na desgraça de Roma, – que, de todos
Abandonada, nem Catão lhe acode.

CATÃO

Outra vez to repito: meu amigo,
Eu – que posso eu já ‘gora?

MÂNLIO

Podes muito.

O Teu nome e autoridade é respeitado
Do ditador. Podes tentar ao menos
Um derradeiro esforço a pró de Roma:
Talvez ainda estipular com César...

CATÃO

Com César estipular! Entrar em pactos
Com o forte não pode o fraco: estala,
Antes de dado, o laço da aliança,
Da convenção, do nome que mais queiras
A tais convénios dar. – Amigo, é baldo,
É louco esperar nada mais de Roma.
Eu resisti por honra, por estrito
Cívico pundonor, – não que esperasse
Fruto da resistência: fruto, digo,
Para o colhermos nós; que a resistência
Do povo a seus tiranos e opressores,
Nunca é vã, não se perde. Malograda
A vemos hoje: e o coração falece
A quem vê tanto sangue derramado,
Tanto infeliz, tanta miséria – e tudo
Em vão... – Mas não foi vão! – Virá um dia...
Quando, não sei; a Sempiterna Essência
Em tábuas de diamante o tem marcado:
Virá um dia... – Mas é longe ainda
Esse dia de nós. – Ai! quantas vezes
O temos dito ambos! Inda agora
Mo repetiste, Mânlio: Roma é serva
No coração, tem alma escrava há muito,
Precisa de tirano. Catilina,
Sila, Mário caíram de pouca arte,
De pouco expertos no mester difícil
De dourar os grilhões: foram lançar-lhos

Rudos, negros ao colo inda lembrado
De antigas ufânias. Júlio é outro:
Sobeja-lhe arte para ser tirano
De sua pátria decrépita. – Não mata
Algoz que é só cruel, a liberdade:
O sangue não a afoga; reverdece
No martírio. – Senhor, como esse, fora
Uma benção do céu sobre a república
Enquanto ela tem forças para a cura,
Que, já' gora, só pode dar-lhe o ferro
Dum tirano – que rasga, dilacera,
Estimula, espedaça, – mas, às vezes,
Como a espada de Aquiles fabulada,
Sara o que fere. – Porém César!... César
É tirano mais dobre, mais astuto.
Esse é traidor algoz: não mata a ferro,
E só vai propinando lentamente
Venenos encobertos, disfarçados,
Que, sem travar nos lábios, levam morte
Ao coração, – e o derradeiro afogam
Desejo, ideia, imagem da proscrita
Liberdade...

(silêncio longo)

Oh! – Já vão saindo o porto,
Já largaram as naus. Respiro: um peso
Férreo se me tirou de sobre o peito.
Estão salvos, e eu livre! – Meu amigo,
Tu vais com eles.

MÂNLIO

Eu!

CATÃO

Sim, tu, meu Mânlio.
E Juba vai contigo. – E Marco Bruto
Irá também: vou-lhe mandar que cesse
O combate, e que as portas abra a César.

MÂNLIO

Bruto não cede assim, nem te abandona.
E hei-de fazê-lo eu?

CATÃO

Sim, hás-de. – Marco

Há-de também obedecer-me. Ardente,
Arrebatado é o jovem, mas sincero,
Probo, leal. – Perdoa-lhe, eu te rogo,
Perdoa-lhe, ama-o pelo amor antigo
De CATÃO, que to pede. – Bruto e Juba,
Ambos são filhos que adoptou minha alma;
E ora tos lego, amigo. – Vai com eles
E esses poucos fiéis que inda restarem,
Buscar asilo, ou seja na Numídia,
Ou além nas indómitas Espanhas,
Ou onde quer que amigos vos acoitem
Das proscricções de César.

MÂNLIO

E tu próprio
Porque não vens connosco? Ó meu amigo,
O povo com justiça to pedia:
Vamos co' estas relíquias doutra Canas,
Vamos a demandar novo Canúsio,
Donde talvez, contigo, inda possamos
Volver a conquistar o Capitólio
E resgatar a pátria. – Das Espanhas
Inda não subjugadas, nos convida
O filho de Pompeu, que entre esses povos
Fortes legiões instrui, e co' elas jura
Vingar o pai... Sorris? – Talvez de incrédulo.
Mais ilustres proscritos (não é ele
O primeiro) aí acharam gasalhado,
Defensores e pátria... – e pátria, amigo,
Menos ingrata do que a nossa Roma.
E porque não iremos nós entre eles
Procurar as fortunas de Sertório
Lá no extremo Ocidente, nesses montes
Ferozes de sua ingénua liberdade?
Depararemos porventura ainda
Com algum Viriato que esquecido
Não tenha o amor da independência antiga.
Diante desses feros Lusitanos,
Desse nobre, indomado povo duro,
Já muita vez tremeram de assustadas
Águias romanas, e... – Tu ris!

CATÃO

Sim, rio,
Mânlio, e de ouvir-te. O cego entusiasmo
De Bruto não se inflama, não centelha
Com mais viva eloquência, nem lhe rompe
Com tanta convicção do íntimo peito.

Que sedutora é a amizade, Mânlio!
Tu, cuja razão clara e exp'riamentada
Ri das vãs esperanças de mancebos,
Fez-te mais cego que eles a cegueira
Do amor que me tens. Não me quiseste
Enganar, bem o sei, não: o enganado
Foi o teu coração. – Meu caro Mânlio,
De ilusões basta já: eu nada espero
(Nem o esperas tu; bem o conheço)
Do mancebo Pompeu ou de suas armas.
Esses bárbaros sim – mas será tarde –
Os bárbaros, que tanto desprezámos,
De quem nós, de quem Gregos, nossos mestres,
Mofaram tanto – esses hão-de ainda
Os altares erguer da liberdade,
Que nós, ímpios, sacrílegos prostrámos.
Eles acenderão seu fogo santo
Para alumiar, purificar a terra.
Diz-mo no peito um Deus: nessa esperança
Morro: – essa esperança me consola
No desamparo de morrer sem pátria...

(fica algum tempo em silêncio e meditabundo; – levanta-se e prossegue:)

Oh! minha morte não será inútil!
Um dia inda virá que este meu sangue
Hoje aqui derramado em sacrifício
À Liberdade santa – reverdeça
D'ante os olhos da opressa humanidade,
E alce clamor com que tiranos tremam,
E acordem povos...

(depois de longa pausa, vem a Mânlio, e apertando-lhe a mão:)

Mânlio, meu amigo,
Baste este adeus. Não mais: sejamos homens:
Adeus! – Parte, que é tarde. – Adeus!

MÂNLIO

E é força,
É força... que este seja o derradeiro!

(abraçam-se; – Mânlio retira-se lentamente.)

Obedeço-te.

CATÃO

Vai! – Oh, ver-nos-emos

Noutra pátria mais bela e mais ditosa...

CENA VIII

CATÃO

só.

Quebrou mais este laço. Foi violento
O golpe... E há inda aonde fira um golpe
No coração que todo é chaga viva...
Antes calosa úlcera insensível?
Oh, vã filosofia!

(pausa longa.)

É morta Roma!
É morta Roma... e eu sou vivo ainda!
Começa a envergonhar-me esta fraqueza.
Morrer! – Mas eu receio acaso a morte?
Não, por certo; não vejo na minha alma
Nem a menor saudade da existência.
Sinto no peito o coração tranquilo;
Pelas veias o sangue vai pausado...

CENA IX

CATÃO, MARCO BRUTO, JUBA

MARCO BRUTO

Meu pai, estamos sós alfim... Não resta
Mais um romano em Utica. Os escravos
Do tirano inundaram a cidade.
Apenas esta casa se defende
Com um resto de númidas.

CATÃO

E o passo
Que oculto leva ao porto e às naus – seguro
E livre é inda!

JUBA

Sim, e guarnecido
Com cem frecheiros meus: o passo é estreito,
Fácil de defender; nem o descubrem

Tão cedo.

CATÃO

Bem está. – Ide, meus filhos;
Ide, que Mânlio só por vós espera
Para levantar âncora. Adeus! – Marco
Respeita o honrado ancião. – Juba... estremece?
Medo não é. – Tu coras, Marco, e enfias
Ao mesmo tempo? – Filhos!...

(deitam-se ambos aos pés de Catão e o abraçam.)

JUBA

Tremo, e é medo
De te deixar, meu pai!

MARCO BRUTO

Pai, não te deixo.
Não eu! Maldize embora o filho.

CATÃO

Filho!
Es cruel com teu pai.

MARCO BRUTO

Ímpio me chama:
Não parto. – Fugir eu, salvar a vida
E abandonar CATÃO! Tal se não há-de
Dizer de Marco Bruto. Se forçosa,
Se a Roma necessária é esta fuga,
Dá-nos o exemplo tu: vem.

CATÃO

Mui dif'rentes
São os nossos deveres: Bruto deve
Para a pátria viver; mancebo é inda,
Talvez um dia... poderá servi-la:
Catão velho, cansado, e a Roma inútil...
Só lhe resta morrer.

JUBA

Morrer!

CATÃO

Sim.

MARCO BRUTO

(levantando-se)

Morre:

Mas eu não vivo.

CATÃO

Vives, que eu to ordeno,
Que o manda Roma.

MARCO BRUTO

Roma! – Que o decretem
Os soberanos deuses, Bruto deve,
Onde expirar Catão, morrer com ele.

CATÃO

Meu filho! Há poucas horas inda eu tinha
Outro filho... Levou-mo a pátria. Embora!
Caiu nesta hecatombe derradeira...
Fiquei eu só das vítimas marcadas!
– Mas tu, tu és também meu filho... filho
Da minha escolha, mais querido ainda,
Que órfão te pôs o crime em meu regaço.

MARCO BRUTO

E eu hei-de abandonar-te nas mãos dele!

JUBA

Abandoná-lo! Aqui morremos ambos
Contigo: e mais gloriosa morte...

CATÃO

Juba,
Tuas obrigações são mais restritas
Que as dele ainda. Onde o poder supremo
Se tolera num só, – todo lhe incumbe,
É responsável pelo encargo inteiro
Da república. Deves-te a ela, príncipe;
Não és teu já.

MARCO BRUTO

Meu pai, os teus preceitos
Foram, como os decretos soberanos
Dos deuses, para mim sempre. Mas hoje,
Não te obedeco. Eu daqui não saio.

JUBA

Nem eu.

(silêncio considerável: Catão medita algum tempo)

CATÃO

Ficai embora: mas jurai-me
Que salvareis a vida.

JUBA

Juro.

MARCO BRUTO

Juro.

Se... – Jurarei–se... Ah! Mas tu...

CATÃO

(tomando-o pela mão)

Meu filho,
Marco Bruto, meu filho... Oh, que este nome
E de todos os nomes o mais doce!
Pela vez derradeira um pai te fala,
E tu não hás-de ouvir as vozes dele!
Minha extrema vontade, há-de o meu filho
Desprezar de seu pai! O último rogo
Já feito sobre a margem do sepulcro,
Hás-de esquecê-lo tu? Catão suplica,
Pede Catão, e Bruto não o atende!
Meu filho, vem, recebe no teu peito
O longo, o saudoso adeus da campa,
Que só vai terminar na eternidade...

(abraçando-o)

– Este abraço de morte inda é romano,
Estas mios que te apertam não têm ferros!

Meu filho, adeus! Sê virtuoso sempre.
Não podes ser romano, – mas sê homem.
Roma acabou-se, – resta-te a virtude.
Já não tens pátria, – mas tens honra ainda.
Vai – apenas o estado mais tranquilo
Das coisas o permita, repousar-te
Nas avitas Sabinas: deixa o mundo
A César, e tu vive sossegado
Cultivando o teu campo. Glorioso
É aquele terrão que tantas vezes
O grã Censor co'as próprias mios lavrava.
Dou-to em dote da filha a quem mais quero.
A minha Pórcia: pela antiga usança

Da boa e velha Roma foi criada:
Ama-a, que o vale. Eu ta coloco e entrego
Digna esposa de Bruto. – E adeus, meus filhos.

(abraçam-se todos três)

Recordai-vos de um pai que vos amava,
Para chorá-lo, não, que morreu livre;
Mas para vos lembrar de seus conselhos,
Para segui-los sempre. Adeus!

(vai a tomar a espada do ábaco, e não a acha)

Traidores!

Que fizestes! Quereis ir entregar-me
Escravo, servo com as mios atadas,
Aos algozes de César, ou à infâmia
Pior, maior, de seu perdão? Ingratos,
Vós meus filhos não sois: eu vos abjuro,
Vos renego.

CENA X

CATÃO, MARCO BRUTO, JUBA, MÂNLIO

MÂNLIO

(trazendo a espada embrulhada na toga)

Fui eu, fui eu: perdoa-me;
Não pude resistir... Cuidei... – Oculto

(apontando para uma porta interior)

Vigiava dali... Mas já é tarde.

Meu amigo, estão já nesse átrio... Foge,
Foge, ou...

CATÃO

Fugir, eu! Dá-me essa espada.

(Mânlio recua: Catão alça a voz tremendamente:)

Dá-ma!

(Mânlio entrega a espada.)

Oh Roma, oh Roma! Oh minha pátria,

(fere-se)

Já não há mais que a vida – ei-la: recebe-a:
Vamos, ao menos, juntos ao sepulcro...

(cai: tomam-no nos braços)

MARCO BRUTO

Meu pai!...

JUBA

Venceste, César, o universo:
Não venceste Catão. Dai-lhe esta glória,
Iníquos deuses!

MÂNLIO

Expiraste, ó Roma!

CATÃO

Amigos, estes últimos instantes,
Não mos façais amargos. Por piedade...
Essa dor – a meus olhos – ocultai-a...
Não me deis – morte... morte de – covarde...

(desfalece)

MARCO BRUTO

Oh meu pai!

(procuram estancar-lhe o sangue.)

MÂNLIO

Meu amigo! Que velhice,
Que extremos dias me guardava o fado!

(ouve-se alarido de soldados que se aproximam: tiram todos as espadas.)

JUBA

Morramos defendendo este cadáver.

CATÃO

(tornando a si)

Ímpios! – o juramento...

CENA XI

CATÃO, MARCO BRUTO, MÂNLIO, DÉCIO *com legionários de César.*

DÉCIO

Paz! demência!
Paz em nome de César! Honra e glória
Ao seu nobre inimigo, ao homem grande
Que o ditador magnânimo respeita,

(dá com os olhos em Catão)

Ama, e... – Oh! que vejo! tu...

CATÃO

(esforçando-se para falar)

Já – na...da
Tenho... que. de... suas.. iras...
Nem... de... seus benefícios... – Mas, amigos,
Vós traís-me! Porque... vedar-me o sangue?
Deixai-me – eu sei morrer.

(mete as mãos ambas na ferida, e, rasgando-a com o último esforço, exclama:)

Oh... Ro...ma!

(expira.)

MÂNLIO

É morto

Com a pátria nos lábios. – Ai, que pátria
Lhe fadaram os céus!

(silêncio longo)

MARCO BRUTO

(para Décio)

Contempla, indigno,
Contempla a tua obra. Lê, perverso,
No horror daquela chaga os teus delitos.
Colhe, escravo, esses louros sanguinosos,
Leva-os a teu senhor: dá-lhe, que o beba,
Na taça da ambição aquele sangue...
C'um parricídio mais orna-lhe a glória.
Que mais quer, que lhe falta? Esse malvado
Porque não vem gozar do seu triunfo?
Venha, venha rever-se no seu crime;
Venha, venha folgar sobre o sepulcro
De Catão e de Roma... Quer mais sangue?
Resta-lhe o meu... – Pois venha derramá-lo:
Tome-o, dou-lho: resgate-me da infâmia
De o trazer nestas veias... – mate a sede
Do coração atroz...

DECIO

Lembra-te, ó Marco,
Da carta...

MARCO BRUTO

Que vieste recordar-me!

(pausa)

Sabes o que disseste? – Mal conheces
Que sentença de morte proferiste.
Eu, ele não... – Porquê? O parricida
É ele, não sou eu. Se é dele o sangue,
Para que mo legou com tantos crimes?
– Abominado sangue!...

(depois de breve pausa, vai direito a Décio, trava-lhe da mão, e apontando para o cadáver:)

Vês aquele?

Aquele sangue é que é o meu, escravo.
Sorvi-o, gota a gota, co'estes lábios;
E entrou no coração, todo; – aqui todo
Mo deixou a vingança entesourado.

(ajoelhando diante do cadáver, arranca-lhe o punhal, e levanta-se:)

Este ferro, este ferro precioso
É legado dum pai... – Pai... oh, que nome!
Onde há maldição como esta minha?
Sou filho dele, sou: – e hei-de mostrar-me
Digno do pai no parricídio... – Oh! tremes,
Covarde coração! Que horror! Eu filho
Dele... dele! – Não sou; é falso: mente.
Sou filho só de Roma. – Pai já tive...

(apontando para o cadáver)

Quem mo roubou? – O mesmo parricida
Que matou Roma. E hei-de eu ter remorsos?
Remorsos!... – Ensinou-me a desprezá-los
Esse a quem devo... – Devo só vingança.

(Pronuncia as três últimas palavras com grande brado, e alevantando a espada para o céu. – Cai o pano.)

NOTAS

AO ACTO PRIMEIRO

NOTA A

Fracos sobejos da fatal derrota
Do infeliz Pompeu I

Os defensores de Utica eram principalmente os restos do exército de Cneu Pompeu que nas planícies de Farsália fora completamente derrotado por César. A este Pompeu chamaram O Grande por seus grandes feitos: era de nobre família equestre; seus pais, Pompeu Estrabo e Lucília. Seguiu, nas facciosas guerras de Sila e Mário, as artes do primeiro; e não tinha mais de vinte e seis anos quando, já conhecido por sua eloquência no foro, foi ganhar pasmosa celebridade como general, conquistando e tirando do poder de Mário a Sicília, e logo, em quarenta dias, a África toda. A vitória era por conta de Sila; mas Sila tremeu de seu próprio auxiliar, e o mandou voltar a Roma. Veio ele, mas, não contente do título de *Grande* com que foi saudado por seu patrono, quis, exigiu e obteve por fim as honras do triunfo que a nenhum simples cavaleiro romano até então se tinham dado. Já não era o cliente mas o rival de Sila; por sua própria conta logo, foi combater, e venceu o resto da facção de Mário comandada por Lépido; obteve novo triunfo, e foi nomeado cônsul. No seu consulado restabeleceu a dignidade do poder tribunicio, e em quarenta dias veio a cabo dos piratas do Mediterrâneo que perseguiu até suas extremas guaridas da Cilícia. O partido popular, que serviu sempre, com ser de hábitos e inclinações aristocráticas, lhe fez dar o comando do exército da Ásia na famosa guerra Mitridática; venceu pronto os dous tremendos inimigos de Roma, Mitridates e Tigranes, e dispôs do Oriente como de coisa sua; deu, tirou coroas, e só de uma vez recebeu a homenagem de doze reis. Conquistada a Síria, reduzida a Judeia a província romana, voltou à Itália, e quando os romanos tremendo curvavam já o colo ao novo senhor que nele esperavam, Pompeu, desarma as legiões, e entra em Roma como simples cidadão. Valeu-lhe a modéstia um novo triunfo e o amor dos verdadeiros republicanos, que já eram menos e mais corruptos, mas ainda poderosos. Entraram no tesouro, com os despojos que entregou, 20000 talentos; e as rendas do erário cresceram de 50 a 85 milhões de dracmas. Mas Pompeu não amava sinceramente a liberdade, senão o poder; e só affectava humilhar-se e cortejar o povo, para dominar em seu nome. Logo o mostrou, formando com César e Crasso aquele primeiro triunvirato que não só foi norma do segundo, mas de todas as ligas tirânicas que, sob diversos nomes e pretextos, têm avexado as nações e o mundo. A Crasso tocou a Síria, a Pompeu África e as Espanhas, César ficou com o resto e com o governo da Gália. – A liga quebrou-se logo com a derrota de Crasso por uma parte, – e por outra com a morte de Júlia, filha de César que, dada em casamento a Pompeu, era um dos penhores da união. Pompeu, fomentando a anarquia em Roma, queria tornar necessária a ditadura que ambicionava. César quis o consulado, e obtivera-o se não fosse a oposição de Catão. Recusaram-lho, e marchou sobre Roma. Pompeu fugiu; com ele os cônsules e parte do senado, que lhe deram o poder discricionário que desejava: a sua causa era popular pela assistência de Catão a quem metiam mais medo as declaradas intenções de César contra a república, do que os próprios vícios de Pompeu, – que todavia a minavam e destruíam do mesmo modo. Tudo, porém, cedeu às disciplinadas

legiões de César, que perseguiu Pompeu até à Grécia, onde se deu enfim a celebrada batalha de Farsália; perdida a qual, Pompeu foi obrigado a fugir disfarçado e a ir buscar asilo no Egipto junto a el-rei Ptolomeu, que infamemente o traiu, mandando-o matar apenas desembarcou. César, a quem o indigno rei mandou a cabeça do seu amigo, fugiu horrorizado da vista atroz, e derramou muitas lágrimas. Foi morto Pompeu no ano 48 A. C. N., com 59 de idade. Catão, com os

*Fracos sobejos da fatal derrota
De Pompeu,*

foi juntar-se com Cipião em África; e, desbaratado também este pelas irresistíveis armas de César, acolheu-se a Utica, na situação em que o presente drama o figura.

Veja Valério Máximo, 2, *cap. 10*; Plutarco, *Pompeius*; Veleio Patérculo, 2, *c. 29*; Dio. Cass. [?]; César, *De Bello Civili*; Eutrópio; Cícero, *Ad Atticum, Orator*, 68, *etc.*; Floriano [?], 4.

NOTA B

*Qu' é dela a liberdade?
Quanta nos deram Mário, Sila? – Quanta
Nos daria Pompeu se triunfante
Com suas legiões volvesse ao Tibre I.*

O que seria Pompeu se triunfasse de César, e de Farsália marchasse vencedor sobre Roma, em vez de fugir vencido para Alexandria, bem se pode inferir de suas inclinações, que o próprio Catão conhecia muito bem, apesar de o patrocinar sempre contra César, por princípio de política, esperando quebrar na oposição estas duas ambições rivais que ameaçavam a liberdade. Na nota anterior se viu o resultado dessa combinação, que não podia ser outro senão o triunfo de um dos dous tiranos. A antiga constituição de Roma estava destruída, já se não podia restabelecer. Muito grande, muito rica, muito corrupta, era-lhe forçoso servir. As facções armadas dispunham sós, há muito, do poder que se dizia havido do povo, enquanto o povo passava da tirania de Mário para a de Sila, da deste para a daquele, sem ousar tomar parte numa questão que só era sua, porque, vencesse qual vencesse, ele povo tinha de pagar o triunfo.

Mário era um camponês rústico; das fileiras subiu a general, e seis vezes foi cônsul. Sila, nobre e polido, mas pobre, chegou a ser riquíssimo, foi ditador e dominou o mundo. Aquele à frente da facção popular, este da aristocrática, ambos disputaram de tirania, de atrocidades e de crimes. Qual degolou mais cabeças, qual derramou mais sangue? Não sabe responder a História, não o poderiam dizer nem os contemporâneos. Mário prezava-se de ignorante, do desprezo em que tinha as letras, do ódio que professava a seus cultores. Sila foi esplêndido patrono das ciências e das artes. Mas a um a ignorância, a outro a instrução levaram aos mesmos crimes e sepultaram nos mesmos vícios. De Mário sabemos que morreu na embriaguez; de Sila, comido de piolhos pela corrupção em que sórdidas crápulas lhe puseram o sangue.

Nenhum amava a liberdade, nenhum a serviu; mas ambos a arvoraram em seus vexilos para capa de paixões, de ódios, de ambições, de caprichos pessoais. Mário, homem do povo, atirava ao povo com as cabeças dos senadores e cavaleiros romanos; e o povo tonto gritava: – Viva a liberdade! – Sila, nobre e cavalheiro, mandava espetar

nas pontas das lanças dos seus as cabeças dos amigos de Mário; e as classes superiores gritavam: – Viva a liberdade! – E todos diziam bem em seu sentido; porque, em *língua facciosa*, LIBERDADE quer dizer *a dominação do meu partido sobre o contrário*.

Qual foi a consequência? Que os romanos se cansaram por fim, e César reinou absoluto.

Veja Cícero, *In Verrem, etc.*; Cornélio Nepos, *Atticus*; Tito Lívio, 75, *etc.*; Pausânias, 1, e. 20; Valério Máximo, 12; Floriano [?], 3, c. 5 e L 4, e. 2; Políbio, 5; Justiniano, 37 e 38; Plutarco, *Vidas*; Eutrópio, 5, e. 2; Veleio Patérculo, 2, 17; Lucano, 1; Virgílio, *Eneida*, 6; *etc.*

NOTA C

Os Quíncios

Já não voltamI

Lúcio Quíncio Cincinato deixou o seu nome e glorioso desinteresse em provérbio aos Romanos, e de perpétua acusação e vitupério aos falsos repúblicos de todas as nações para quem o entusiasmo da liberdade não é senão capa de ambição e de inextinguível sede de domínio. Viveu à volta de 460 A. C. N. É bem sabida a sua história. Andava lavrando e com a mão à rabiça do arado quando lhe chegou mensagem do senado que o elegera ditador. Deixou com pesar o sulco meio aberto, mas correu ao campo; venceu os Volscos e Équos que cercavam o exército romano e entrou triunfante em Roma. Dezasseis dias depois da eleição, depôs a ditadura e voltou à sua lavoura. Outra vez foi chamado à ditadura quando já octogenário; venceu, e no fim de vinte dias tornou a depor o poder supremo, recusando todas as recompensas que lhe queria dar o senado.

Veja Cícero, *De Finibus*, 4; Floriano, 1; Tito Lívio, 3.

NOTA D

... Aquela pobreza santa e livre

De Fabricio I

Caio Fabricio é outro nome que as antigas virtudes romanas fizeram proverbial no mundo. Quatrocentos talentos (320 000 000 réis) entraram no tesouro, dos despojos das vitórias que ganhou contra os Samnites e Lucânios em seu primeiro consulado; ele ficou pobre como dantes. Dous anos depois, indo de embaixador a Pirro, recusou com indignação os presentes e ofertas do atónito rei, que ainda mais o ficou quando o próprio embaixador lhe veio denunciar a traição do seu médico que se oferecera para o envenenar. Morreu e viveu na maior pobreza: foi enterrado a expensas públicas; e duas filhas que deixou foi necessário que as dotasse o povo romano, como liberalmente fez.

Veja Plutarco, *Pyrrhus*; Valério Máximo, 2, 4; Cícero, *De Officiis*; Virgílio, *Eneida*, 6; Floriano.

NOTA E

Marco Túlio venceu a Catalina.

*E hoje molemente passeando
Em seus jardins de Túsculo, revendo-se
Em mármore de Atenas, manso e quedo
Filosofando vai I*

Cícero, depois da derrota de Farsália, acolheu-se para Brundísio; e amnistiado por César, foi viver retirado no campo, com os seus livros e os seus mármore: gosto e paixão que sempre teve e de que o partido *irracional* lhe fazia crime, segundo costuma. Receoso dos projectos liberticidas de Júlio César, que já na questão de Catilina se tinha de sobejo denunciado, Cícero seguira, sem se fiar nele, as partes de Pompeu; mas não amando menos a liberdade do que o próprio Catão, julgou todavia inútil o sacrifício de ir com ele para África; e dando por perdida, desde Farsália, a causa da Liberdade, assentou de se abster, como homem de bem, de toda a participação em negócios públicos, e dar-se todo aos seus caros estudos da filosofia e das letras.

Depois da morte de César, voltado ao poder o partido que se honrava de contar a Cícero entre os seus, o ilustre orador recusou do mesmo modo os cargos públicos, e toda a sua influência empregou em dissuadir de vinganças. Pagaram-lho, como costumam, os que dirigiram a reacção que depois veio: no segundo triunvirato, o de António, Lépido e Augusto, Cícero foi sacrificado à sanha de António, e assassinado, aos 63 anos, li meses e 5 dias de sua idade, e 43 A. C. N., no caminho de Caieta para onde fugia numa liteira. Cortaram-lhe a cabeça que levaram para Roma e a penduraram no foro. Aquela eloquentíssima das línguas romanas foi aí publicamente trespassada de uma agulha feminil pela própria mão da mulher do triúnviro, a vingativa Fúlvia.

Cícero era um verdadeiro *doutrinário*, no bom e leal sentido da palavra, sincero amigo da liberdade, mas contrário às vinganças e cruéis ódios dos partidos: daí o respeitavam e odiavam os mandões deles todos. O povo chorou-o, e a posteridade ainda não admirou ninguém mais.

Veja Cícero, *Orator*; Floriano; C. Nepos, *Atticus*; Quintiliano; Plutarco, *Vidas*; Dio. Cass. [?]; Apiano; etc.

NOTA F

*Que ressurgissem
Os Gracos I*

Tibério e Caio Graco eram filhos de T. Semprônio Graco, duas vezes cônsul e uma censor, e de sua mulher Semprónia, da família dos Cipiões, matrona de grande virtude, espírito e piedade, mãe exemplar no desvelo e amor com que os educou. Ambos foram eloquentes oradores, e exagerados propugnadores do princípio democrático ao qual queriam fazer subservientes todos os outros elementos da sociedade. Mas eram sinceros em suas opiniões, leais e constantes em seu procedimento.

Tibério quis restaurar a lei agrária, e conseguiu pela violência fazer decretar de novo esta antiga origem das maiores desordens e calamidades de Roma. Mas no meio do seu triunfo, rodeado da plebe toda que o ia reeleger tribuno, foi atacado em pleno foro por P. Nasica, e assassinado vergonhosamente no meio do povo atônito que o abandonou de covarde.

Sossegaram por algum tempo as desordens. Mas Caio, que também foi tribuno, e muito mais exaltado que seu irmão, fez em breve recrudescer todos os antigos ódios; usurpou de facto a autoridade suprema, em nome das *massas* (como hoje se diz)

oprimiu as outras classes todas, e levou a tal ponto os vexames, que excitou uma reacção tremenda contra si. Também este foi abandonado pelo povo, obrigado a fugir, e enfim morto por ordem do cônsul Opímio no templo de Diana onde se refugiara, A. C. N. 121, à volta de treze anos depois de seu irmão Tibério.

Lançaram-lhe o cadáver no Tibre, e proibiram a viúva de tomar luto por ele!
Veja Plutarco, *Vidas*; Cícero, *In Catilinam 1*; Lucano, *Pharsalia 6*.

NOTA G

*Quando o favo, dos móveis Quirites
Tinha sedes curuis e tribunatos,
Consulados que dar I*

Ficou-se chamando *Quirites* aos Romanos desde que admitiram na sua cidade os Sabinos de *Cures*, donde derivaram *Quirites*.

Veja Varrão, *De Língua Latina L 4, lib. 1*; Ovídio, *Fasti, 3*.

Sedes curuis eram dadas só aos grandes magistrados ou altos funcionários da república, o ditador, os cônsules, os censores, os pretores e edis. Eram cadeiras de marfim em que nos actos públicos tomavam assento. Os senadores que tinham servido aqueles cargos conservavam as honras da cadeira de marfim, e nela eram levados ao senado por seus escravos. Também o triunfador subia ao Capitólio em sede curul.

O tribunato foi criado no ano U. C. 261, depois da celebrada dissensão do Monte Sacro. Os tribunos, ao princípio dous, subiram logo a cinco, e daí a dez. Tinham o *veto* nos decretos do senado, convocavam as assembleias populares ou comícios, julgavam em muitos casos de crimes públicos. Anulou-os Sila, cerceando-lhes as atribuições; restituiu-lhas Pompeu. E de tal modo tinham usurpado por fim a autoridade soberana da república, que Augusto, para instaurar definitivamente a tirania, fez-se tribuno perpétuo.

Havia, além destes, os tribunos *militum*, chamados *laticlavii* ou *augusticlavii* do particular uniforme que traziam os de origem patrícia ou equestre; e se diziam *rutuli* os nomeados pelo cônsul, *comitiati* os nomeados pelos comícios.

Depois houve também os tribunos dos pretorianos: os tribunos *cerarii*, espécie de pagadores das tropas; e os *tribuni voluptatum* encarregados dos espectáculos públicos. Rómulo tinha nomeado os capitães da sua guarda *tribuni celerum*.

O ofício dos dous cônsules anuais substituiu o dos reis expulsos em 244 A. U. C. – Eram ambos patrícios até 388 A. U. C. em que se decretou que um fosse do povo, outro da classe patrícia. A lei requeria, nos candidatos a este primeiro cargo, 43 anos de idade, e o ter servido os empregos de questor, edil e pretor. Mas pouco caso se fez desta, assim como de muitas outras leis constitucionais, quando as facções democrática ou aristocrática desequilibravam o Estado, até que veio – forçosamente! – a tirania. Depois, duraram de nome até o ano de 1294 A. U. C. ou 541 A. D. em que Justiniano aboliu totalmente o simulacro desta autoridade que só existia nominalmente desde Augusto.

Durante a república eram eleitos pelo povo.

NOTA H

*Que podem os ciosos cavaleiros,
Os soberbos patrícios?I*

A ordem equestre era a intermédia entre os patrícios e a plebe; foi talvez a que deu maiores homens à república. Chama o texto *ciosos* aos cavaleiros, porque efectivamente o eram, e eternamente o serão todas as classes médias, colocadas, por sua posição, entre a preponderância moral das dignidades e riqueza da aristocracia, e a força material do número das classes inferiores. O *ciúme* será tanto maior quanto menos equilibrada for a constituição por excesso democrático, ou aristocrático – ou monárquico.

NOTA I

Ei-lo aqui vem o príncipe dos Númidas I

O príncipe dos Númidas aqui introduzido é um carácter verdadeiramente histórico. Seu pai, Juba 1., amigo de Pompeu, resistira a Júlio César até ser derrotado em Tapso, pelo que perdeu o reino e se deu a morte. O moço Juba tinha seguido o partido dos amigos de seu pai; nenhum estrangeiro foi nunca tão popular entre os Romanos nem se *romanizou* tanto. Cativo e levado por César em triunfo depois da guerra, por tal modo ganhou a benevolência de todos, grandes e pequenos, em Roma, que Augusto lhe veio a restituir o reino entre os aplausos gerais. Escreveu em grego e latim de diversos assuntos: história, zoologia, gramática, etc..

Veja Orósio, Estrabão, Suetónio e Dionísio de Halicarnasso.

NOTA K

O génio de Quirino que está nele I

Nome que os Romanos davam a Marte, seu principal padroeiro, e a Rómulo também, que imaginaram filho daquele.

Veja Ovídio, *Fasti*, 2.

NOTA L

*Troa como eco dessa voz divina
Com que a nossos avós salvou da infâmia
Jove Stator I*

Júpiter (ou Jove) *Stator* era adorado em Roma no templo que lhe levantara Rómulo sob esta invocação, em memória do milagre que alcançara, fazendo (*satre*) parar, sustar os romanos que fugiam dos sabinos.

Veja Tito Lívio, Floriano [?], etc.

AO ACTO SEGUNDO

NOTA A

*Lictores,
Expulsai o insensato II*

Os lictores eram oficiais que acompanhavam sempre os cônsules, ou as autoridades que estavam *potestate consulari*, como Catão aqui em Utica.

NOTA B

*Roma não tinha lei, quando Tarquínio
De cidadãos romanos fez escravos? II*

A constituição de Roma foi livre desde Rómulo e Numa: os últimos Tarquínios fizeram-se tiranos, e por tais caíram e trouxeram a república. É a inevitável e perpétua reacção da sociedade: os excessos monárquicos trazem a democracia, os desvarios demagógicos a tirania.

NOTA C

*Vossas imagens sentirão a afronta
Quando a minha levada em pompa infame
Diante do vencedor II*

No Capitólio estavam as imagens dos homens grandes da república. César com efeito levou, no seu triunfo, a imagem de Catão diante de si, já que o não pôde levar em pessoa. E o povo não se fartou de dar vivas ao triunfador! – Catão profetiza aqui o que realmente veio a suceder. Levar as imagens dos mortos em triunfo é como hoje diríamos enforcar em estátua.

Veja Plutarco, *Cato Minor*.

NOTA D

Décio, um homem equestre! II

Homo equestris – por cavaleiro, da ordem dos cavaleiros ou equestres.

NOTA E

*Diante do teu, seu génio acovardado
Vacila II*

É como se hoje dissesse um piedoso cristão: ‘O meu anjo da guarda treme diante

do teu: Tinham os Romanos – e os Gregos, e creio que todos os povos – que a cada homem era dado por Deus um génio, **daimon**, que dele tomava conta à nascença e só na morte o largava. A este, que os Romanos principalmente chamavam *Genius*, referiam o homem moral todo, o poder intelectual e dirigente do indivíduo.

Vencia Cipião uma batalha, era o *génio* de Cipião que a ganhava; predominava Augusto sobre António, era o génio de António que sucumbia ao de Augusto.

Assim Racine, tão prôpriamente e com tanto sabor romano, fez dizer a Nero, falando de Agripina:

Mon génie étonné tremble devant le sien.

Britann. act. II., C. 2.

Veja Cícero, *Tusculanae, 1*; Plutarco, *De Genio Socratis*.

NOTA F

... Por ele subirei aos rostros II

Lugar alto no foro, ornado com as proas, ou espontões das proas, das galés tomadas aos inimigos, e que daí tirava o nome de *Rostris*, os *espontões* ou pontas ferradas dos navios antigos. A este lugar subiam os oradores, como a tribuna, para falar às turbas.

AO ACTO TERCEIRO

NOTA A

*... Nossos avós, austeros guardas
Da pátria liberdade, se opuseram
A que artes gregas na se Vera Roma
Ousassem meter pé III*

Os austeros romanos da têmpera velha tinham medo à civilização e às artes que da Grécia lhe traziam. Catão censor, dito O Velho ou *Cato major*, foi um desses.

A aristocracia republicana, que é sempre a mais dura de todas por necessidade de posição, era a que mais temia os progressos das luzes entre o povo. Por vezes expulsaram da cidade os filósofos e os gramáticos e *retores* que, diziam eles, corrompiam a mocidade. Avaliem-se por aqui os desvarios que a este respeito disse o democrático Rousseau, e fizeram os seus discípulos.

M. Bruto, criado nas antigas austeridades, e fanático sincero na santa causa da liberdade, imagina portanto que os Gregos, então já vassallos de Roma, se vingavam de seus senhores, mandando-lhes estes fatais presentes para a corromper.

Procônsoles se chamavam ordinariamente os que iam governar as províncias sujeitas da república. O que administrava a Grécia dizia-se procônsul da Acaia.

Harmódio e Aristógiton foram dous celebrados atenienses que libertaram a pátria do jugo dos Pasistratos, A. C. N. 510.

Veja Plutarco, *Cato Major*; Pausânias, *I*; Heródoto, *5, c. 55*.

NOTA B

*Servília, minha irmã, por essas eras
Dava mate às belezas mais faladas
Da capital do mundo III*

São históricos e autênticos os ilícitos amores de Júlio César com Servília, irmã de Catão; e foi comum, quase geral, a crença pública de que Marco Júnio Bruto era filho dele e não do marido de sua mãe, distinto jurisconsulto que também se chamava M. Júnio Bruto.

Na narrativa do texto só há alguns ornatos de ficção; o fundo é real. Mas foi menos trágico; porque nem Servília foi seduzida, e era já casada e experta, nem parece que mulher de se deixar morrer porque a deixasse um amante

Catão certamente levava a mal estas imoralidades, mas não com o sentimentalismo que aqui lhe dá o poema Parece até, pelo que se depreende dos historiadores, que Servília é quem fizera a corte ao elegante César, que foi grande *dandy* nos seus tempos.

Um dia lhe escreveu ela uma carta apaixonada e cheia de requebros com que lhe pintava seu amor; mandou-lha ao senado onde estavam em sessão. Era no calor dos debates sobre a conspiração de Catilina. Catão, que viu entregar uma carta a César, protestou que era dos conspiradores e exigiu que se fizesse leitura dela. César não respondeu, e entregou a carta a Catão. Mal a correu com os olhos o austero senador, e indignado lhe atirou com ela, exclamando: *Toma, bêbado*.

Naquele tempo diziam-se as coisas pelo seu nome. Veja Cornélio Nepos, *Atticus*, Plutarco, *Cícero*.

NOTA C

*Ver-te-ei com estes olhos
Varrendo a Sacra Via não co'a toga
Negra que tua estóica vaidade
Ostentava no foro III*

Catão trajava sempre de escuro: o que os seus inimigos atribuíam a afectação filosófica.

Veja Plutarco, *Cato Minor*.

NOTA D

Eu sei, romano, que sou bárbaro III

Gregos e Romanos chamavam bárbaros a todos os outros povos. Só talvez a favor do Egipto faziam excepção, por dai lhe terem vindo essas mesmas luzes com que tanto se desvaneciam, e por que se reputavam, e eram superiores aos outros povos da terra.

NOTA E

*Quanto mais prezo e quero o foro augusto
De cidadão romano, que essa c'roa
De tanto sangue e lágrimas banhada
Na frente de meu pai III*

No auge de grandeza e dominação da república os reis solicitavam o foro de cidadão romano, e se prezavam dele mais que de nenhum outro título. Quanto aos reis Jubas, pai e filho, veja, para inteligência deste ponto, a nota I ao Acto I.

NOTA F

*Ao parricida
Da Pátria III*

Dizia-se parricídio, no sentido genérico, todo o homicídio de próximo parente: ao matricídio, até ao que mais propriamente diríamos *filicídio*, se deu este nome. Parricídio e parricida da pátria, é expressão exacta.

AO ACTO QUARTO

NOTA A

*Bruto, esse nome que te enleva tanto
Não se ilustrou assim; o ouro escondido
No báculo IV*

Fala-se aqui de Lúcio Júnio Bruto, ascendente deste Marco Júnio Bruto. Lúcio era filho doutro Marco e de Tarquínia, filha de Tarquínio Prisco, que ambos, com seu filho mais velho, mandou matar Tarquínio Soberbo. Chamaram-lhe, por alcunha, *Bruto*, porque bruto e estúpido se fingiu para escapar às proscricções de Tarquínio Soberbo. É muito sabida, e passou em provérbio, a alegoria do báculo ou bordão tosco de sabugo, que trazia na mão como simples que se fazia, com o ouro escondido no âmago como fino que era. Por morte de Lucrecia, 509 A. C. N., Bruto mostrou deveras quem era.

A alcunha, porém, tornou-se em apelido, e os da família Júnia todos se honraram dali em diante, do verdadeiro fidalgo nome de Brutos.

Veja Tito Lívio, *I e 56, II, c.1, etc*; Dionísio de Halicarnasso, *4 e 5*, Virgílio, *Eneida, 6*; Plutarco, *Brutus e Caesar*.

NOTA B

*Foi menos glorioso o sacrifício
Dos Fábios IV*

Trezentos e seis valentes cidadãos compunham a poderosa e nobilíssima família dos Fábios quando se arrojaram a tomar sobre si, sem mais auxílio público ou particular, a guerra de Veios. Fizeram prodígios, mas sucumbiram na batalha campal de Cremera, ao desmesurado número dos inimigos. Toda a família ali pereceu com as armas na mão, excepto um que, por criança, ficara em Roma e do qual procedeu depois a ilustre descendência dos Fábios.

Vinham originariamente de honrados lavradores cuja principal lavoura eram favas, *faba* em Latim, e daí *Fabii*, faveiros.

Veja Tito Lívio, *II*; Dionísio de Halicarnasso, *IX*; Virgílio, *Eneida, VI*; Ovídio, *Tristia*.

NOTA C

*Marco Túlio arrependido
De seguir nossas míseras fortunas,
Tergiversar, fugir por fim – e a púrpura
Consular pela estrada de Tarento
Arrastrando no pó, ir suplicante
Humilhar-se ao tirano IV*

Veja nota E ao acto I e Plutarco, *Vidas*.

NOTA D

*A Tibério já não digo,
Mas nem a Caio Graco na veemência
Do orar cedia IV*

Veja nota F ao acto I.

NOTA E

*A moribunda
Loba do Capitólio IV*

A loba, que aqui se diz moribunda em alusão ao estado das coisas romanas, era com efeito venerada no Capitólio em memória da fabulosa ama de Rómulo e Remo.
Veja Plutarco, *Romulus*; Ovídio, *Fasti*.

NOTA F

*Honra dos meus, cuja tremenda imagem
Inda no Capitólio brande a espada,
Terror dos reis e salvação de Roma;
Júnio Bruto IV*

Veja nota A a este acto.

NOTA G

*Os filhos indignos sacrifica
A merecida pena, à morte justa IV*

É a sabida história dos filhos de L. Júnio Bruto sentenciados à morte por seu próprio pai.

Veja Plutarco, *Vidas*; Tito Lívio; etc.

NOTA H

*Que todas essas leis, – que plebiscitos
Que senatus-consultos IV*

Chamava-se plebiscito a lei que passava nos comícios, senatus-consulta quando a decretava o senado.

NOTA I

Em mais clara
Equidade fundada do que o Álbum
Do pretório IV

O *Álbum* do pretor era uma espécie de edital, proclamação ou manifesto em que, no princípio da sua magistratura, anunciava o novo eleito o modo por que havia de proceder ao julgamento das causas de sua competência. Criou-se este cargo no ano de Roma 388. – Primeiro era um só, chegaram a 64, depois flutuaram entre 12, 16 e 18.

Veja Macrobius, *Saturnalia*, L 16; Sigon, *De Jud.* [?], I, 7; *De Officio Praetoris*; Heinec 17].

NOTA J

Os sanguinosos
Paços de Sila IV

Veja nota B ao acto I.

NOTA K

Ontem expulsastes
A Coriolano porque ousou negar-vos
Os baldios comuns; hoje fugindo
Abandona is à fúria dos patrícios
Graco que vo-los dava! IV

Não é exacta a expressão *baldios comuns*, de que se usou, com ser menos própria, só porque melhor entendido seria o pensamento.

O que é exactíssimo é que a questão da lei agrária tão funesta foi a Coriolano, que a impugnou, por ocasião do trigo que mandava el-rei Gelo de Sicília de presente aos romanos, como o veio a ser a seus defensores, os Gracos, por ocasião do testamento d'el-rei Átalo que aos Romanos deixara as suas riquezas.

C. Márcio, apelidado Coriolano por haver tomado aos Volscos a cidade de Corioli, banido, por aquele motivo, por sentença do povo, refugiou-se entre os Volscos e não tardou a vir com eles sobre Roma. Todos sabem que a rogos da mãe e da mulher, cedeu da vingança que já tinha na mão, e não entrou em Roma já quase rendida por suas armas.

Veja Plutarco, *Vidas*, Floriano, 2; e a nota F ao I acto.

NOTA L

Mário aí estava
Para inutiliza, o feito ardido IV

Veja nota B ao Acto I.

NOTA M

*Sei vos os tribunos
E facciosos; avara e perdulária
A questura, roubando o derradeiro
Sestércio ao povo, a última dracma ao Erário;
Os pretores vendendo em hasta pública
A justiça IV*

Veja, quanto aos tribunos, a nota G ao acto I; e quanto aos pretores, a nota I a este acto.

Os questores, cujo cargo foi criado A. U. C. 269, eram dous ao princípio; depois em 332 se criaram mais dous; aqueles, ditos *urbanos*, eram os colectores, recebedores gerais e ministros do tesouro em Roma; estes, ditos *peregrinos*, eram como pagadores gerais das tropas, comissários em chefe, e acompanhavam o cônsul quando comandava, exercendo junto a ele estas e outras funções fiscais e políticas. Dilatados os limites da república, e os do império ainda mais, cresceu o número dos questores na proporção do das províncias, que tinha cada uma o seu, e a estes chamavam por isso *provinciales*.

Eram senadores natos os questores; e quando os ditadores, depois os imperadores, queriam fazer esta mesma operação que hoje fazem os ministérios dos governos representativos monárquicos nomeando pares novos para segurar o voto da segunda câmara, – nomeavam uma fornada de questores, e assim tinham a votação dos Padres Conscritos. Sila criou vinte de uma vez, J. César, de outra, quarenta.

Foram estes cargos originariamente da nomeação do senado, até que a usurparam, com todas as mais, os imperadores.

O *quaestor principis*, ou *augusti*, (que também às vezes se dizia *candidatus principis*) e o *quaestor palatii* eram o que hoje diríamos oficiais-mores da casa imperial – ou talvez do império.

O sestércio era moeda antiquíssima romana. Em 547, vinte sestércios eram iguais a um escrúpulo de ouro.

A dracma era moeda grega do valor, pouco mais ou menos, de 1300 réis portugueses.

NOTA N

*Veio Ápio Cláudio
Fazer chorar em Roma por Tarquinio IV*

Ápio Cláudio foi um dos decênviros que, a titulo de estarem fazendo as leis das doze tábuas – a constituição, para assim dizer, da república – cumularam três anos os poderes supremos do Estado com insuportável tirania: é o Longo-parlamento de Roma, e a história de quase todas as assembleias constituintes. Sentiram-se tão avexadas os Romanos por este congresso de tiranos, que chegaram a suspirar pelo despotismo dos Tarquínios.

Começaram em 303 A. U. C., e acabaram com a odiosa e bem conhecida história de Virgínia que Áp. Cláudio tentou violar, e que seu próprio pai matou para lhe salvar a

honra.

Veja Tito Lívio, 3, c. 33.

NOTA O

*Morre, meu Pórcio,
Que vives para a glória IV*

Não é expressão lançada ao acaso. A generosa e sublime ficção do direito romano supunha vivos para os efeitos civis, os cidadãos mortos na defesa da pátria.

NOTA P

Filhos de Quirino IV

Quirino chamavam os Romanos a Marte, e a Rómulo como filho de Marte.

AO ACTO QUINTO

NOTA A

Consolaste-me, Sócrates
..... *Convenceste*
A minha alma, Platão V

Todos sabem que Platão, discípulo de Sócrates, todas as suas obras as deu como reflexo das lições do mestre. A isto alude o primeiro verso citado.

Catão, antes de se apunhalar, leu o diálogo de Platão sobre a imortalidade da alma, para se confortar com a doutrina consoladora do filósofo pagão que mais se aproximou do Cristianismo, e certo, um dos que mais preparou os ânimos para as sublimes verdades do Evangelho.

Veja Plutarco, *Vidas*; Lucano, *I*; Valério Máximo.

NOTA B

A natureza – Deus Ótimo Máximo V

Com este título distinguiam os Romanos o Deus único e verdadeiro, que o mesmo Panteísmo reconhecia superior a todas as outras influências que poeticamente divinizara.

NOTA C

Sob os golpes do aríete incessante V

Aríete era máquina de guerra, vaivém com forte cabeça de bronze afeiçoada à de um carneiro, e que servia para bater em brecha.

NOTA D

Esse tropel de gente inerme
Andam como alienados V

Todas estas circunstâncias aqui descritas são absolutamente históricas.
Veja Plutarco, *Cato Minor*.

NOTA E

Inda além das portas d'Hércules V

Por colunas d'Hércules; a entrada ou portas do estreito de Gibraltar – o *non plus ultra* dos navegadores antigos. De Hércules se diziam porque supunham as tradições

que, quando ali chegara em suas viagens, pusera aquelas balizas que ninguém mais ousaria passar.

NOTA F

Reservada
Das trirremes fique uma V

À galé de três pontes, ou três ordens e bancos de remeiros, chamavam os Romanos *trirreme*.

NOTA G

Como a espada de Aquiles fabulada
Sara o que fere V

Elegante ficção de Homero, provavelmente colhida das lendas populares que recopilou, a qual depois deu tema aos poetas para tanto dito engenhoso.
Veja Ovídio, *Remedia Amoris*.

NOTA H

Das Espadas
Inda não subjugadas nos convida
O filho de Pompeu
.....
E porque não iremos nós entre eles
Procurar as fortunas de Sertório?
.....
Depararemos porventura ainda
Com algum Viriato V

As Espanhas, e a nossa Lusitânia especialmente, deram com efeito muitas lições de patriotismo, de amor de liberdade, de firmeza e de lealdade de carácter, aos próprios Romanos.

Nas Espanhas foi que os filhos de Pompeu recrutaram principalmente o formidável exército que, morto Cneu na derrota de Munda, ainda sustentou a Sexto na Sicília até à morte de Júlio César, e depois o habilitou a tratar com o triunvirato como de igual para iguais.

Veja Veleio Patérculo, 2; Plutarco, *Antonius*; Florianus, 4.

Sertório (Quinto), proscrito por Sila, refugiou-se na Lusitânia onde estabeleceu um governo livre com um senado a que presidia como cônsul. Pompeu e Metelo, os invencíveis generais romanos, foram, assim como os outros, vencidos pelos Lusitanos que defendiam a Sertório. Sucumbiu à traição de Perpena, oficial seu que em um banquete o fez assassinar.

Veja Plutarco, *Vidas*; Apiano, *De Civ.* [?]; Valério Máximo, 1.

Viriato, de simples pastor, chegou a ser o general e defensor, não só da Lusitânia,

mas das Espanhas livres todas: venceu muitos generais romanos, entre os quais o mesmo Pompeu. Caepio não pôde livrar-se dele senão comprando a traição de seus domésticos que o assassinaram.

Veja Floriano, 2; Valério Máximo, 6.

NOTA I

*Vamos co' estas relíquias doutra Canas,
Vamos a demandar novo Canúsio V*

Os romanos desbaratados por Aníbal, junto a Canas, lugarejo da Apúlia, na famosa batalha do dia 21 de Maio, 216 anos A. C. N., acolheram-se a Canúsio, pequena cidade da mesma Apúlia, em que pouco e pouco se foram recobrando da perda e do medo, até que tornaram a entrar em campanha.

Veja Tito Lívio, 22; Plutarco, *Annibal*; Floriano, 2.

NOTA K

Caiu nesta hecatombe V

O grego **ekatonboia**, de que os latinos contraíram *hecatombe*, significa à letra *cem toiros*; e dava-se este nome ao sacrifício desse número e casta de vítimas que os de Argos e Egina ofereciam a Juno. Figuradamente diz-se de todo o sacrifício grande e numeroso.

NOTA L

*..... A vitas Sabinas. Glorioso
É aquele terrão que tantas vezes
O grã Censor co' as próprias mãos lavrava...
A minha Pórcia
..... Eu ta coloco e entrego
Digna esposa de Bruto V*

Catão o Censor ou maior, ascendente deste e famoso por sua austera frugalidade, lavrava no seu campo com as próprias mãos.

Pórcia, filha de Catão Uticense, foi com efeito mulher deste Marco Júnio Bruto, e digna esposa dele pelas virtudes públicas e domésticas de que era modelo. Teve o ânimo de se dar um lanho terrível numa perna, só para experimentar sua força no sofrer a dor; e ao marido, que lhe perguntava a razão de tal estranheza, respondeu que quisera ver se a mulher de Bruto, assim como era digna do seu leito, o era também de tomar parte em todas suas coisas e segredos, por mais perigosos que fossem. Daí por diante Pórcia foi sabedora e tomava quinhão em quanto mais arriscado empreendeu Bruto. Não lhe quis sobreviver quando este morreu; e como própria filha de Catão, à míngua de outras armas, que todas lhe tiraram seus amigos, conseguiu matar-se engolindo carvões em brasa – à volta de 12 anos A. C. N.

Veja Plutarco, *Brutus*, e Valério Máximo que um tanto varia em alguma circunstância desta história.

Pórcia era já viúva de Bíbulo quando esposou M. Bruto.

NOTA M

Deixai-me: – eu sei morrer V

É histórico o sentido deste e dos próximos versos, e exactíssimo o que indica a rubrica.

Veja Plutarco, *Vidas*.

NOTA N

Mal conheces

Que sentença de morte proferiste V

Alude a ser ele, Marco Bruto, filho de Júlio César, um dos que depois, em pleno senado, o apunhalaram. São bem sabidas as últimas palavras do moribundo pai; quando viu M. Bruto entre os assassinos, cobriu o rosto com a toga, exclamando: *Tu quoque, Brute!*

Veja Suetónio, *De Vita Caesarum*; Plutarco, *Vidas*; Dionísio [?]; Apiano; etc.

VARIANTES

I

VERSOS DA PRIMEIRA EDIÇÃO INTEIRAMENTE SUPRIMIDOS OU COMPLETAMENTE ALTERADOS NA SEGUNDA

PRÓLOGO

Depois do verso 26 na 1ª edição.

Desesperado horror na voz, nos lábios
Lhe vem do coração troar vingança.

Depois do verso 33.

Só troa sons de morte e de vingança:
Em vez dos ais de amor pululam, fervem
Os ais, filhos do horror, nas duras cordas.
Ternura, encantos de delicia e mimo,
Oh! não os espereis: só fala a pátria...

Depois do verso 48.

Oh! que ideias de mágoa e de vergonha
Não excita este nome! Itália em ferros!

Depois do verso 54.

Mas não; não recordemos tais memórias:

Ou, se as lembramos, lembre-nos o exemplo...

Depois do verso 57.

O ferro de Catão... (não o de Bruto...)
Também sabem meneá-lo os portugueses.

Depois do verso 68.

Oh! não; não atenteis do vate aos erros:
Arte engenhosa, lúcidos talentos
No limitado espírito falecem.

Depois do verso 74.

Não me levou a empresa tão difícil

O louco amor de passageira glória.

ACTO I – CENA I

(Mânlio.) E comigo o universo; mas tu mesmo,

Bruto, o confessas; só a nós e a poucos...

(M. Bruto.) O esquecido valor a excitar n'alma?

Inultos manes, veneranda sombra,

Vítima infausta da traição mais bárbara!

.....
(Mânlio.) Ah! Bruto! e de que serve o nosso esforço?

Nós poucos, já sem forças, que nos resta?

.....
(M. Bruto.) Basta: aurora a despontar começa...

..... Há malvados

Cujo horror se emparelhe ao dum tirano?

Sim, Mânlio, o dia chega; e junto em breve

O senado será: dele dependem,

Ele decidirá nossos destinos.

Teus receios ante ele, os teus temores...

.....
Eu, simples cidadão, tenho um só voto:

Amigo, aconselhei-te a ser romano;

Romano não te posso ouvir mais tempo.

CENA II

(Mânlio.) Tua feroz virtude em balde intenta

Erguer das cinzas a defunta Roma:

Punhal terrível de civis discórdias...

Potência infausta lhe sustenta o trono;

Indomável poder o escuda, o ampara...

Insensatos ousamos... (Ah! de balde)

Pelo fantasma vão da liberdade

Sacrificar as preciosas vidas

Porém Semprônio chega. Alma insidiosa!

E inda fia Catão d'homens como este

Fazer romanos, e salvar a pátria?

CENA III

(Semprônio.) Como pretende às vitoriosas tropas

De Farsália, do Egipto e do universo

Na impetuosa torrente opor barreiras?

(Semprônio.) A César

Ir ao encontro; suspender-lhe o ferro;

Salvar-lhe a própria vida, e junto ao trono
Seguir os fados do universo inteiro.
(*Mânlio.*) É necessário
Expôr com energia ante o senado
A crise perigosa em que hoje estamos...
Em breve aqui se ajunta; em vivas cores
Convém pintar-lhe o estado miserável...
(*Semp.*) Nem mesmo aqui, nem mesmo a qualquer outro
Que tu não fosses, Mânlio, a quem d'há muito,
Além do sangue, uniu santa amizade,
Minhas ideias imprudente ousara
Patentear descuidoso. Em ti confio
No segredo que exigem.
(*Mânlio.*) Nem duvides:
Minha prudência há muito te é notória.

CENA IV

(*Semprônio.*) Ah! não: tais homens
Nem de grandes acções, nem grandes crimes
Capazes fez a avara natureza.
Meus desígnios, porém... César... ah! cumpre
Dum homem que aborreço e que detesto
Vingar-me enfim. O plano está formado;
Executá-lo resta.

CENA V

(*Pórcio.*) Entre os soldados, entre os chefes mesmos
Murmúrios, dissensões. Por esta causa
Neste humilde lugar meu pai ajunta
Essas tristes reliquias de Farsália
A que ainda senado apelidamos.
(*Juba.*) Sua virtude,
Sua virtude só torna sagrado,
Legítima, redobra em preço, em número
Esse pouco que resta dos romanos.
Sua virtude só no peito, n'alma,
Dentro nos corações imprime e grava
Respeito, adoração; nutre, avigora
A constância, o valor, a audácia nobre.
Ela só nos da pátria moribunda
Inimigos cruéis terror difunde.
A seu rígido aspecto César mesmo...
.....

Dessas tremendas aguerridas hostes...
(*Semprônio.*) Antes que unidos venham nossos fados

Decidir de uma vez, quero inflamá-los,
E, um por um, excitar suas nobres almas.

CENA VI

(*Pórcio.*) Por seus lábios o Céu lhes fale ao peito,
Mas tu, Juba, calado, e pensativo...

(*Juba.*) Ah! Pórcio, declarar-te
De minhas reflexões receio a causa.
Um secreto, cruel pressentimento
Me faz desconfiar deste romano.
Iludo-me talvez...

(*Pórcio.*) Grande virtude
É a prudência, amigo; mas não demos...
..... Em vão tentamos
Dissimular o horror de tantos males;
Em balde os olhos ao clarão fechamos
Do raio que fulmina, e que já troa
Sobre as nossas cabeças...

Quase incapaz de merecer tal nome:
(*Juba.*) De teu augusto pai recorda, ó Pórcio,
A máxima sublime. É-nos vedado
Dos decretos do céu sondar o arcano.
Talvez... quem sabe!...

(*Pórcio.*) Não, querido amigo;
O mais ténue vislumbre de esperança
N'alma não me entra já. Cada momento
Vejo esse monstro, que em sua ira os deuses
Nas entranhas de Roma produziram
Para rasgar-lhas parricida filho,
Para no sangue maternal cevar-se;
Esse monstro, esse bárbaro tirano
Nossos muros entrar, e entrar com ele
Ferros, escravidão, ludibrio e morte.
Morte! Ah! não penses, Juba, que a receio.
Um filho de Catão, Pórcio, um romano
Olha contente alevantar-se o golpe
Que à pátria o sacrifica, o faz eterno.
Mas, eu sou filho, Juba; e a natureza
É mais forte que Roma. Ah! resta ainda
A coroar o horror de tantos crimes
A morte de Catão. Tão negra ideia
Não, não me é dado sem terror fitá-la.
Como podeis juntar, supremos deuses,
Tantas virtudes com desgraças tantas?
Como sofreis que a bárbara fortuna
Ouse... Mas, se o sofreis, sofreis, se ao crime os raios
Retendes frouxos na tardia dextra,
Maior que ela e que vós seja a nossa alma...

ACTO II – CENA I

(*Catão.*) De seus crimes ‘té’ qui protege a infâmia.
Desculpai-me se avivo as vossas chagas,

Se os horrores vos lembro de Farsália.
(*M. Bruto.*) Ah! corramos, amigos. Que mais resta?
Que temos a esperar? À glória, á padres!
(*Catão.*) Entre as virtudes
E o vício oculto que lhes veste a mascara...
Se a venda das paixões nos cega os olhos
Seus termos, seus limites confundindo...
E ousaremos assim por vão capricho
A nossa glória vã sacrificá-los
E entre as coortes do feroz imigo
Ir nós mesmos, mais bárbaros do que ele,
Tingir-lhe as lanças de romano sangue?...
Que mais de nossa glória cobiçosos,
Do que fiéis à dela, a nossa morte...
(*Mânlio.*) Quem atropela as leis da natureza
Não deve os foros seus gozar tranquilo.
(*M. Bruto.*) O senado?... Pois sim; que me castigue.
Tudo pode tirar-me, a mesma vida,
Menos do coração alma romana.

CENA II

(*Catão*) As razões tuas...
Eu também sou romano... mas sou homem;
Responderei sem ferro...
..... é forçoso às fauces dele,
Ou de salto atrevido além transpor-se,
Ou sem recurso baquear-lhe ao centro.

CENA III

(*Mânlio.*) Ei-lo a paz que vem pedir-nos.

CENA IV

(*Catão.*) Entusiasta não sou: e da virtude
Anda sempre mui longe o fanatismo.

CENA V

(*Décio.*) Mas prezando
De Catão as virtudes, César treme
De ficar vencedor a vez primeira.
No acurvado universo és tu somente
Quem ao poder resiste do seu braço.
Por tal competidor de orgulho ufano
Teme acabar sua glória num triunfo.
(*Catão.*) por ele em Roma
Minha voz, pronta sempre aos infelizes,
Hei-de erguer, suplicar; e de seus crimes
O perdão alcançar, volvê-lo à pátria.
(*Catão.*) Enquanto os lábios a bradar vingança
Me deixarem os céus... só, desvalida...

ACTO III – CENA I

(*Décio.*) Nem é de fera o coração do homem.
(*M. Bruto.*) E eu porque homem sou, não quero ouvir-te...
Que eloquência chamais, ignoro-a, odeio-a;
Não a sei praticar, não quero ouvi-la.
Poetas, oradores destruíram...

CENA VI (*na 1ª edição*)

(*Juba.*) Que enigma encerra
Este dito de Bruto? Ah! talvez...
(*Semprônio.*) Tudo
Te faz desconfiar! Príncipe, deixa,
Deixa uma vez o génio suspeitoso.
Não; não vaciles mais: quanto te hei dito
E certo; bem o vês...
..... E no tumulto
Catão assassinar...
(*Juba.*) Perdoa-me, romano: ah! de tua alma
Outrora eu duvidei. Tuas virtudes,
Injusto, apreciá-las não as soube.
(*Juba.*) Se os dias de Catão salvo ditoso;
Se esse monstro, esse horror da natureza,
Esse tirano César posso eu mesmo
Co' este braço imolar aos pátrios manes!
Oh! meu pai, oh! dirige o golpe ardido,
Leva-lho ao coração desse malvado!
Holocausto de aspérrima vingança,
Ó César, eu te voto às sombras negras
Do Averno... que os tormentos já prepara,
Das fúrias, que os açoutes já sacodem...
Vamos, amigo, vamos...

(*Semprônio.*) Mais prudência,
Mais sangue frio é necessário, ó príncipe:
Pórcio para aqui vem: disfarça, oculta;
Ou perdido verás...

CENA VII (na 1ª edição)

(*Pórcio.*) Enfim os deuses
Decretaram de Roma; e o fado iníquo
Aos dias de Catão... ideia horrível!
Oh! não, não te verei, dia de mágoa.
Não tenho coração que sofra tanto.
Antes que ouse atentar aos dias dele.
Primeiro neste peito a morte crua
Há-de ensaiar o golpe. Sim, primeiro...
Sim, venerando pai; ao reino escuro
Eu te irei esperar: meus tristes olhos...
(*Pórcio.*) Inútil esperança!
(*Juba.*) Os Céus são justos.
(*Pórcio.*) São justos! Ah! são justos; e a virtude
Abandonam assim; assim do crime
Escrava a deixam soluçar nos erros!
Oh deuses, se quereis que vos adorem,
Se incensos de mortais, se humildes rogos,
Se vítimas quereis, se altares, templos,
Fazei-vos conhecer, mostrai-vos numes:
Amparai a virtude, e aos vossos raios
O ímpio descore só, trema o malvado.

ACTO IV – CENA I

(*Mânlio.*) Oh cúmulo de horror! Oh gente indigna!
Restava ainda esta nódoa, esta vergonha
Para enxovalho nosso! Roma! Oh Roma!...

CENA II

(*M. Bruto.*) Pérfidos!.. Ah covardes!... Mas tu, Mânlio!
Tu com eles também!... Não me enganava,
Não me iludia eu. Indigno, agora,
Agora nós veremos se essa espada
Como a língua tu sabes...
(*Mânlio.*) Bruto, ainda
Esse louco furor não moderaste?
Impetuoso mancebo, enfreia as iras;
Sê homem uma vez.

CENA III

(*Mânlio.*) Mânlio eu conheço: basta; não insultes
Com vil suspeita um senador romano.

Mas, Semprônio onde está? Juba? meu filho?

(*M. Bruto.*) Jaz sossegado enfim: os vis traidores,
E de César as tropas, que os seguiam,
Ou salvaram co' a fuga as torpes vidas,
Ou presos jazem, ou no campo mortos.

(*M. Bruto.*) Pórcio! Combateu comigo;
E combateu romano. A sua espada
Ao meu lado mil golpes desferia
Que invejara Cipião.

(*M. Bruto.*) Mas primeiro imolar ao negro Averno
Em holocausto, pérfidos, tiranos.

(*M. Bruto.*) O cutelo da lei brandindo ao crime...

(*Catão.*) Que os vis Tarquínios expulsou de Roma.
Te é livre de julgá-lo e de puni-lo.

Tens magistrados, leis, e tens algozes.
Se daqueles usurpas os direitos,
Criminoso és também. E o negro officio
Do último assumir, julgá-lo acaso
Acção condigna a um cidadão romano?

CENA IV

(*Catão.*)..... Oh! Céus, que vejo!
Semprônio em ferros! Juba...

(*Catão.*)..... Bruto!

Explicai-me este enigma: devo acaso
Ver um traidor num senador romano?
Esses grilhões nos pulsos teus que indicam?
Tu emudeces? – Príncipe, que é isto?

(*Catão.*) Olá, soldados, de Numídia ao príncipe
As portas da cidade abertas ficam.

(*Juba.*) Sim; deixei-me
Seduzir desse monstro. Mas nem mesmo

Te dignas arguir-me, nem te abaixas
A castigar-me? Oh céus! Esta vergonha
Não, eu nunca a esperei. Pena tão rude
Merecer a Catão não pensei nunca.

Sou criminoso, sim; porém meu crime
E filho só do erro. Esse perverso
Sob a cor da virtude, do heroísmo
Pérfido mo encobriu, soube enganar-me.

Da pátria minha na rudez selvagem
São ignoradas da perfídia as artes.
A minha singeleza, e poucos anos

Fácil foi de vencer a quem tão dextro
Em artifícios tais, lhes sabe o enredo.
Para salvar teus dias ameaçados,
Para evitar que ao ditador abrisse
Conjuração oculta as portas d'Utica,
Me incitou que saísse c'os meus númidas
Do lado oriental para encontrá-lo.
Cai no engano; e entanto que eu deixava
Quase inerte a cidade, ele e os seus sócios
As portas do ocidente a César abrem.
Conheci, porém, tarde, a vil perfídia;
Caí sobre o traidor e sobre as hostes
Do tirano de Roma; entanto o alarma
Soa na praça, os muros se coroam
De intrépidos romanos. Rechaçada
Por eles, e por mim foi essa turba
Pude na fuga descobrir o monstro...
(*M. Bruto.*) Infame! E ousaste ao meu amigo...

CENA V

(*Catão.*) Este meu pranto... Não taxeis, amigos,
De fraqueza a minha alma: eu não me pejo
De mostrar que sou homem. Filho! Oh filho!
Teu pai em breve... Adeus!... Levai-o, amigos.
(*M. Bruto.*) Não; esse corpo do herói não deve
Sair de nossa vista, antes que o sangue
Corra do matador. Mânlio, soldados,
Dizei, dizei-o vós.
(*Catão.*) Seduziste o príncipe,
Traidor quiseste com algoz perfídia
Ímpio acabar co'a pátria moribunda...
O pai perdoa, o cidadão não deve.

ACTO V – CENA I

(*Catão.*) Olá! Depressa
Mânlio se chame aqui: alguns momentos
A sós me cumpre conversar com ele.
Ide.

CENA II

(*Catão.*) Convém dizer-lhe os meus intentos,
Confiar-lhe as tenções minhas e projectos.
Tímido sim, porém honrado é Mânlio,
Prudente e cauteloso. Sem receios

Descansarei tranquilo. Ei-lo que chega.

CENA III

(*Catão.*)..... Ouviste agora
A voz da sentinela?
(*Mânlio.*) Ouvi; que importa?
(*Catão.*) Quando uma hora mais tiver corrido,
Ouvi-la-ás outra vez; mas esse brado
Eu não o hei-de ouvir.
(*Mânlio.*) Não te percebo.
Porquê?
(*Catão.*) Porque terei morrido.
(*Mânlio.*)... E tu pretendes cometer esse crime!... Tu!
(*Mânlio.*) Porventura
São os de César, são os dos Romanos
Que a César vendem liberdade e pátria?
Morrendo, impedirás que se perpetrem?
Bem o sabes que não.
(*Mânlio.*) A ti! Mas como?
Queres livre morrer como um romano,
Foges a escravidão...
Mas homens, como tu, deixar cegar-se
De fanatismos tais!...
..... da miserável,
Que entre gemidos soluçando os roja?
Ou do fado serão? Crimes do fado,
Então nós é que havemos de levá-los?
Sem criminosos ser, punir-nos-emos?
Se os Céus o querem, se o consentem deuses.
(*Catão.*) Nem o pode mandar a natureza,
Nem do contrário os nunes agravar-se.
(*Mânlio.*) Mas dádiva do Céu nos foi a vida;
E o Céu há-de aprovar?...
(*Catão.*) Só para o mundo vive e só no mundo;
Então mais livre ainda em dispor dela...

CENA IV

(*Juba.*) Catão, acode, vem... subitamente
As coortes de César assaltaram,
Furiosas investem nossos muros.
Já tudo é confusão, tudo desordem.
Nossos poucos soldados cada instante
Aos golpes diminuem do inimigo.
Raros sobre as muralhas já se avistam.
Do ditador as hostes bem conhecem
Nosso mísero estado; audazes correm

Seguras da vitória. Ah! Vem ao menos
Com a tua presença (se é possível)
Animá-los ainda: vem, ou cedo
Em Utica verás...
(*Catão.*) Não verei nada.
(*Juba.*) Como?
(*Catão.*)... Príncipe, vai; vê se aprestadas
Estão no porto as naus, se a levar ferro
Prontas como eu mandei. Faze que embarquem
Todos nossos amigos: vai: só resta
Este único remédio; preciosos
Estes momentos são; parte.
(*Juba.*) Obedeço.

Mas...
(*Catão.*) Vai, príncipe: adeus, adeus.

CENA V (na 1ª edição.)

(*Catão*) Não posso
Deixar de enternecer-me... a vez extrema
Que vejo os meus amigos sobre a terra.
Mânlio, tu sabes quanto te amei sempre...
Hás-de sobreviver-me; hás-de inda, amigo,
Ver Roma escrava... ver a nossa pátria;
Essa pátria que tanto me há custado!
Vê-la-ás em ferros, gemerás sobre ela.
Oh! quando desparzires essas lágrimas
No sepulcro de Roma... então recorda-te,
Lembra-te de Catão... É morta Roma. (*Silêncio*).
Porção da divindade, assaz viveste
No cárcere deste corpo; vai unir-te
À imensidão do ser na eternidade.
Catão... a tua hora derradeira,
Ei-la, soou... amigo, adeus. (*Quer ferir-se.*)

CENA VI (na 1ª edição.)

(*M. B.*) Oh meu pai! oh desgraça! oh fado! oh numes!
Dentro d'Utica já... foi-se a esperança.
Morreu quanto inda havia de Romanos:
Ficámos nos... nós só. Tropel de escravos
Do tirano a montões afluem, correm,
Inundam a cidade... Oh pai! Oh! Dize
O que resta fazer.
(*Catão.*) Tu roubaste-me a espada: não venceste:
Inda tenho este ferro. Oh Roma! Oh pátria! (*Fere-se.*)
(*Catão.*) Deixai-me ao menos... expirar... com honra...

CENA VII (na 1ª edição)

(*Décio.*) Salve-se Catão, se é tempo ainda.

Do imperador as ordens se executem;

Do amigo vencedor nos braços venha

Esquecer... Mas, que vejo... tu...

(*M. Bruto.*) Eis desarmado o peito... a sede apague;

(*M. Bruto.*) Eu!... Ele!... Não!... Porquê!... Sim, monstro, bárbaro!

Sangue! Oh sangue de horror! Mas, vês aquele?

Gota a gota caiu sobre este peito;

Aqui no coração, ei-lo aqui todo.

Meu pai... aquele foi... matou-mo ele.

Mas vive o filho... e o filho há-de vingá-lo.

Filho... do crime... já não temo crimes...

Roma!... Pátria!... Catão! Meus pais são estes.

II

VERSOS DA SEGUNDA EDIÇÃO INTEIRAMENTE SUPRIMIDOS OU MUITO ALTERADOS NA TERCEIRA.

ACTO I – CENA II

(Mânlio.) A potestade infausta, abominosa,
Que lhe alçou esse trono de cadáveres,
Não larga mão do escudo com que o ampara.

CENA III

(Mânlio.) E co' a pátria exalar o extremo alento.
(Semprônio.) De aparatosa, vã filosofia.

CENA VI

(Pórcio.) Que ao jugo correm submeter-se humildes!

ACTO II – CENA I

(M. B.) Quê! Duvidar na escolha – inda um momento!

De morte ou servidão, glória ou ludíbrico,
Homens, romanos, senadores! – Nada...
(Catão.) O insensato expulsai: não mais profane...

CENA IV

(Semprônio.) A Catão a suspeita...

CENA V

(Décio.) Mas...
(Catão.)Já to disse: eu César não conheço.

ACTO III – CENA III

(Catão.) Para os foros de pai há mais deveres...
(M. Bruto.) Guiar-lha ao coração, mostrar-lhe o peito
Onde deve ferir...

CENA VIII

(Pórcio.) Nem já por entre os lábios descorados
Murmurando fugir da pátria o nome!

..... Caros amigos,
Oh! Se podeis, retende-lhe esse golpe!
Oh! Lembrai-vos de Pórcio nesse instante;
Recordai-vos da pátria.

(Juba.) Comigo não a tens?...

(Juba) Que hão-de nossos destinos melhorar-se;
E que ainda de todo os santos deuses
De sobre nós a dextra omnipotente,
Despedados, cruéis não retiraram.

ACTO IV – CENA V

(Semprónio.) Inda é maior que o ódio que te eu tenho.

ACTO V – CENA III

(Mânlio.) Mas quais são esses crimes que pretendes
Evitar com tua morte? Há-de ela, amigo,
Pode ela impedir que se perpetrem?

III

VERSOS DA TERCEIRA EDIÇÃO INTEIRAMENTE SUPRIMIDOS OU MUITO ALTERADOS NA QUARTA.

ACTO I – CENA II

(Mânlio.) Roma, Roma, os teus dias são passados.

ACTO V – CENA III

(Mânlio.) Tu! com tal crime
Hás-de manchar tua glória!
(Catão.) E julgas, Mânlio.
Julgas tu crime o subtrair-se a crimes?
(Mânlio.) E quais crimes evitas com tua morte?
(Mânlio.) Heroísmo e glória
Em ânimo vulgar seria o feito.
Mas em Catão! – Não é maior virtude
Padecer resignado, sofrer quedo,
Contente – a teus Estóicos apelo
Estas árduas provanças da virtude
A que Deus nos votou. São crime os ferros
Dizes tu; mas de quem? Serão do escravo?...
(Catão.) C'o pavês da inocência acobertado,
Firme no pedestal da fortaleza,
Caia o céu, trema a terra, imóvel fica;
O universo vacila, e ele não treme;
Desaba o mundo, – e impávido o contempla
Sem medo à queda, reverter-se ao caos...
(Mânlio.) Bem sei que tais princípios abominas.

Obra digitalizada e revista por Ernestina de Sousa Coelho a partir da 4ª edição revista pelo autor. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2001

<http://www.ipn.pt/literatura>
